

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO E DOUTORADO)

FERNANDA FAVARO BORTOLETTO

SUJEITOS DIASPÓRICOS:
UMA ANÁLISE DAS IDENTIDADES, DA DIÁSPORA E DA ANCESTRALIDADE DAS
PERSONAGENS FEMININAS NA OBRA *O CAMINHO DE CASA*, DE YAA GYASI

Maringá - PR
2023

FERNANDA FAVARO BORTOLETTO

SUJEITOS DIASPÓRICOS:

UMA ANÁLISE DAS IDENTIDADES, DA DIÁSPORA E DA ANCESTRALIDADE DAS PERSONAGENS FEMININAS NA OBRA *O CAMINHO DE CASA*, DE YAA GYASI:

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Literários. Linha de pesquisa: Literatura e Construção de Identidades.

Orientadora: Geniane Diamante Ferreira Ferreira

Maringá - PR
2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

B739s

Bortoletto, Fernanda Favaro

Sujeitos diaspóricos : uma análise das identidades, da diáspora e da ancestralidade das personagens femininas na obra "O caminho de casa", de Yaa Gyasi / Fernanda Favaro Bortoletto. -- Maringá, PR, 2023.

131 f.: il., figs.

Orientadora: Profa. Dra. Geniane Diamante Ferreira Ferreira.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Letras Modernas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

1. Literatura africana. 2. Diáspora. 3. Ancestralidade. 4. Identidade. 5. Interseccionalidade. I. Ferreira, Geniane Diamante Ferreira, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras Modernas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 869.665

Márcia Regina Paiva - CRB-9/1267

FERNANDA FAVARO BORTOLETTO

SUJEITOS DIASPÓRICOS:

UMA ANÁLISE DAS IDENTIDADES, DA DIÁSPORA E DA ANCESTRALIDADE DAS PERSONAGENS FEMININAS NA OBRA *O CAMINHO DE CASA*, DE YAA GYASI:

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Literários. Linha de pesquisa: Literatura e Construção de Identidades.

Aprovado em: 21 de junho de 2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra, Geniane Diamante Ferreira Ferreira
Universidade Estadual de Maringá



Prof. Dra. Alba Krishna Topan Feldman
Universidade Estadual de Maringá



Prof. Dra. Maria Carolina de Godoy
Universidade Estadual de Londrina

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais Carlos e Izelda por sempre estarem presentes, apoiando-me na escolha de tornar-me professora e seguir os estudos na pós-graduação. Também, ao meu irmão Bruno, aos meus avós e ao restante da minha família, que sempre mostraram orgulho pelos caminhos que escolhi para percorrer.

Agradeço ao meu namorado Giovani por segurar minha mão e também ser meu parceiro de vida acadêmica, com quem eu posso compartilhar leituras, momentos de estudo, bem como pedir conselhos sobre dúvidas e apreensões.

À minha orientadora, Geniane Diamante Ferreira Ferreira, pela contribuição com seus conhecimentos, competência e parceria. Foi com a professora Geniane que me apaixonei pela temática pós-colonial e pelo estudo das identidades marginalizadas durante o período da graduação. Meu apreço por essas áreas me acompanhou até o processo seletivo de Mestrado, quando tive a certeza de que ela deveria ser a minha orientadora e encarar essa pesquisa comigo. Obrigada por toda a diligência em me auxiliar com meus questionamentos e por sempre ter sugestões relevantes, que, sem exceção, chegavam em um misto de afeto e sabedoria.

Às professoras Dr^a. Alba Krishna Topan Feldman, Dr^a. Maria Carolina de Godoy e Dr^a Érica Fernandes Alves, que aceitaram participar da banca examinadora do Exame de Qualificação e da Defesa da Dissertação. Suas dicas e direcionamentos foram valiosos para a conclusão desta pesquisa.

Reservo, ainda, um agradecimento especial à professora Alba por estar presente desde meu período de graduação e, agora, poder participar de toda minha trajetória acadêmica até o momento do doutorado. Será um prazer estar sob sua orientação, construindo um estudo juntas.

Gostaria de agradecer também aos meus colegas que conheci ao cursar as disciplinas no período de Mestrado, especialmente à Natacha, à Alexia, à Bruna e ao Pedro. Mesmo distantes, vocês criaram um ambiente seguro para a expressão das angústias e dificuldades enfrentadas ao longo da pós-graduação.

Aos colegas pesquisadores do Grupo de estudos em multiculturalismo e pós-colonialismo (Gemup) por partilharem saberes preciosos para minha formação.

À CAPES, pelo incentivo financeiro para o desenvolvimento da pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, por oportunizar este trabalho.

RESUMO

A diáspora é um fenômeno global presente na história da humanidade desde os relatos dos primeiros seres humanos nômades, até os fluxos migratórios contemporâneos, quando se observam deslocamentos motivados por desastres naturais, conflitos políticos e humanitários, busca de novas oportunidades de trabalho e estudo ou, até mesmo, o interesse de viver novas realidades em diferentes culturas. A partir da abordagem da pesquisa bibliográfica, toma-se, neste estudo, a diáspora como norte, abordando, sobretudo a diáspora feminina. Assim, o objetivo desta dissertação é analisar as identidades, o processo diaspórico e a ancestralidade a partir das personagens femininas do romance *O caminho de casa* (2017), de Yaa Gyasi. A escritora ganense cria a história de duas irmãs, Effia e Esi, que levam destinos diferentes: Esi é capturada em sua comunidade nativa no território ganense para ser escravizada nos Estados Unidos, enquanto Effia precisa se casar com um colonizador britânico e deixar seu povoado para morar no local símbolo da comercialização de escravos africanos, o Castelo Cape Coast. A narrativa relata a trajetória de vida das personagens e seus descendentes de modo a explorar as consequências do encontro com o colonizador para o continente africano e para os povos negros nos Estados Unidos, percebendo de que maneira as opressões que iniciaram há séculos perduram até a contemporaneidade. Segundo as experiências narradas na obra e à luz de referenciais teóricos que versam sobre as temáticas pretendidas nesta pesquisa, notou-se que as identidades das personagens femininas de Gyasi são influenciadas e são capazes de impactar os novos locais de enraizamento. Além disso, focou-se na relação da questão racial, de gênero e classe que, analisadas de maneira interligada, explicam relações de poder presentes na sociedade no decorrer dos séculos, possíveis de ser representadas na narrativa. Por fim, investigou-se que a ancestralidade está inscrita nos corpos das protagonistas do romance, sendo manifestada na obra por meio de símbolos que evocam a presença ancestral e dão força de resistência para combater as injustiças do sistema social. Sob o olhar das teorias de ancestralidade e resistência, discutiu-se que a narrativa de Yaa Gyasi pode ser considerada de resistência em razão da temática que aborda.

Palavras-chave: Diáspora. Identidade. Ancestralidade. Interseccionalidade. Resistência.

ABSTRACT

Diaspora is a global phenomenon present in the history of human kind since the reports of the first nomadic human beings, until the contemporary migratory flows, when it is observed displacements motivated by natural disasters, political and humanitarian conflicts, search for work and study opportunities or even the interest of living new realities in different cultures. Based on the bibliographical research approach, this study takes the diaspora as a guide, especially the female diaspora. Thus, the objective of this thesis is to analyze identities, the diasporic process, and ancestry on the female characters in the novel *Homegoing* (2017) by Yaa Gyasi. The Ghanaian writer creates the story of two sisters, Effia and Esi, who lead different destinies: Esi is captured from her native community in Ghanaian territory to be enslaved in the United States, while Effia must marry a British colonizer and leave her village to live in the place which is the symbol of the African slave trade, Cape Coast Castle. The narrative relates the life trajectory of the characters and their descendants in order to explore the consequences of the encounter with the colonizer for the African continent and for the black people in the United States, realizing how the oppressions that began centuries ago endure until contemporary times. According to the experiences narrated in the book and in the light of theoretical references that deal with the themes intended in this research, it was noted that the identities of the Gyasi's female characters are influenced and are able to affect the new places of rooting. In addition, we focused on the relationship between race, gender, and class, which, when analyzed in an interconnected way, explain power relations present in society over the centuries, which can be represented in the narrative. Finally, we investigated that ancestry is inscribed in the bodies of the protagonists of the novel, being manifested in the work through symbols that evoke the ancestral presence and give strength of resistance to fight the injustices of the social system. From the perspective of the theories of ancestry and resistance, it was discussed that Yaa Gyasi's narrative can be considered one of resistance due to the theme it addresses.

Keywords: Diaspora. Identity. Ancestry. Intersectionality. Resistance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Árvore genealógica <i>O caminho de casa</i>	32
-----------------	---	----

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	NOÇÕES INICIAIS DE <i>O CAMINHO DE CASA</i>, DE YAA GYASI: UM OLHAR PARA PERSPECTIVAS LITERÁRIAS	17
1.1	OS ESTUDOS CULTURAIS.....	17
1.2	A LITERATURA AFRICANA EM LÍNGUA INGLESA	21
1.2.1	A LITERATURA DE GANA	25
1.3	A AUTORA	29
1.4	<i>O CAMINHO DE CASA</i> (2017)	31
1.5	A REPERCUSSÃO DA OBRA: UMA ANÁLISE DO ESTADO DA ARTE .	35
2	A DIÁSPORA E O FLORESCER DAS IDENTIDADES	42
2.1	RAÍZES DA DIÁSPORA	43
2.2	A PRIMAVERA DAS IDENTIDADES	51
2.2.1	O OUTONO DAS IDENTIDADES	58
2.2.2	A FLORA COMO PAISAGEM NACIONAL	64
2.2.3	OS TONS VERDES DA FLORESTA	73
2.2.4	O JARDIM E SUAS DIVERSAS FORMAS	82
3	ANCESTRALIDADE E IDENTIDADE	88
3.1	O ESPAÇO-TEMPO DA ANCESTRALIDADE	90
3.2	CORPOS FEMININOS ANCESTRAIS	97
3.2.1	MÃE-ÁFRICA	99
3.2.1.1	A PEDRA NEGRA	101
3.2.1.2	O FOGO	103
3.2.2	RETORNANDO À CASA	106
3.3	CORPO-RESISTÊNCIA	111
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
	REFERÊNCIAS	125

INTRODUÇÃO

O fenômeno da diáspora acompanha a história da humanidade desde os primeiros seres humanos documentados até os fluxos migratórios ocorridos na contemporaneidade ao redor do globo. Isso significa que não se é possível imaginar uma sociedade em que a diáspora não tenha causado impactos culturais, políticos, sociais, religiosos e ambientais. Além disso, se considerarmos o continente africano como o local de origem da espécie humana, o processo de formação de países e comunidades, só foi possível a partir do deslocamento geográfico.

No caso do continente africano, uma diáspora em específico sobressaiu-se historicamente, impactando permanentemente o futuro de todos os seres humanos e localidades. Trata-se da Diáspora Africana, decorrida no período que compreende o final da Idade Média até o fim do século XIX. Durante este tempo, milhões de africanos escravizados foram forçados a deixar seus lares para serem vendidos e explorados para além do Atlântico.

A Diáspora Negra, como também é conhecida, transformou a dinâmica mundial das sociedades e o processo de seu término foi extremamente conturbado, devido às resistências de certos países de findar o sofrimento dos povos negros escravizados que perdurou por séculos. Apesar do trabalho dos movimentos abolicionistas em conquistar a liberdade para esses povos, eles não foram capazes de colocar um ponto final nas injustiças, na exploração e no colonialismo para sempre enraizado na memória da humanidade.

Desse modo, a escravização iniciada no século VI deu lugar a uma nova forma de subordinação para os sujeitos negros, que, até a contemporaneidade, sofrem opressões e desvantagens no sistema social, econômico, político e educacional em razão de sua raça. A situação agrava-se ao considerarmos as mulheres negras, filhas ancestrais da Diáspora Africana, uma vez que elas são duplamente violentadas por meio de opressões de gênero e raça.

Neste estudo, abordaremos a Diáspora Negra conjuntamente com as diásporas contemporâneas, que não dependem da intolerância e da perseguição para se realizarem. Os fluxos migratórios da atualidade ganham o caráter de livre arbítrio e de busca de novas oportunidades, embora ainda sejam constatados deslocamentos ocorridos em função de desastres naturais, guerras e condições de vida desfavoráveis.

A diáspora feminina será o tema principal desta dissertação, que tem o objetivo de analisar as identidades, o processo diaspórico e a ancestralidade a partir das personagens femininas do romance *O caminho de casa* (2017), de Yaa Gyasi. A escritora ganense cria a história de duas irmãs, Effia e Esi, que têm destinos diferentes: Esi é capturada em sua comunidade nativa no território ganense para ser escravizada nos Estados Unidos, enquanto Effia precisa se casar com um colonizador britânico e deixar seu povoado para morar no local símbolo da comercialização de escravos africanos, o Castelo Cape Coast.

A narrativa explora as consequências do encontro com o colonizador no decorrer dos séculos, com a abordagem das histórias de vida dos filhos, filhas e todos os descendentes das duas irmãs fundadoras. Veremos no estudo que, mesmo que Effia e seus descendentes não tenham sido forçados a se deslocar para além do Atlântico e serem escravizados como Esi, as opressões que eles vivenciaram estão diretamente interligadas com o processo de colonização. Em outras palavras, a escravização à qual foram sujeitos adotou um caráter ideológico, político, religioso e social, que conecta seus destinos com as vivências daqueles povos que foram escravizados de fato.

Nesta pesquisa, pretendemos investigar de que maneira a Diáspora Negra e as diásporas contemporâneas vivenciadas pelas personagens da obra estão relacionadas, bem como de que modo esses deslocamentos impactaram as identidades dos sujeitos negros na atualidade. Para isso, será necessário fazer um percurso de volta para o passado dos sujeitos negros, mas que também considere o momento presente. A maneira que encontramos para tal é a partir do estudo da ancestralidade, continuamente enraizada nos corpos negros e o princípio gerador da força de resistência e conhecimento do passado catastrófico de seu povo.

Antes de iniciar a análise do romance de Yaa Gyasi à luz dos referenciais teóricos que tratam sobre as temáticas pretendidas no estudo, julgamos imprescindível a exposição das justificativas que inspiraram a pesquisadora na realização deste estudo. Neste momento, pedimos licença para adotar um tom mais pessoal para se referir, especificamente, às ideias e crenças da pesquisadora.

Diante da realidade global do aumento de fluxos migratórios nos últimos anos e, sobretudo, em direção ao território brasileiro, julgo impossível não se sensibilizar com a realidade de sujeitos que deixam seus lares para começar uma vida completamente nova em outra localidade distinta daquela que estavam habituados.

É, ainda, inconcebível a ideia de permanecer indiferente às suas dificuldades e vivências ao notar que essas pessoas estão circulando nas ruas, postos de saúde, bancos, hospitais e escolas da cidade em que habitamos.

A cidade de Maringá, no ano de 2021, acolheu aproximadamente 19 mil imigrantes de diversas nacionalidades, como haitianos, venezuelanos, cubanos e angolanos (DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO, 2021). Acredito que um estudo como este que se utiliza de uma obra literária para conhecer as expectativas, sentimentos e, sobretudo, os desafios enfrentados pelas personagens possibilita um vínculo entre a literatura e a realidade. Desse modo, penso que a literatura cumpre o papel de auxiliar na compreensão e no desenvolvimento de uma perspectiva mais sensível dos fenômenos socioculturais em nível global e local, devido ao seu caráter transformador, formativo e humanizador.

Para além disso, como mulher branca consciente de seus privilégios de raça, classe e nível educacional, destaco que é uma oportunidade indescritível poder realizar uma pesquisa como esta que se inicia. Sei que a educação para imigrantes é um direito fundamental brasileiro, embora ainda existam muitos desafios para esses novos cidadãos. Se pararmos para pensar nas oportunidades educacionais para sujeitos diaspóricos de acesso às universidades brasileiras, percebemos que não são muitas instituições que favorecem a garantia desse direito.

Em uma matéria de 2022 do veículo de notícias virtual *Folha de São Paulo* (VICENTE, 2022), indica-se que 32 instituições públicas e privadas no Brasil oferecem cursos e vagas específicas para imigrantes, refugiados e apátridas. Ao comparar com o número de universidades existentes no país e o número de imigrantes em solo brasileiro, vemos que a iniciativa ainda é insuficiente.

Durante os anos de graduação e pós-graduação na Universidade Estadual de Maringá, tive a oportunidade de conhecer apenas três estudantes que ingressaram na universidade, por intermédio da Portaria nº 026/2018. Acompanhando de perto o processo de matrícula, pude perceber a dificuldade dos três alunos em receber informações claras da universidade e adaptar seus documentos para serem aceitos pelo sistema de matrícula. Foi com a ajuda de poucos estudantes engajados em projetos voluntários dentro da instituição que os estudantes conseguiram, enfim, finalizar sua inscrição sem pendências.

Este relato está aqui presente para demonstrar um pequeno exemplo da dificuldade de acesso à educação superior e pesquisa científica que os imigrantes que

escolheram o Brasil como novo lar encontram. Também tenho consciência de todas as adversidades que impedem esses sujeitos de, até mesmo, buscar a educação superior, como por exemplo, as condições socioeconômicas vivenciadas a partir de sua chegada que oferecem aos imigrantes apenas uma saída: trabalhar por sua sobrevivência.

Por essa razão, considero essencial o trabalho aqui proposto por proporcionar um olhar acadêmico representativo para essas populações que não são frequentes na academia. De maneira semelhante, tomo a liberdade, com ressalvas, de endereçar os tópicos de raça, ancestralidade negra e a sua resistência pelo fato de o número de estudantes negros em cursos de pós-graduação no Brasil também ser consideravelmente menor em comparação com o índice de alunos brancos. Para ilustrar esse fato, Ana Crhistina Vanali e Paulo Vinícius Baptista da Silva (2019) mostram que no período de 2003-2009¹, apenas 22% dos estudantes de pós-graduação brasileiros eram negros.

Essa é mais uma razão pela qual acredito que a abordagem da temática racial e diaspórica na pesquisa acadêmica deva ser fortemente difundida. Sendo assim, quanto maior o número de publicações que discutem as particularidades das existências negras e de seu passado, melhor será a democratização e a visibilidade de suas histórias.

Assim, defendo a importância de estudiosos que têm o privilégio de frequentar cursos de pós-graduação de acessar e promover pesquisas que analisam a natureza humana, social, política e econômica vigente na sociedade. A partir da dedicação em propagar seus conhecimentos na esfera acadêmica e na sociedade, pós-graduandos como eu contribuimos para a celebração e a validação de diferentes pontos de vista e narrativas que foram silenciados no decorrer dos séculos.

O objetivo deve ser sempre não alimentar aquilo que Chimamanda Ngozi Adichie (2019) nomeou de história única. Em outras palavras, pesquisas como esta precisam se comprometer em contemplar o “outro lado da história”, aquele que é constantemente minorizado e invalidado pelos grupos hegemônicos que controlam a sociedade. Essa é uma maneira encontrada para que essas histórias não sejam

¹ Não foram localizados estudos recentes que refletem o perfil estudantil nos cursos de pós-graduação brasileiros, por essa razão, optamos por trazer dados presentes em um estudo de 2019, listado no portal de periódicos SciELO, que analisa tais índices.

esquecidas e que a representação, o empoderamento e a resistência dos povos negros estejam presentes em todas as esferas sociais, sobretudo, na acadêmica.

Com a apresentação das justificativas, despeço-me do viés intimista para retomar a apresentação do estudo. Dessa maneira, definimos que esta pesquisa adota o método bibliográfico, fundamentando-se em materiais previamente elaborados, como artigos, teses e livros (GIL, 2008). De modo a designar a estruturação desta pesquisa, delimitamos algumas linhas gerais a respeito da obra a ser investigada, bem como das produções acadêmicas que também a utilizam como *corpus* de pesquisa. Em primeiro lugar, o capítulo 1 inicia-se com a contextualização histórica dos Estudos Culturais, visto que esse campo acolhe as temáticas e teorizações que comporão esta pesquisa.

Em seguida, no mesmo capítulo, exploraremos referenciais que tratam sobre a literatura africana em língua inglesa e a literatura em Gana, para apresentar as características dessas produções semelhantes à obra *O caminho de casa* (2017). Nas seções seguintes, também nos será necessário apresentar a biografia da escritora, detalhar as personagens e o enredo de seu romance, bem como discutir a sua fortuna crítica. No final do primeiro capítulo, levantamos a revisão das literaturas encontradas em plataformas virtuais de busca de artigos em revistas, capítulos de livros e resenhas críticas a respeito do romance em questão.

No capítulo 2, o foco é na exposição da maneira como a diáspora afeta as identidades das personagens femininas de Gyasi. Para tanto, abordaremos referenciais teóricos interessados em descrever o fenômeno diaspórico e estudos sobre as identidades. No decorrer de todo o estudo, associaremos as teorias aos excertos de diálogos e narrações das protagonistas femininas presentes no romance, bem como a outras formas literárias e/ou artísticas extratextuais que abordam a problemática das identidades negras e da diáspora.

Ainda no mesmo capítulo, argumentaremos sobre a questão da identidade fragmentada dos sujeitos diaspóricos, além de relacionar os aspectos identitários das personagens com fatores de nação, raça, gênero e classe, sob o ponto de vista interseccional da mulher negra em diferentes pontos da história. Veremos de que maneira o livro de Yaa Gyasi, que se passa em Gana e nos Estados Unidos, é universal no sentido de possibilitar a aproximação de acontecimentos históricos ocorridos nesses locais à experiência dos sujeitos negros em outros países, como é o caso das vivências das populações negras do Brasil.

O capítulo 3 é destinado a tratar sobre a ancestralidade presente no romance, à luz de estudos acadêmicos e teóricos que dissertam sobre o tema. Primeiramente, associaremos a ancestralidade com as identidades, conduzindo, também, o foco para as identidades femininas. Pensando na figura da mulher ancestral, teceremos uma metáfora da África, a partir da análise de uma personagem da narrativa. Para corroborar com a elucidação, descreveremos os símbolos da pedra negra e do fogo, que trazem significações essenciais para a compreensão da ancestralidade na obra.

Nas últimas seções desta dissertação, preocupamo-nos em discorrer sobre os momentos finais de *O caminho de casa*, mostrando a simbologia do momento em que dois protagonistas retornam ao lar ancestral — fazendo uma referência ao título do romance —, além de pensar sobre os atos de resistência presentes na obra. Essas ações com potência de resistência mostram uma força ancestral que está presente nos corpos negros desde seu nascimento, que são exteriorizadas em formato de rejeição da estrutura hegemônica branca de poder que rege a sociedade.

1 – NOÇÕES INICIAIS DE *O CAMINHO DE CASA*, DE YAA GYASI: UM OLHAR PARA PERSPECTIVAS LITERÁRIAS

Iniciamos este estudo situando a área de análise que permeará as discussões aqui propostas. Veremos que os Estudos Culturais se encaixam na proposta deste trabalho por preocupar-se com as identidades e por suas pesquisas possibilitarem o amadurecimento e a expansão de temáticas sociais como questões de gênero, raça, sexualidade, fluxos migratórios, entre outras. Quando combinamos os estudos da cultura com a esfera da literatura, abrem-se portas para produções literárias de autoria africana, como é o caso do romance analisado nesta dissertação, *O caminho de casa*.

Isto posto, construímos nesse capítulo contextualizações gerais acerca da área de pesquisa em que esse estudo se insere, do conjunto literário que abarca a narrativa de Yaa Gyasi e de publicações nacionais e internacionais a respeito da mesma obra.

1.1 OS ESTUDOS CULTURAIS

Os Estudos Culturais surgem nos anos 1950 e, a partir de então, vêm sendo amplamente explorados por influentes pesquisadores de diversos ramos da área das Ciências Humanas. Segundo a professora e pesquisadora Maria Elisa Cevasco (2003), os Estudos Culturais revolucionaram a maneira tradicional de estudar a cultura, trazendo como projeto “o estudo da cultura dita popular e dos fenômenos da vida cotidiana” (CEVASCO, 2003, p. 7).

Seu surgimento não está ligado a algum intelectual que criou o termo ou as disciplinas universitárias, como frequentemente acontece com os campos de investigação presentes na academia. A teórica Elisa Cevasco (2003) demonstra que os estudos de cultura surgiram com base na necessidade política da promoção de recursos educacionais igualitários e democráticos para todos os indivíduos, sobretudo aqueles que não possuem o mesmo acesso a ela.

Desse modo, com a formação da organização *Workers' Educational Association* (WEA), originou-se uma iniciativa de educação para trabalhadores com o propósito de estabelecer a consciência social e a integração da classe de trabalhadores na sociedade. Conforme o pensamento da autora, nesse modelo de aulas, as trocas de conhecimento entre educadores e alunos eram fundamentais,

utilizando-se de experiências cotidianas e modificações culturais notadas pelos estudantes para atingir os objetivos educacionais.

Este projeto inspirou e possibilitou a organização teórica do que conhecemos por Estudos Culturais na atualidade. De acordo com Stuart Hall (2016), teórico britânico-jamaicano e um influente sociólogo dos Estudos Culturais, teóricos como Richard Hoggart, F. R. Leavis, Raymond Williams e E. P. Thompson foram seminais para a constituição da disciplina e para a definição de uma teoria crítica da cultura, iniciada na Inglaterra, sendo difundida para outros países até a contemporaneidade.

Segundo ele, os primeiros autores a teorizarem sobre a cultura foram os responsáveis por vislumbrá-la não somente como algo oralizado ou tradicional, mas a partir de uma perspectiva política, situando-a na academia e no cânone literário inglês. Em seu estudo intitulado *Cultural Studies 1983: a theoretical history*, Hall (2016) faz uma revisão histórica detalhada das contribuições desses grandes teóricos, apontando que o nome de Richard Hoggart se destaca por ser o responsável por institucionalizar de maneira formal o projeto dos Estudos Culturais enquanto disciplina, sendo também o responsável por estabelecer o *Centre for Contemporary Cultural Studies*, na Universidade de Birmingham, em 1964.

Em sua pesquisa, Hall (2016) almeja demonstrar que os estudos da cultura são fortemente influenciados pelos literários, visto que vários de seus teóricos eram, de fato, críticos literários, em busca de uma compreensão do fenômeno cultural. Assim, “quando Hoggart escreve sobre a cultura, ele está escrevendo, portanto, como um crítico literário, na tentativa de fazer o tipo de análise ou leitura da verdadeira vida social e cultural que ele faria em um poema ou romance²” (HALL, 2016, p. 8).

O autor indica que Hoggart, portanto, inscreve-se na tradição literária cultural quando ele inicia seus estudos de análise da cultura, utilizando uma imaginação literária. Com esse método, ele conduz uma observação e descrição do cotidiano das pessoas comuns da sociedade, como a classe trabalhadora industrial, e percebe que suas vidas constituíam um padrão cultural válido, mesmo que destoante dos valores culturais dominantes e valorizados pelas classes mais altas (HALL, 2016).

Obs.: Todas as traduções de trechos que não se encontram em português brasileiro no decorrer deste estudo foram feitas pela autora.

² “[...] when Hoggart writes about culture, he is writing therefore as a literary critic, attempting to do the kind of analysis or reading of real social and cultural life that he would do on a poem or a novel” (HALL, 2016, p. 8).

Hall (2016) mostra, ainda, que o crítico literário inglês F. R. Leavis também acreditava na conexão entre a crítica literária e a tradição cultural. Segundo as palavras de Hall (2016), uma de suas maiores contribuições para o campo foi pensar a cultura “como um modo de vida completo ou como padrões distintos com os quais as pessoas vivem suas vidas e se relacionam umas com as outras³” (HALL, 2016, p. 15). Ou seja, a concepção de que a cultura é manifestada em práticas e padrões intimamente interligados e que estão em todo lugar no meio social.

A contribuição de Raymond Williams aos Estudos Culturais, proposta por Hall (2016), vincula-se com a incorporação de relações entre o contexto político, histórico e econômico na análise literária, não se abstendo somente às suas relações com a cultura. Ele promove essa discussão ao rever o cânone literário, levando em consideração todos os aspectos históricos e políticos.

Sua relevância também se associa à incorporação da teoria Marxista nos Estudos Culturais. No entanto, em vez de investigar a cultura, apegando-se somente à sua identificação e aos seus diferentes valores em cada classe, “Williams quer levantar a questão mais dinâmica do que acontece na formação social como um todo, na qual as diferentes culturas de classe interagem⁴” (HALL, 2016, p. 36). Assim, Raymond Williams reconhece e compactua com os ideais Marxistas sobre a luta entre as classes e a natureza predominantemente exploradora do capitalismo, mas expande sua análise para o campo cultural, pensando a cultura como um conjunto de práticas sociais que se cruzam mutuamente, constituindo a sociedade (HALL, 2016, p. 38).

Outro teórico fundamental para os anos iniciais dos Estudos Culturais é o historiador inglês Edward Thompson, que, segundo Hall (2016), complementa o trabalho de Williams introduzindo a ideia de que a melhor maneira de definir como as culturas se modificam e se desenvolvem é a partir de noções de história, processo histórico, contestação e luta. Deste modo, as culturas mudam a partir desse processo histórico que não é visto como uma evolução de um modo de vida, em comparação com maneiras de viver anteriores. Para Hall (2016), Edward Thompson observa tal mudança como “a luta contínua entre culturas que se contestam. Assim sendo,

³ “[...] as a whole way of life or as the distinctive patterns with which people live their lives and relate to one another” (HALL, 2016, p. 16).

⁴ “[...] Williams wants to raise the more dynamic question of what happens in the social formation as a whole, in which the dif-ferent class cultures interact” (HALL, 2016, p. 36).

Thompson redefine o processo de mudança cultural, não por meio da modificação, adaptação e negociação, mas a partir da contestação e da luta⁵ (HALL, 2016, p. 41).

Com a popularização dos Estudos Culturais, novas noções e teorias foram introduzidas, sendo um trabalho que continua até os dias atuais, com um extenso corpo de pesquisas de diversas áreas do conhecimento a respeito da cultura. Uma inovação da investigação da cultura em relação aos preceitos dos teóricos clássicos aqui debatidos é o pensamento da identidade como um componente indissociável da cultura. O crítico literário estadunidense Jonathan Culler (1999) afirma que

o projeto dos estudos culturais é compreender o funcionamento da cultura, particularmente no mundo moderno: como as produções culturais operam e como as identidades culturais são construídas e organizadas, para indivíduos e grupos, num mundo de comunidades diversas e misturadas, de poder do Estado, indústrias da mídia e corporações multinacionais (CULLER, 1999, p. 49).

Vemos como o autor revela a preocupação desse campo de estudo com as questões da identidade e sua natureza controversa e diversificada ao que se refere a seu processo de formação e a como é vivida e transmitida. Além disso, percebemos que as identidades não hegemônicas são priorizadas e investigadas com base nas relações de poder construídas com o meio social.

Por abranger uma temática primordial da existência humana, os estudos da cultura são frequentemente abordados pelo âmbito sociológico, político, antropológico, filosófico e artístico, utilizando-se de diferentes formas de expressão. O campo da literatura foi revolucionado pelos Estudos Culturais, sendo possível, até mesmo, “pensar os estudos de cultura como extensão do campo dos estudos literários” (CEVASCO, 2003, p. 138). A grande influência que os estudos da cultura exerceu nos estudos literários também é explicada a partir do fato já mencionado de que teóricos como Hoggart e Leavis eram, de fato, críticos literários que se debruçaram nos estudos da cultura.

Para além disso, com o diálogo entre literatura e estudos de cultura facilitado pelos autores críticos literários citados, a própria obra literária passa a ser observada como uma prática cultural. Culler (1999) aponta que quando ela é vista dessa maneira,

⁵ “[...] as the continuous struggle between contesting cultures. So Thompson redefines the process of cultural change, not through modification, adaptation, and negotiation, but through contestation and struggle” (HALL, 2016, p. 41)

torna-se possível a observação da literatura como uma manifestação complexa, capaz de representar e refletir diferentes realidades sociais.

Há que se lembrar que a ficção, embora trate de histórias particulares, de personagens criadas pela imaginação do(a) autor(a) que também têm histórias que parecem únicas, trata da representação de milhares de pessoas e suas histórias reais. Daí a importância da literatura vista como meio de análise cultural. Assim, a utilização da literatura para a análise e/ou representação cultural possibilita uma maior abrangência de conhecimento de realidades culturais por parte dos indivíduos, uma vez que obras literárias representam e atingem públicos de diferentes raças, classes, gêneros e faixas etárias com a sua publicação ao redor do mundo.

Pensando nisso, muitas obras literárias escritas após o surgimento dos Estudos Culturais passam a se preocupar com temas sensíveis como os diversos tipos de preconceito existentes e a alteridade, com a representação de personagens que fogem do padrão branco preponderante na sociedade ocidental, como é o caso de figuras negras, indígenas, imigrantes, pertencentes à comunidade LGBTQIA+, pessoas com deficiência, entre outros.

Por esses grupos estarem presentes na sociedade, eles são retratados na literatura e podem ser investigados à luz dos conceitos e objetivos dos Estudos Culturais, contribuindo para a produção científica neste campo teórico interdisciplinar e para a disseminação do exercício da alteridade para diferentes públicos. Assim, esse estudo almeja fazer o mesmo, utilizando o romance *O caminho de casa* para uma análise que transcende o mundo literário, também observando os aspectos culturais e sociais representados na obra e discutindo-os com aportes teóricos dos Estudos Culturais.

1.2 – A LITERATURA AFRICANA EM LÍNGUA INGLESA

Considerando a grandeza do continente, com um total de cinquenta e quatro países que o compõem e centenas de etnias com línguas e dialetos próprios, a África possui inúmeras formas artísticas e literárias que não são documentadas ou não ganham visibilidade no panorama mundial ditado por padrões ocidentais. No entanto, como em qualquer outra sociedade, essas manifestações artísticas sempre existiram.

O que ocorre é que os produtos culturais e obras de literatura produzidos por artistas africanos só começaram a ganhar notoriedade fora do continente com o advento dos Estudos Culturais, que passaram a reconhecer e celebrar as produções localizadas à margem da cultura eurocêntrica tradicional. Assim, como vertente dessa área de estudo, a disciplina dos estudos pós-coloniais demonstrou um interesse particular na Literatura Africana que, segundo a professora Madhu Krishnan (2014), tornou-se um subcampo de rápido crescimento dentro dos estudos pós-colonialistas.

Para melhor entendimento dessa disciplina, é necessário expor que o pós-colonialismo surge para discutir os impactos do colonialismo, investigando as experiências políticas, linguísticas e culturais das sociedades que são ex-colônias europeias (ASHCROFT, GRIFFITHS, TIFFIN, 2007, p. 168), de modo a entender a divisão hierárquica do mundo. Edward Said (1990) apresenta uma perspectiva sobre o assunto ao teorizar que o Ocidente criou uma relação de poder e dominação em relação ao Oriente, delimitando que os países do Oeste, principalmente os europeus, são vistos como superiores e privilegiados, enquanto os do Oriente se encontram em uma posição inferior, considerados atrasados no âmbito cultural, social e político.

Levando em consideração seu objeto de estudo, é fácil compreender as razões pelas quais os estudos pós-coloniais adotaram a literatura Africana como um aspecto integral de seu programa de investigação literária (KRISHNAN, 2014, p. 4). No entanto, como indicamos anteriormente, não é a partir do interesse acadêmico a respeito da cultura que essa literatura surgiu, uma vez que as manifestações literárias sempre existiram, sobretudo na cultura oral de seus povos.

Krishnan (2014) aponta que as primeiras aparições de textos africanos encontradas se tratam de narrativas de escravizados e escritas missionárias, da época da colonização do continente. Mesmo reconhecendo tais dados,

como uma instituição, o desenvolvimento da literatura africana pode ser atribuído ao ano de 1957, quando um jovem nigeriano locutor de rádio chamado Chinua Achebe, sob o conselho de amigos, mostrou um manuscrito de um romance narrando a saga de três famílias na Nigéria pré-colonial para um instrutor em seu curso de formação na BBC, em Londres⁶ (KRISHAN, 2014, p. 130).

⁶ “As an institution, the development of African literature can be traced back to 1957, on the advice of friends, showed a manuscript for a novel chronicling the saga of three families in pre-colonial Nigeria to an instructor at his BBC training course in London” (KRISHNAN, 2014, p. 130).

Após a sua publicação, o romance de Achebe, intitulado *Things Fall Apart*, ou, em sua tradução para o português, *O mundo se despedaça*, tornou-se a obra fundadora da literatura africana moderna, apesar de não ter sido o primeiro escritor africano a escrever um romance em língua inglesa que foi publicado em outros continentes. A importância de sua obra é explicada pela professora Krishnan (2014), que demonstra que o romance moldou a literatura africana por ser a primeira obra que retratou uma história diferente da colonização africana, com uma perspectiva anticolonial humanizadora. Para ela, é um marco da “primeira ocasião em que o grito do continente contra os seus mestres pode ser ouvido⁷” (KRISHNAN, 2014, p. 132).

Podemos nos questionar: se a obra de Achebe foi o primeiro grito do continente contra o colonialismo, por que essa voz está se utilizando da língua de seu colonizador? O próprio escritor responde a essa pergunta controversa que preocupa os teóricos dos estudos africanos há décadas. Conforme a teoria do crítico nigeriano, a literatura africana é complexa, não havendo uma clara definição para ela. Diferenciando a literatura nacional, como sendo aquela escrita em uma língua que toda o continente é capaz de ler, da literatura étnica, aquela voltada apenas para um grupo étnico da nação, Achebe (1997) reconhece a validade da literatura africana em língua inglesa ao teorizá-la como “a soma de todas as literaturas nacionais e étnicas da África” (ACHEBE, 1997, p. 27).

Seu principal argumento em defesa da utilização da língua inglesa é o fato de que, na realidade, todas as nações da África que existem até hoje foram uma invenção dos britânicos. De acordo com Chinua Achebe (1997), os escritores africanos que não escrevem em suas línguas maternas não podem ser vistos como não patriotas ou como imitadores de tendências europeias, eles são apenas “subprodutos dos mesmos processos que fizeram os novos estados-nação da África⁸” (ACHEBE, 1997, p. 28).

Como o passado não pode ser modificado, o escritor convida seus leitores a olhar o continente em seu momento atual e refletir que o colonialismo, afinal, uniu vários povos que eram totalmente desagregados no passado, por meio da língua inglesa. Entretanto, as considerações do romancista sobre a utilização da linguagem do colonizador na literatura africana concluem-se na necessidade da criação de um novo inglês, uma língua que ainda carrega vínculos ancestrais com a sua terra nativa.

⁷ “[...] the first occasion in which the continent’s cry back to its masters might be heard” (KRISHNAN, 2014, p. 132).

⁸ “by-products of the same processes that made the new nation states of Africa” (ACHEBE, 1997, p. 28)

A visão do autor coloca a literatura africana em língua inglesa sob a condição de resistência, dado que a linguagem do colonizador é apropriada pelo escritor, que nela imprime peculiaridades de sua cultura e de sua tradição ancestral. Essa é uma característica relevante desse tipo de literatura: passar sua mensagem na língua inglesa por meio de trocas com a sua própria existência e experiência africana.

Outra particularidade da literatura da África é o seu caráter profundamente político, como denota a pesquisadora Eileen Julien (1995). A natureza politizada da literatura africana é comprovada com o grande número de escritores africanos contemporâneos que também são figuras públicas, que têm o papel de comentar sobre temas africanos contemporâneos como a política e a cultura, por exemplo, representando o continente em contextos mundiais. Além de Chinua Achebe, o ativista nigeriano mais influente de seu tempo, podemos citar a escritora feminista Chimamanda Ngozi Adichie, que atualmente é convidada para palestras e falas em diferentes países, inclusive no Brasil, por apresentar uma escrita e uma postura política predominantemente crítica em relação ao colonialismo, à dominação feminina, aos efeitos da diáspora e às questões políticas de seu país de origem.

Embora a escritora Yaa Gyasi seja mais tímida para os palcos e as câmeras internacionais, sua obra não deixa de transparecer o teor crítico e político do período escravocrata e sua herança de racismo, de apagamento da cultura africana e de imposição de valores e crenças ocidentais. Além disso, uma característica intrínseca à literatura africana que Gyasi compartilha é o fato apontado por Madhu Krishnan (2014) de que seus escritores são, em sua maioria, produtos da diáspora.

Veremos posteriormente o histórico de vida da escritora de *O caminho de casa*, mas adiantamos que ela é, também, fruto de um passado diaspórico, por ter se mudado para o ocidente, nos Estados Unidos, continuando sua vida de estudo e trabalho em um país que não é o seu de origem. Assim, ao afirmar que a “literatura africana é uma forma amplamente diaspórica⁹”, Krishnan (2014, p. 166) possibilita a teorização sobre uma literatura a qual a marca do deslocamento, da distância e do pertencimento a um lar — como o próprio título sugere — atravessa a obra da escritora ganense e de tantos outros escritores oriundos do continente africano.

⁹ “*African literature is a largely diasporic form*” (KRISHNAN, 2014, p. 166).

1.2.1 – A LITERATURA DE GANA

Antes de qualquer consideração a respeito da produção literária em Gana, julgamos necessária a apresentação de um panorama geral sobre a história do país, sobretudo a respeito das informações históricas essenciais para uma melhor compreensão do contexto ao qual alguns acontecimentos narrados em *O caminho de casa* se inserem.

Gana está localizada no oeste do continente africano e é considerada a primeira nação da África subsaariana a conquistar a independência colonial, em 1957 (GEARY, 2012, p. 42). O país é composto por mais de cinquenta etnias, entre as quais 44 por cento da população ganense pertence ao grupo Akan, ou acã. Segundo o professor Roger Gocking (2005), esse grupo pode ser subdividido em onze outros, sendo que os axântis, os fantis, os aquíéns, os zemas e os akwamus são os povos mais numerosos da etnia. Quanto à origem de seu nome, as autoras Patricia Levy e Winnie Wong (2010) traçam um paralelo com o nome de um antigo reino no norte do país de mesma nomeação, o qual muitos cidadãos ganenses acreditam serem seus descendentes.

Na obra editada por Grederic P. Miller, Agnes F. Vandome e John McBrewster (2009), apresenta-se que os Portugueses foram os primeiros colonizadores europeus a chegarem à costa de Gana, em 1471. Os colonizadores provindos de diversos países europeus nomearam o país como *Costa do Ouro*, graças aos imensos recursos de ouro encontrados na área. O ouro foi uma importante moeda de troca entre os colonizadores e a população ganense, “embora o tráfico de escravizados fosse a principal troca por vários anos¹⁰” (MILLER, VANDOME, MCBREWSTER, 2009, p. 1).

Já no início dos anos 1700, o escravismo estava consolidado e consistia na mais importante troca comercial de Gana. De acordo com Levy e Wong (2010), grupos axântis tiveram um grande papel nesse dado, visto que eles viajavam para terras de outros grupos para capturar e vender pessoas inocentes, que seriam aprisionadas em fortes e calabouços de castelos e enviadas para além do oceano Atlântico. Por essa razão, o povo axânti se tornou o império mais rico e poderoso da África Ocidental.

Em 1821, a Costa do Ouro Britânica foi criada, conferindo aos britânicos poder total sobre as terras e riquezas do país e expulsando outros colonizadores europeus,

¹⁰ “[...] although slave trade was the principal exchange for a number of years” (MILLER, VANDOME, MCBREWSTER, 2009, p. 1).

como os portugueses e os holandeses, como expõem Miller, Vandome e McBrewster (2009). Nessa época, os britânicos começaram a notar que o grupo axânti estava se tornando uma ameaça ao seu poder, portanto, os colonizadores também desenvolveram relações comerciais com o grupo fanti, incentivando-os militarmente (LEVY, WONG, 2010, p. 26). A partir dessa ajuda militar, aliada a outras questões territoriais e culturais entre os dois grupos étnicos, intensificou confrontos entre os povos axântis e fantis, fato que “contribuiu para o crescimento da influência britânica na Costa do Ouro¹¹” (MILLER, VANDOME, MCBREWSTER, 2009, p. 5), sustentada por mais de um século, até a independência de Gana, em 1954.

Com essa contextualização histórica, podemos pensar nas características e formas da literatura individual desse território. O poeta ganês Kofi Anyidoho (2000) organiza, juntamente com o professor James Gibbs, uma coletânea de trabalhos acadêmicos sobre a literatura, o teatro e a produção cinematográfica de Gana e, em sua contribuição disserta sobre a realidade do país a respeito do acesso da população à língua inglesa. Segundo o poeta, a minoria da população tem acesso à literatura de Gana em inglês, devido à falta de conhecimento da língua que, embora seja considerada a língua oficial do país, apenas as pessoas mais abastadas e com um nível de educação mais elevado têm ao seu alcance.

Assim, grande parte dos seus habitantes apoiam-se em toda a multiplicidade de línguas e dialetos locais para a comunicação e para a produção literária que, como Kofi Anyidoho (2000) indica, é composta, majoritariamente, pela tradição oral. No entanto, o autor identifica quatro formas principais de expressão literária em Gana, que tornam a sua literatura um fenômeno complexo:

Literatura oral (principalmente nas várias línguas locais); literatura popular (algumas escritas, algumas em forma oral, tanto em inglês quanto em línguas locais); literatura escrita em línguas ganenses; literatura escrita em inglês; e a categoria especial de literatura infantil, tanto em inglês e línguas ganenses¹² (ANYIDOHO, 2000, p. 7).

¹¹ “[...] contributed to the growth of British influence on the Gold Coast” (MILLER, VANDOME, MCBREWSTER, 2009, p. 5).

¹² “oral literature (mostly in the various local languages); popular literature (some of it written, some of it in oral form, in both English and local languages); literature written in Ghanaian languages; literature written in English; and the special category of children’s literature, in both English and Ghanaian languages” (ANYIDOHO, 2000, p. 7).

Tratando-se de características de sua literatura, Anyidoho (2000) aponta para a abundância de metáforas e símbolos que dominam produções literárias, cinematográficas e teatrais. Assinalando as quatro simbologias mais importantes de sua literatura, o acadêmico menciona o pássaro *Sankofa*, a figura de Ananse (o Homem-Aranha de Gana), o tambor primordial e o forte de escravizados ou o castelo.

Para o autor, a imagem de *Sankofa* remete a um pássaro presente em um provérbio antigo de Gana que estava em constante busca pelo passado, sem perceber que estava em direção a um futuro, descuido esse que poderia o levar à ruína de seus sonhos. Já as origens mitológicas de Ananse, a poderosa figura do Homem-Aranha africano que desce por uma teia para contar as histórias ancestrais para seu povo, apontam para a simbologia de um povo em busca de sua nacionalidade. Semelhantemente, os tambores também simbolizam a identidade nacional, dado que esse objeto está predominantemente inserido na vida das comunidades e nas atividades do país, recebendo um papel primordial nas tradições ganenses.

Nesta pesquisa, o símbolo que mais dedicaremos atenção e que, como veremos posteriormente, é uma peça central do romance de Yaa Gyasi, é o castelo ou o forte dos escravizados. De acordo com Kofi Anyidoho (2000), o destaque dessa simbologia pode ser explicado pelo fato de que nas últimas décadas houve um despertar cultural generalizado que culminou no lançamento do Pan-African Historical Theatre Festival (PANAFEST), em 1991, um festival cultural que atribuiu a Gana a condição de “lar do Pan-Africanismo” na África.

O Pan-Africanismo é definido pela organização internacional União Africana como

uma ideologia e movimento que encoraja a solidariedade de africanos ao redor do mundo. É baseado na crença que a unidade é vital para o progresso econômico, social e político e almeja ‘unificar e elevar’ os povos de descendência africana. A ideologia afirma que os destinos de todos os povos e países africanos estão interligados. Em sua essência, o pan-africanismo é a crença de que os povos africanos, tanto no continente quanto na diáspora, compartilham não apenas

uma história comum, mas um destino comum¹³ (AU Echo 2013¹⁴, p. 1 *apud* Kumah-Abiwu; Ochwa-Echel, 2013, p. 124).

A ideologia do Pan-Africanismo mostra-se preocupada com as relações entre o continente africano e a diáspora, bem como ao passado traumático colonialista. Por ser o berço do movimento, Gana e sua produção cultural e literária recebem influências diretas do Pan-Africanismo, transparecendo em suas obras o caráter político e a conexão ancestral de um povo com sua terra.

Voltando para a metáfora do castelo, o professor ganense Kwadwo Opoku-Agyemang (2000) também a discute, focando, sobretudo, no Castelo de Cape Coast. Como o autor apresenta, junto com o Castelo de São Jorge da Mina (Elmina Castle) e o Castelo de Christiansborg, este é um dos três castelos de escravizados na costa de Gana, que, em menos de 500 quilômetros, possui mais de setenta castelos, fortes e feitorias em sua extensão. Esses dados fazem de Gana o país com a maior quantidade de locais destinados ao tráfico e ao aprisionamento de escravizados (OPOKU-AGYEMANG, Kwadwo, 2000).

O projeto do Castelo de Cape Coast iniciou-se em 1650 e se tornou o mais importante do continente, por ser a sede onde se concentravam os comerciantes de escravizados europeus mais poderosos e abastados, segundo Opoku-Agyemang (2000). Para o pesquisador, a simbologia do castelo relaciona-se ao fato de que ele deve ser considerado “uma ameaça e uma humilhação, uma lembrança viva e ativa dessa sociedade como vítima [...]. O Castelo é uma provocação permanente ao pensamento e à ação: sob o seu desarmamento repousa toda a liberdade de um povo¹⁵” (OPOKU-AGYEMANG, Kwadwo, 2000, p. 27).

Atualmente, o Castelo é considerado um Patrimônio Mundial da UNESCO, sendo transformado para fins educativos em local de turismo étnico e patrimonial, além de ser um memorial de todas as vidas perdidas no período escravocrata, como

¹³ *“an ideology and movement that encourages the solidarity of Africans worldwide. It is based on the belief that unity is vital to economic, social and political progress and aims to ‘unify and uplift’ people of African descent. The ideology asserts that the fates of all African peoples and countries are intertwined. At its core Pan-Africanism is a belief that African peoples, both on the continent and in the Diaspora, share not merely a common history, but a common destiny”* (AU Echo 2013, p. 1 *apud* Kumah-Abiwu; Ochwa-Echel, 2013, p. 124).

¹⁴ Este documento não está mais disponível no acervo *on-line* da União Africana, portanto, fizemos a escolha de trazer a referência presente em uma pesquisa mais antiga sobre o assunto.

¹⁵ *“[...] as a threat and a humiliation, a living and active reminder of this society as victim [...]. The Castle is a standing provocation to thought and action: upon its disarming rests a whole people’s freedom”* (OPOKU-AGYEMANG, Kwadwo, 2000, p. 27).

a professora Laura Murphy (2012) esclarece. O seu aparecimento na literatura ganense em formato de metáfora tem um caráter duplo: “significa o local de onde os africanos foram expulsos de seus lares, bem como o local no qual, gerações depois, seus descendentes (tanto literais quanto simbólicos) finalmente encontrarão seu lar ancestral¹⁶” (MURPHY, 2012, p. 14). Assim, a presença do castelo e do forte de escravizados revela o tema mais recorrente e, conseqüentemente, a característica principal dessa escrita literária: a presença aparentemente silenciosa de uma lembrança viva do tráfico de escravizados.

1.3 – A AUTORA

Yaa Gyasi nasceu no ano de 1989, em Mampong, em Gana, onde habitou por dois anos, até mudar-se com sua família para Ohio, nos Estados Unidos, em 1991. A viagem foi motivada pela conclusão do PhD de seu pai, Kwaku Gyasi, um professor de francês na University of Alabama, em Huntsville.

Em uma entrevista conduzida pela editora Jill Owens publicada no site da rede de livrarias Powell's Books, Yaa Gyasi relata sobre os lugares que morou durante sua infância, afirmando que após Ohio, a família mudou-se para os estados de Illinois e Tennessee, fixando moradia em Huntsville, no Alabama, quando a escritora tinha nove anos de idade. A autora morou na mesma cidade durante toda sua adolescência, até se mudar para Stanford, na Califórnia, para fazer o curso de graduação, recebendo o título de *Bachelor of Arts in English*.

Durante seu segundo ano de graduação, Yaa Gyasi recebeu a bolsa de estudos intitulada *The Chappell Lougee Scholarship*, um financiamento universitário para a realização de um projeto na área das humanidades, artes criativas e ciências sociais. Gyasi conta que utilizou o subsídio recebido em uma viagem à Gana em 2009, onde obteve inspiração para a escrita da sua obra literária de estreia, *O caminho de casa*, após uma visita guiada pelo Castelo de Cape Coast.

Sua viagem a Gana para a escrita do romance foi a segunda vez que a autora voltou ao seu país de origem desde 1991, quando se mudou para os Estados Unidos.

¹⁶ “It signifies the site from which Africans were expelled from their homes as well as the site at which, generations later, their descendants (both literal and symbolic) will finally find their ancestral home” (MURPHY, 2012, p. 14).

Na visita, Gyasi ficou impressionada e sensibilizada pelas informações históricas do país que nunca havia aprendido em nenhuma disciplina ou em nenhum livro de história antes. Após seu retorno aos Estados Unidos, a escritora dedicou-se a pesquisas acerca da história de Gana e dos Estados Unidos, tornando a escrita do romance um longo processo, que se iniciou com a viagem para a sua terra natal até sua publicação em junho de 2016.

Outra grande inspiração para a sua obra foi o fato de que, em seu país de origem, a família de seu pai pertencia ao grupo étnico axânti, enquanto sua mãe, a enfermeira Sophia Gyasi, era do grupo fanti. Assim, após a sua ida aos Estados Unidos, seus pais tentaram manter e perpetuar algumas tradições e crenças ganenses para seus filhos, que foram agregadas às experiências vividas no novo território com o passar dos anos. Yaa Gyasi, no entanto, reforça que passou a sua vida inteira enfrentando questionamentos, por se sentir dividida entre dois locais. A autora, em uma entrevista para a revista literária *The Rumpus*, afirma:

Eu não me sinto ganense o suficiente quando estou em Gana, eu não me sinto americana o suficiente quando estou na América, e essa transposição desses dois mundos onde eu sinto algum tipo de alienação de ambos os lados das coisas foi realmente reveladora e realmente a coisa que este livro estava tentando investigar, essa dupla consciência¹⁷ (GYASI, 2016).

Deste modo, toda a experiência de escrita de *O caminho de casa* foi uma construção de conhecimentos adquiridos com base em pesquisas históricas e aqueles adquiridos com os episódios narrados e as personagens criadas, visto que eles auxiliaram a autora em seu processo de autoconhecimento e de compreensão de suas origens ancestrais. Tomada por inspiração e influenciada por escritores como Toni Morrison, James Baldwin, Edward P. Jones, Gabriel García Marquez e Chinua Achebe, como revelado em suas entrevistas, Yaa Gyasi compõe sua obra prima de estreia, que será debatida nesta pesquisa.

Além de seu primeiro romance, a autora também se dedicou à escrita de contos, que foram publicados em revistas como *Callaloo*, *Guernica* e *African American*

¹⁷ “I don’t feel Ghanaian enough when I’m in Ghana, I don’t feel American enough when I’m in America, and this straddling of these two worlds where I feel some kind of alienation from either side of things was really eye-opening and really the thing that this book was trying to investigate, that double-consciousness” (GYASI, 2016).

Review. Em 2020, Gyasi publicou seu segundo romance intitulado *Reino transcendente*, no original, *Transcendent Kingdom*, cujas personagens representam a experiência imigrante, enfrentando desafios como o racismo, o vício, a pobreza e a depressão.

1.4 – O CAMINHO DE CASA (2017)

O romance de Yaa Gyasi foi publicado em 2016 com o título original *Homegoing*, sendo lançado em português no Brasil em 2017, pela editora Rocco. A obra é o romance de estreia da escritora ganense e retrata a vida de uma família no decorrer de séculos na história, a partir da separação das irmãs Effia e Esi.

A história inicia-se com o capítulo intitulado *Effia*, que relata o incêndio ocorrido no dia do nascimento de Effia Otcher na aldeia fanti e a fuga de sua mãe, Maame. Ela era escravizada nessa aldeia e, na fuga consegue voltar para a aldeia axânti, onde passa a viver sua vida livremente casada com o Grande Homem Asare, pai de sua filha Esi Asare.

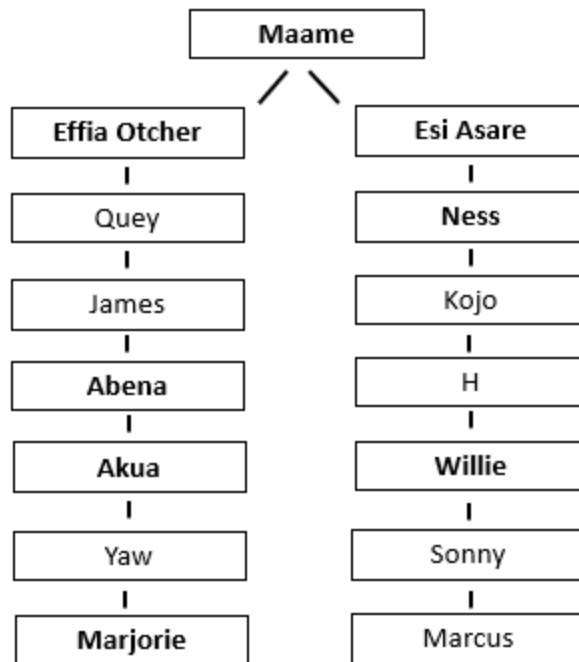
Effia casa-se com James Collins, o governador do Castelo de Cape Coast que buscava a aldeia para fazer trocas comerciais, e muda-se para o castelo, vivendo e construindo sua família sobre os calabouços repletos de povos capturados e escravizados pelos soldados brancos. No capítulo seguinte, lemos a história de Esi Asare, a irmã de Effia, que foi capturada pela aldeia fanti e levada para o Castelo de Cape Coast para ser escravizada e, posteriormente, enviada em uma embarcação para os Estados Unidos para ser explorada nas plantações de algodão em grandes fazendas de proprietários brancos.

O livro continua com o relato da vida dos membros da geração seguinte de cada irmã de maneira alternada, compondo um total de catorze capítulos. A trajetória da família revela a maneira como o período escravocrata impactou e continuou a impactar a vida de seus integrantes até os dias atuais, mesmo aqueles que não foram submetidos às suas atrocidades e violências diretamente.

Por se tratar de uma ambientação que perpassa séculos, a lista de personagens que compõem a história é ampla, sendo necessária a indicação de uma árvore genealógica no início do romance para auxiliar o leitor no decorrer da leitura. Como exposto, o foco maior desta pesquisa recairá sobre a investigação das

personagens femininas, sua formação identitária e suas relações com a diáspora e memória. Para melhor visualização da relação familiar entre as mulheres presentes na narrativa, observemos a seguinte figura com a árvore genealógica resumida da família:

Figura 1 – Árvore genealógica *O caminho de casa*



Fonte: elaboração própria.

Além de Effia e Esi, as personagens Ness, Abena, Akua, Willie e Marjorie (destacadas na árvore genealógica) serão as protagonistas deste estudo. A fim de uma melhor compreensão e contextualização, realizaremos agora um breve resumo dos acontecimentos narrados na obra acerca de suas vidas. Ness é filha de Esi, nascida em solo estadunidense e separada da mãe para ser vendida como força de trabalho para fazendeiros brancos. Ela foi enviada para uma fazenda que considerava como “Inferno”, onde casou-se com outro escravizado, Sam, e deu à luz ao filho Kojo. Porém, como não aguentavam os castigos e as condições desumanas de vida, decidiram organizar um plano de fuga, que foi frustrado, levando à morte de Sam, a sua permanência na fazenda e, felizmente, à fuga de seu filho com a amiga Aku, uma mulher escravizada que os auxiliou no processo de evasão.

A personagem Abena é bisneta de Effia, mas nunca teve contato com seus ancestrais, pois seu pai James Richard Collins se cansou das inconsistências de fazer parte de uma família da realeza. James era neto de Effia e percebeu que não fazia

sentido sua aldeia fanti trabalhar com os homens brancos ingleses mercadores de escravizados e explorando sua terra. Assim, ele foge com Akosua, da aldeia axânti, para onde não poderia ser reconhecido como neto de James Collins, o grande governador do Castelo Cape Coast.

Abena nunca conseguiu se casar, pois todos viam seu pai como um homem amaldiçoado, já que suas plantações não prosperavam. Seu sonho era ser uma das esposas de seu amigo de infância Ohene Nyarco, mas nunca conseguiu. Seu destino foi engravidar do amigo e fugir para Kumasi, a terra do rei dos axântis, onde foi acolhida por uma igreja missionária.

Akua, sua filha, cresceu em uma escola missionária, com uma educação totalmente voltada para a crença e os ensinamentos de Deus. A menina passou a vida toda assombrada por sonhos sobre uma mulher feita de fogo com duas bebês. Quando se casou e teve filhos com Asamoah, seus sonhos pioravam cada vez mais, chegando ao ponto de queimar suas duas filhas enquanto dormiam. O único filho que sobreviveu foi Yaw, graças ao resgate de seu marido.

A segunda e última mulher da linhagem de Esi é Willie, a bisneta de Ness. Kojo, seu filho, consegue escapar do escravismo, graças à Aku, e ele vive como trabalhador livre em Maryland, nos Estados Unidos. Porém, esta é a época em que surge a Lei do Escravo Fugitivo¹⁸ nos Estados Unidos, que causa a captura de sua esposa grávida de seu filho H, para serem escravizados.

H era pai de Willie, que foi escravizado até o fim da Guerra da Secessão, quando foi liberto, mas logo preso injustamente e forçado a trabalhar em minas de carvão. Após anos sendo explorado como prisioneiro, H foi liberto e mudou-se para Pratt City, constituindo sua família, trabalhando nas minas com um salário remunerado e lutando pelos direitos de trabalhadores negros.

Willie casa-se com Robert e, juntos, concebem Carson, apelidado de Sonny. Após dificuldades em sua cidade natal, Pratt City, o casal decide mudar-se para Nova Iorque, no Harlem, onde acreditam que teriam melhores condições de vida. Entretanto, o jovem casal enfrenta diversos desafios como o racismo, o preconceito por mulheres não brancas, dificuldades para encontrar empregos e dificuldades

¹⁸ A Lei do Escravo Fugitivo foi uma lei promulgada em 1793 nos Estados Unidos que tornou legal a perseguição de ex-escravizados que fugiram dos seus proprietários, para serem “devolvidos” para seus antigos senhores. Essa medida não era justa, dado que, muitas vezes, tratavam-se de cidadãos que haviam nascido livres, mas eram julgados pela cor de suas peles.

financeiras, sobretudo para habitar em uma moradia espaçosa suficiente para os três integrantes da família.

A última personagem feminina abordada neste estudo é Marjorie, a neta de Akua. Mesmo habitando os Estados Unidos, em todos os verões, a menina viaja para Gana para visitar a sua avó, onde tinha contato com as tradições familiares e com a língua nativa da avó. O contato com ela e a influência de seu pai Yaw, um professor de história comprometido com o estudo do continente africano, fizeram Marjorie criar uma forte conexão com sua ancestralidade e o país de origem de seus pais.

Finalmente Marjorie conhece Marcus, filho de Sonny, e a linhagem das duas irmãs cruzam-se na contemporaneidade. Esse encontro desperta um sentimento singular em ambos e a conexão inexplicável que sentiram desde o primeiro contato, finalmente foi compreendida.

O caminho de casa ganhou fama rapidamente, recebendo versões em polonês, holandês, árabe, chinês, francês, alemão, turco, romeno, espanhol e italiano, além de ser traduzido para o português em duas versões diferentes, a brasileira e a portuguesa. Seu sucesso refletiu-se nas premiações e nomeações literárias após a sua publicação. Em 2016, a obra foi selecionada para compor a lista *5 under 35* da organização estadunidense National Book Foundation. Nesse prêmio, Gyasi concorreu com obras de estreia de escritores com menos de 35 anos de todo o mundo.

No ano seguinte, o romance de Gyasi recebeu o prêmio *John Leonard Award*, concedido pela associação norte-americana National Book Critics Circle. Além disso, a revista britânica *Granta* selecionou a autora para compor a lista *Best of Young American Novelists 2017*, uma enumeração de melhores romancistas jovens do ano de 2017. Como nomeações, o romance foi finalista do prêmio *PEN/Robert W. Bingham Prize* na categoria de ficção de estreia, bem como da premiação de melhor romance de estreia da organização Center for Fiction, ambos em 2017.

O sucesso de *Homegoing* foi também reconhecido por escritoras e críticos de revistas e jornais estadunidenses. A célebre autora britânica Zadie Smith, autora do romance *Dentes Brancos* (2000), afirmou que gostaria de ter lido o romance de Gyasi em sua juventude, apostando no poder da obra de se tornar um clássico de leitura. Além disso, a escritora descendente de pais haitianos Roxane Gay declara que é um livro que absolutamente recomenda, pois, durante sua leitura, não conseguia parar de lê-lo.

A famosa crítica literária estadunidense Michiko Kakutani, que escreve para o jornal *The New York Times*, afirma que o romance de Yaa Gyasi é ambicioso, causando no leitor um entendimento da realidade do período de escravização e dos danos emocionais por ele causados, que são passados de geração em geração pelos séculos (KAKUTANI, 2016). Outros jornais e revistas renomados como *The New Yorker*, *Marie Claire*, *Elle*, *Observer* e *Bookforum* também teceram críticas positivas acerca do romance, encorajando a leitura para o seu público.

A obra de Gyasi foi altamente celebrada nas inúmeras postagens e vídeos de leitores internautas, que realizaram todos os tipos de resenhas e críticas a seu respeito. A popularização de Yaa Gyasi estimulou dezenas de revistas e organizações a convidá-la para entrevistas, nas quais sua obra, suas inspirações e seus planos futuros foram temas frequentes.

1.5 – A REPERCUSSÃO DA OBRA: UMA ANÁLISE DO ESTADO DA ARTE

Como vimos, logo após sua publicação, *O caminho de casa* ganhou popularidade, sendo divulgado e traduzido em muitos países. O sucesso de público também atingiu o meio acadêmico, uma vez que pesquisadores do campo da literatura e de outras áreas de estudo debruçaram-se na análise da obra e de suas temáticas.

A partir de uma investigação a respeito das pesquisas realizadas sobre a obra literária de Yaa Gyasi em plataformas e mecanismos virtuais de pesquisa acadêmica, fomos capazes de identificar um total de 43 publicações de artigos em revistas, capítulos de livros e resenhas críticas que versam sobre *O caminho de casa*. Os estudos foram descobertos com base em pesquisas conduzidas na plataforma de pesquisa *Google Scholar*, na biblioteca digital *SciELO Brasil*, na *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações* (BDTD) e no *Portal de Periódicos CAPES*¹⁹. Foram encontrados ainda três guias de estudo escolares, na plataforma *ProQuest*, que não serão explorados nessa apresentação.

As palavras-chave utilizadas para a consulta foram o nome da autora, “Yaa Gyasi”, o título da obra em português, “O caminho de casa” e o título do romance em sua língua original, “Homegoing”. Foram identificadas pesquisas desde o ano de 2016

¹⁹ Pesquisas realizadas em 2 de maio de 2022.

até o ano de 2022, com uma predominância de estudos escritos em língua inglesa, dado que somente sete trabalhos foram escritos em língua portuguesa e uma pesquisa foi escrita em russo.

No entanto, mesmo com o predomínio da língua inglesa, constatamos que as nacionalidades dos autores são diversas, com trabalhos de pesquisadores provenientes dos Estados Unidos (12), do Brasil (7), do Reino Unido (3), da Espanha (3), da Índia (3), da África do Sul (2), da Indonésia (2), da Áustria (2), dos Países Baixos (2), da França, da Suíça, da Itália, da Bielorrússia, da Polônia, da Argentina e da Alemanha (todos os anteriores com apenas uma publicação de cada país).

Embora tenhamos feito buscas nas quatro plataformas de pesquisa supracitadas, não foi identificado nenhum estudo que versa sobre o romance *O caminho de casa* na biblioteca digital *SciELO Brasil*, a ferramenta de busca brasileira que julgamos ser a mais rigorosa em termos de qualidade de saberes científicos. Por outro lado, a plataforma *Google Scholar* foi o mecanismo de pesquisa em que encontramos o maior número de escritos acerca da obra.

Acreditamos que essas produções científicas sobre o livro de Yaa Gyasi refletem sua apreciação ao redor do mundo, suscitando o interesse acadêmico na investigação de suas temáticas. Os temas identificados nos trabalhos levantados são diversos, mas restringimos nossa investigação para olhar mais atentamente os trabalhos que possuem temáticas que se relacionam ao objetivo desta dissertação, a saber: racismo, diáspora, identidade, experiência feminina, cultura e lar. Desse modo, do total de 43 publicações, apenas seis não abordam algum desses temas em seu conteúdo, trazendo outras ênfases temáticas, como o destaque para o romance enquanto forma literária, na análise de sua tradução, na utilização de *O caminho de casa* no ensino de história, entre outros.

Além disso, 23 produções encontradas na busca realizam a análise de *Homegoing* conjuntamente com a investigação de outras obras literárias, ou seja, esses trabalhos não tratam do romance de Yaa Gyasi de maneira exclusiva, visto que realizam paralelos com romances de autores como Chimamanda Ngozi Adichie, Ana Maria Gonçalves, Octavia E. Butler, Dionne Brand, Colson Whitehead, entre outros escritores. Por essa razão, optamos por analisar as obras que centram exclusivamente na obra literária *O caminho de casa*, por assemelharem-se à presente pesquisa desenvolvida.

Dessa maneira, realizamos uma exposição dos 9 escritos levantados²⁰, de modo a compreender o que os autores de diversos países do mundo discutiram e analisaram acerca do romance em questão. O primeiro deles é de autoria do estadunidense Nathaniel Welnhofer, que escreve em 2017 um ensaio intitulado *The Shadow of Slavery: A Look into How 'Homegoing' Depicts the Structural Oppression Apparent in American and Ghanian Society*. Em seu curto estudo, Welnhofer disserta sobre como Yaa Gyasi é capaz de demonstrar as implicações negativas do colonialismo e do escravismo na comunidade negra nos dias atuais. O autor se utiliza de discussões sobre o colonialismo, o imperialismo e a escravização para demonstrar de que maneira as personagens da obra de Gyasi refletem a realidade social regida por instituições brancas que foram criadas para moldar e explorar os africanos e afro-americanos.

O artigo *TOO MUCH FUTURE? TIME'S ONLY NOW: Temporality, Haunting and Resurrection in Yaa Gyasi's 'Homegoing' (2016)*, escrito pelo alemão Dominique Haensell em 2018, aborda o romance de Yaa Gyasi pensando na memória enquanto um assombro do passado para as personagens no decorrer das gerações, bem como analisando a temporalidade da obra enquanto fator que influencia o entendimento das subjetividades negras. Ao realizar uma exposição da teoria de afrofuturismo, Haensell faz uma aproximação da teoria com o romance de Gyasi pelo fato do afrofuturismo questionar a percepção de tempo linear da história, pensando da temporalidade do Atlântico Negro. Assim, o autor investiga a relação de passado e presente no romance e reflete sobre como está representada a passagem do tempo para os sujeitos negros no romance, além de pensar nos artifícios do assombro, memória e contação de histórias, utilizados pela autora para suas personagens recordarem o passado.

Identificamos dois trabalhos de conclusão de curso de Letras durante as buscas nos mecanismos de pesquisa. O primeiro, intitulado *Taking Away Your Name Is the First Step": The Transgenerational Trauma of Slavery and the Shaping of Identity in Yaa Gyasi's 'Homegoing'*, foi publicado em 2019 e escrito pela espanhola Joana Mari Cañellas i Bosch. A estudante da Universitat de les Illes Balears desenvolve o argumento de que o romance em questão evoca a ideia de reformulação da identidade

²⁰ Devemos esclarecer, ainda, que quatro pesquisas levantadas ficam de fora dessa apresentação, visto que duas se tratam de resenhas acadêmicas curtas sobre o livro de Gyasi, duas não tivemos acesso ao texto integral e a última foi escrita em língua russa, o que compromete a análise dessa publicação, devido à falta de compreensão do idioma.

negra ao longo das gerações, conferindo voz, identidade e nomes para suas almas enfraquecidas pelo escravismo e suas conseqüências subsequentes. Para isso, a autora utiliza-se de referenciais que tratam do escravismo na história e na atualidade, assim como escritos teóricos que versam sobre a memória e o trauma, de modo a relacionar com a identidade das personagens do romance de Gyasi.

No ano seguinte, a pesquisadora Siulienda Winata escreve o estudo *Pan-Africanism as a principle to overcome double consciousness in African Diaspora subjects: a post-colonial Reading of Gyasi's 'Homegoing'* para concluir seu curso na Universitas Sanata Dharma, na Indonésia. A autora centra seu estudo no sentimento de *double consciousness*, proposto pelo sociólogo Du Bois, realizando uma análise detalhada de aspectos identitários de dupla consciência das personagens Marcus e Marjorie. Além disso, há uma exposição sobre as condições de vida dos afro-americanos nos Estados Unidos nos anos subsequentes à escravização e uma atenção especial para as ideias de Pan-africanismo, termo que é descrito e investigado a partir das mesmas personagens do romance. A pesquisadora conclui seu estudo demonstrando que Marcus e Marjorie são capazes de superar o sentimento de dupla consciência no momento em que implementam os princípios pan-africanistas em suas vidas.

A austríaca Sarah Heinz publica, em 2020, o artigo *Beyond Sedentarism and Nomadology: Yaa Gyasi's 'Homegoing' and the Ambivalent Desire for Home*, na revista acadêmica alemã *Kulturwissenschaftliche Zeitschrift (KWZ)*. Seu propósito é endereçar as diferentes concepções de lar na obra de Yaa Gyasi, compreendendo a ideia de lar como uma experiência constantemente em reconstrução, podendo suscitar sentimentos tanto negativos quanto positivos. Dessa maneira, Heinz recorre a conceitos teóricos de diáspora, lar e pertencimento e analisa o sentimento de não pertencimento de personagens como Effia e o processo de imigração involuntária de Esi. Para a autora, Gyasi é capaz de mostrar em sua obra que ter um sentimento de lar, pertencimento e volta para as origens é um desejo humano essencial.

Representando a escrita acadêmica brasileira, em 2020, a pesquisadora Gabriella Gargalhão Antunes publica na *Revista (Entre Parênteses)* o artigo *Escravidão e diáspora: uma análise de 'O caminho de casa', de Yaa Gyasi*. Seu estudo inicia-se com a conceituação da diáspora africana, com a exposição de teorizações que abordam a história e os desdobramentos identitários que esse movimento ocasionou. Em seguida, Antunes tece análises do romance de Gyasi com citações

que se relacionam com os escritos teóricos levantados previamente, principalmente em relação à identidade cultural do sujeito diaspórico. A autora observa que as personagens da obra precisaram passar por adaptações no novo local de morada que culminaram na formação de uma identidade híbrida, além de constatar o legado que o processo de escravização deixou para os sujeitos negros no decorrer dos séculos até a atualidade.

Os sul-africanos Nonki Motahane, Oliver Nyambi e Rodwell Makombe publicam, em 2020, o artigo *Rooting routes to trans-Atlantic African identities: the metaphor of female descendancy in Yaa Gyasi's 'Homegoing'*, na revista eletrônica *African Identities*, dissertando de que maneira o escravismo ocorrido no passado ainda traz impactos para o presente e para as futuras gerações. Os autores analisam os fatos narrados na obra a respeito de Esi e Effia para acompanhar a evolução da identidade africana e afro-americana. Para eles, essas identidades foram formadas a partir de processos históricos ligados à raça e ao pertencimento nos Estados Unidos.

A contribuição dos autores assemelha-se com este estudo por focalizar em experiências femininas dentro da obra. No entanto, a pesquisa limita-se à análise do papel das personagens Esi e Effia na constituição das identidades de seus descendentes Marcus e Marjorie.

Em 2021, a estadunidense Rose A. Sackeyfio publica o artigo *Memory, identity, and return in Yaa Gyasi's 'Homegoing'*, no livro que ela mesmo organiza, intitulado *African Women Writing Diaspora: Transnational Perspectives in the Twenty-first century*. Neste estudo, a autora evidencia as personagens femininas de *O caminho de casa*, discutindo sua relação com a memória, a diáspora e pensando em suas identidades enquanto mulheres ganenses. Para isso, a autora inspira-se em teorias sobre a memória, mais especificamente de povos negros com raízes africanas, e também utiliza exemplos de obras literárias e discursos de escritoras negras como Maya Angelou, Chimamanda Ngozi Adichie e Lorraine Hansberry para tratar da importância de considerar a diáspora no ponto de vista da mulher africana. A autora não aborda todas as personagens femininas da obra, mas cria uma discussão que liga Esi e Effia com seus descendentes a partir das ideias de opressão e exploração.

A última pesquisa encontrada na busca está presente no livro *Making Black History: Diasporic Fiction in the Moment of Afropolitanism*, publicado em 2021, também pelo alemão Dominique Haensell. No capítulo *A Painful Notion of Time – Conveying Black Temporality in Yaa Gyasi's 'Homegoing'*, o autor comenta aspectos

textuais e formais de *O caminho de casa*, caracterizando-o como uma mistura entre um romance histórico “clássico” de Lukács e uma narrativa neoescrivista afro-pessimista, visto que a obra toca a temática da escravização sem abordar uma reconciliação positiva com o passado colonial. Sua discussão também abrange a dificuldade de representação verdadeira e exata das atrocidades do escravismo em obras como a de Gyasi, e de autores como Caryl Phillips e Colson Whitehead.

O autor descreve a temporalidade do romance, marcada pela representação da história africana e da Diáspora Negra, ao mesmo tempo que aborda os impactos desse evento traumático para o presente e o futuro. Em seu estudo, a relação temporal recebe destaque, focando, principalmente, nas personagens masculinas negras da obra, Haensell delimita que as noções diaspóricas e temporais trabalham juntas no romance para a transmissão das ideias de agência e redenção do passado

Todas as produções acadêmicas supracitadas assemelham-se, em alguma medida, com o objetivo principal deste estudo: a investigação das identidades, do processo diaspórico e seus efeitos e o papel da memória na vida das personagens femininas de *O caminho de casa*. No entanto, percebemos que não foram identificadas dissertações de mestrado ou teses de doutoramento que analisem todas as temáticas aqui pretendidas com base na obra.

Da mesma maneira, a minoria dos estudos levantados evidencia as personagens femininas, abordando o seu processo identitário, como nesta pesquisa. Quando as mulheres recebem ênfase de análise, as discussões giram em torno das duas irmãs Esi e Effia, que são a base para todo o encadeamento da narrativa. Outras vezes, além de enfatizar as origens da família, alguns estudos focalizam as implicações dos episódios de vida das duas irmãs no presente das personagens que finalizam o romance, Marjorie e Marcus.

Nosso estudo planeja introduzir a discussão dessas mulheres essenciais para todas as gerações seguintes, não se limitando à conexão entre o início e o fim do ciclo familiar, mas ressaltando os acontecimentos históricos no decorrer dos anos e o processo de construção de identidades como um todo interconectado. Para isso, julgamos ser necessária a investigação da presença das demais personagens femininas Ness, Abena, Akua e Willie.

Notamos apenas dois estudos que prolongam argumentos a respeito da memória na obra de Gyasi, sendo que somente o de Rose A. Sackeyfio também se aproxima das temáticas de identidade e diáspora, como neste estudo. Mesmo

havendo uma aproximação com a investigação que será conduzida aqui, entendemos que esses temas suscitam argumentações infundáveis que não foram esgotadas no artigo de Sackeyfio, nem serão totalmente exauridas nesta pesquisa mais ampla e extensa.

Nosso objetivo, portanto, não é analisar exaustivamente cada detalhe do romance *O caminho de casa*, de modo a não se esquecer de nenhuma discussão possível a partir da obra, pois sabemos que este trabalho é impossível e vão. Nunca uma obra literária de qualidade como esta que examinamos possibilitará tal abordagem, uma vez que sua riqueza e relevância atinge caminhos de análise imensuráveis. Assim, o que nos propomos é contribuir para a fortuna crítica do romance de Yaa Gyasi, apresentando pontos de análise válidos e inéditos que conectam todas as protagonistas femininas da obra com os núcleos temáticos pretendidos neste estudo.

2. A DIÁSPORA E O FLORESCER DAS IDENTIDADES

Neste capítulo, exploraremos a condição diaspórica das personagens de *O caminho de casa*, vinculando-a às suas identidades e tentando entender de que maneira seus deslocamentos ou os movimentos migratórios de seu passado afetaram suas subjetividades no presente. Para isso, dialogaremos os trechos e momentos da narrativa com conceitos e discussões essenciais acerca da diáspora, ao mesmo tempo que verificamos aportes teóricos sobre a identidade.

Uma constante a ser notada nesse capítulo é a metáfora da natureza, o elo que unirá e relacionará todas as seções que virão. A ideia emergiu quando verificamos a etimologia da palavra “diáspora”, que, segundo a pesquisadora Michele Reis (2004), deriva do verbo grego *sperein*, cujo significado seria algo como “semear” ou “espalhar”, combinando com a preposição *dia*, que significa “através”. A explicação etimológica permite a comparação de sujeitos diaspóricos com sementes em dispersão, o que corrobora com a metáfora natural proposta para esse capítulo.

Desse modo, na primeira seção, utilizaremos a imagem de raízes de plantas para introduzir conceitos definitórios e históricos dos processos de enraizamento dos sujeitos em deslocamento. Em seguida, traremos a ideia da estação da primavera comparando seu caráter de florescimento da natureza com o processo de constante reconstrução das identidades proporcionado pelo fenômeno diaspórico.

De maneira a criar um contraste com o movimento próspero da primavera, abordaremos a queda das identidades com a figura do outono. Nessa seção, o foco será na fragmentação identitária promovida pela diáspora e seus desdobramentos, bem como na discussão sobre noções de lar para as personagens do romance. Depois, abriremos espaço para a discussão sobre nação, aproximando a alteridade de identidades e culturas presentes em cada localidade com a flora de uma nação.

Além disso, esse capítulo explorará a questão racial, fazendo uma comparação dos tons de pele presentes no meio social com os diferentes tipos de verdes existentes em uma floresta. Aqui, entenderemos de que maneira cada personagem feminina de *O caminho de casa* vivencia sua raça. Por fim, estendendo a posicionalidade de raça às outras interseccionalidades às quais os indivíduos estão sujeitos, a última seção pensará o jardim das identidades a partir de suas diferentes formas e intersecções. Em outras palavras, o foco recairá sobre as categorias sociais como raça, gênero,

classe social e idade, vislumbradas conjuntamente para compreender alguns detalhes singulares de cada personagem feminina do romance de Yaa Gyasi.

2.1 – RAÍZES DA DIÁSPORA

Uma característica primordial da humanidade é a sua natureza de constante locomoção ao longo da história. Podemos pensar nos primeiros seres humanos documentados na história há milhões de anos, que eram regidos pela inconstância de uma casa, sempre em movimento à procura de melhores condições de vida, alimento e cenário climático mais favoráveis para a sobrevivência. Apesar da realidade dos nômades aparentar estar demasiadamente distante dos hábitos e modos de vida dos seres humanos da contemporaneidade, consideramos que o caráter de deslocamento ainda é um comportamento marcante na vida de milhões de indivíduos no mundo atual.

Além de se tratar de um fenômeno em destaque no decorrer de séculos, a diáspora é algo profundamente complexo, o que motivou e continua a motivar diversas pesquisas acerca dessa temática em diferentes campos de estudo, como a história, a antropologia, a psicologia, a geografia e a literatura, por exemplo. A diáspora é uma das figuras centrais do romance *O caminho de casa* (2017), que combinada com o escravismo — que veremos estar intimamente relacionado com o deslocamento —, formam a estrutura basilar da narrativa, desencadeando todas as ações e destinos das personagens da obra.

Para compreender a complexidade da diáspora e os caminhos de pensamento que ela suscita, faz-se necessário a reflexão sobre esse evento, bem como a visualização de perspectivas teóricas acerca de sua história e características essenciais. Assim, sendo a diáspora, em seu significado primeiro, uma sementeira, como vimos na introdução deste capítulo, nesta pesquisa veremos a identidade como algo vivo e que, assim sendo, se modifica ao longo do tempo; como uma planta semeada que mantém sua mesma espécie, mas se modifica a depender das estações do ano, do solo e das interpéries às quais está sujeita. Além disso, observaremos que, de maneira simples, sementes são capazes de trazer consigo informações intrínsecas das árvores e florestas de onde se originaram, modificando completamente os novos

espaços onde elas se estabelecem criando novas raízes, ao passo que também deixam para trás consequências permanentes para as plantas que as desenvolveram.

Ao pensar, portanto, nos escritos teóricos sobre a diáspora, Michele Reis (2004) cria uma proposta pós-colonial de historicização do fenômeno diaspórico, dividindo-o em três períodos: o Clássico, o Moderno e o Contemporâneo. A autora problematiza a maneira como a diáspora é frequentemente presente nos estudos acadêmicos, que, muitas vezes, limitam-se à análise do deslocamento como uma metáfora do caso da dispersão dos Judeus após o seu exílio da Babilônia. Reis (2004) não desconsidera a relevância histórica da diáspora judaica, ela apenas assinala a importância de examinar outras formas de deslocamento que ocorreram e continuam a ocorrer no decurso dos séculos.

Assim, Reis (2004) começa sua teorização abordando a origem do termo “diáspora” na Grécia antiga que, como já visto, deriva do verbo grego *diasperein*. A autora denota que essa expressão era utilizada pelos gregos para descrever a expansão colonial das cidades gregas em direção ao Mediterrâneo entre os séculos 800 e 600 A.C. A partir desse deslocamento histórico, Reis (2004) define o Período Clássico, enquadrando a dispersão judaica mencionada anteriormente nesse momento e associando-a à diáspora da Grécia antiga.

Conforme a teorização de Reis (2004), grandes quantidades de referenciais teóricos acerca do tema tratam o caso judaico como uma diáspora arquetípica, ou seja, um modelo de experiência que pode ser utilizado para aludir a quaisquer outras situações de diásporas possíveis. No entanto, outros grupos também são citados como pertencentes a esse período, como os mouros na Espanha e os armênios em deslocamento para diversos países do Leste da Europa. Para a autora, o exílio, o trauma e a identidade coletiva são aspectos definidores das diásporas do Período Clássico.

O estudo da pesquisadora Michele Reis (2004) limita-se a uma investigação do primeiro período e do Período Contemporâneo, trazendo informações breves a respeito do Período Moderno, que apresenta uma longa extensão por abarcar os deslocamentos ocorridos desde a expansão europeia a partir de 1500, a Revolução Industrial (1815-1914) e o período entre guerras (1914-1945). Essa fase da diáspora é significativa pois o fato histórico central que une seus deslocamentos é o escravismo e a colonização (REIS, 2004).

O último período teorizado por Reis (2004) acerca da diáspora é o Contemporâneo, que se aproxima da fase anterior por ambas serem cruciais para o entendimento da diáspora no contexto atual de globalização e transnacionalismo. Não mais sendo associadas somente à fragmentação, ao exílio e ao trauma, como os deslocamentos do primeiro período, as diásporas contemporâneas trazem como motivações a busca de oportunidades de trabalho, estudo e viagem.

Ao mesmo tempo, as diásporas modernas e contemporâneas diferem-se das clássicas, pois a “dispersão para territórios além do oceano não implica necessariamente uma ruptura decisiva com a pátria, nem o desenraizamento do grupo diaspórico²¹” (REIS, 2004, p. 47). Assim, a nova configuração de mundo, possibilitada pelo advento da globalização, viabiliza novos sentidos para a diáspora, com fronteiras que se expandem e distâncias que se encurtam em virtude de melhorias na tecnologia, comunicação e meios de transporte.

No romance *O caminho de Casa*, podemos constatar movimentos diaspóricos que se enquadrariam no período Moderno e no Contemporâneo. Sobre o primeiro, constatamos a migração forçada de Esi de Gana para o solo estadunidense, que, certamente, não é representada na obra como uma quebra definitiva da personagem com seu local de origem, conforme constatado no seguinte trecho:

A mãe de Ness, chamada de Cara Amarrada pelos outros escravos porque nunca sorria, costumava contar a história de como tinha sido amaldiçoada por uma Pequena Pomba, muito, muito tempo atrás, amaldiçoada e sem irmã, ela resmungava enquanto varria, deixada sem a pedra da sua mãe (GYASI, 2017, p. 111).

Com base na descrição de Esi, podemos pensar que tanto a experiência traumática da migração forçada pela sua escravização quanto a sua conexão com sua origem e sua família em Gana são fatores decisivos para transformá-la nessa mulher sempre brava e sem vida. Assim, todos os dias ela revivia o erro que cometeu ao tentar ajudar e ser traída pela Pequena Pomba, a responsável pelo seu aprisionamento, e, também, lamentava não ter conhecido a irmã Effia e ter perdido a pedra de sua mãe, o único meio material de lembrança de seu passado e de sua família.

²¹ “[...] dispersal to overseas territories need not imply a decisive break with the homeland nor is the uprooting of the diasporic group” (REIS, 2004, p. 47).

Por outro lado, um momento da obra que abrange a diáspora em seu período Contemporâneo pode ser ilustrado pelo núcleo familiar de Marjorie, cujos pais se mudaram para os Estados Unidos antes de seu nascimento. No entanto, como podemos notar no seguinte excerto, embora os motivos do deslocamento não sejam esclarecidos ao longo do romance, percebemos que o caráter dessa migração não remete a nenhum tipo de trauma e, muito menos, um desenraizamento por parte das personagens com o país de origem:

No dia do seu nascimento, há treze anos, lá do outro lado do Atlântico, seus pais tinham enviado pelo correio, para a Velha, seu cordão umbilical, para que ela pudesse jogá-lo ao mar. Esse tinha sido o único pedido da Velha: se seu filho e nora, os dois já velhos quando decidiram se casar e se mudar para os Estados Unidos, algum dia tivessem um filho, que mandassem alguma coisa dessa criança de volta para Gana (GYASI, 2017, p. 396).

No capítulo 3, investigaremos a relação ancestral de personagens como Marjorie e entenderemos o significado de rituais como o performado pela avó da menina com o seu cordão umbilical. Esse símbolo, combinado com o elemento do mar, são de grande relevância para compreendermos a forte ligação de Marjorie com o passado diaspórico de sua família. Por ora, o trecho anterior é analisado de modo a situar o histórico de deslocamento da personagem e de sua família, pensando nas diásporas contemporâneas.

O romance também indica que todos os anos a família retorna a Gana para visitas à avó e eles mantêm a comunicação utilizando-se de uma das línguas maternas de seu país, o twi. Os fatos citados verificam a visão de Reis (2004) de que, na verdade, as representações diaspóricas sofreram modificações com o decorrer do tempo, desfazendo o mito de que todo deslocamento implica um desenraizamento e, no caso contemporâneo, propondo a noção de que a diáspora não necessariamente precisa ter uma motivação compulsória e traumática.

A socióloga Avtar Brah (2002) também se atenta à questão diaspórica, definindo que os deslocamentos proporcionados pela diáspora não são simples viagens, mas o ato de se estabelecer e criar raízes em outros lugares (BRAH, 2002). Sua teorização a respeito da diáspora conecta-se com a metáfora da semente introduzida previamente. Se o sentido do termo se remete ao ato de espalhar sementes em outros locais, a simbologia da criação de raízes evoca a ideia de uma

planta provinda de uma semente diaspórica que, finalmente, encontrou um local para se estabelecer e interagir com o novo ambiente que a rodeia.

Segundo Brah (2002), os fatores decisivos para todo o processo diaspórico, ou seja, desde o impulso para o deslocamento até o enraizamento dos sujeitos no novo território de maneira historicizada, são as relações de poder e os fatores culturais, políticos e sociais presentes nas sociedades. Para além disso, a autora chama a atenção para a importância de se compreender não só as circunstâncias que instigaram a diáspora, mas também aquelas que permeiam a chegada e o processo de estabelecimento dos indivíduos, dado que “a maneira como um grupo vem a ser ‘situado’ em e através de uma ampla variedade de discursos, processos econômicos, políticas estatais, práticas institucionais é fundamental para o seu futuro²²” (BRAH, 2002, p. 179).

Avtar Brah (2002) usa este argumento para explicar seu ponto de vista sobre a diáspora. Nas palavras da autora,

o conceito de diáspora centra-se nas configurações de poder que diferenciam diásporas internamente, bem como as situam umas em relação às outras. As diásporas, no sentido de experiências históricas distintas, são frequentemente formações multifacetadas compostas de muitas viagens para diferentes partes do globo, cada uma com sua história, suas particularidades. Cada diáspora é um entrelaçamento de múltiplas viagens; um texto de muitas narrativas distintas e, talvez, até mesmo díspares²³ (BRAH, 2002, p. 180).

Assim, sempre trazendo a palavra no plural, Brah (2002) acredita no caráter múltiplo e abrangente das diásporas, que devem ser objeto de investigação para a compreensão das suas diferentes realidades por serem influenciadas por modalidades de gênero, raça, classe, religião, língua e geração (BRAH, 2002). Dessa maneira, é possível conceber como será a nova dinâmica do local que recebe os sujeitos diaspóricos e como será a vida desses indivíduos que trazem consigo tantas particularidades e histórias múltiplas.

²² “*The manner in which a group comes to be ‘situated’ in and through a wide variety of discourses, economic processes, state policies and institutional practices is critical to its future*” (BRAH, 2002, p. 179).

²³ “[...] *the concept of diaspora centres on the configurations of power which differentiate diasporas internally as well as situate them in relation to one another. Diasporas, in the sense of distinctive historical experiences, are often composite formations made up of many journeys to different parts of the globe, each with its own history, its own particularities. Each such diaspora is an interweaving of multiple travelling; a text of many distinctive and, perhaps, even disparate narratives*” (BRAH, 2002, p. 180).

É a partir de uma investigação atenta sobre as diferentes circunstâncias presentes em todo o processo diaspórico que surgem as discussões de raça, gênero, etnia, orientação sexual e condição socioeconômica, que suscitam e demandam um olhar especial para o fenômeno migratório. Essa maneira diferenciada de tratar os deslocamentos leva em conta as diferentes interseccionalidades que situam os sujeitos da diáspora e facilita a percepção da realidade desse grupo social.

Os fatos narrados na obra *O caminho de casa* dialogam com a teoria sobre os diferentes tipos de diásporas descritas por Brah (2002), principalmente quando notamos a maneira como as personagens vivenciam diferentemente os seus deslocamentos. Por exemplo, quando a personagem Ness foi deslocada de fazenda após seu antigo proprietário a vender, o novo fazendeiro julgou-a “bonita demais para trabalhar na lavoura” (GYASI, 2017, p. 114). Em muitos casos durante o período escravocrata, as mulheres escravizadas de pele negra mais clara e com porte físico considerado mais belo recebiam funções brandas em relação ao serviço pesado nas plantações.

Assim, por serem sexualizadas, mulheres como Ness vivenciavam o deslocamento de maneira diferente de outras escravizadas com pele mais escura ou, até mesmo, aquelas mais velhas e fora dos padrões de beleza corporais. No entanto, vemos que quando o proprietário percebeu que seu corpo era repleto de cicatrizes, marcas que contam sua história de escravização em outros locais, ele a encaminhou para o trabalho braçal, pois não a considerava mais bonita o suficiente para o trabalho doméstico em sua casa.

Outra ilustração da obra que se apoia nas tonalidades mais claras e escuras da pele negra é o exemplo de Willie. Veremos adiante a discussão sobre o colorismo e as interseccionalidades de gênero e raça que impediam a personagem de conseguir os empregos que gostaria, enquanto seu marido conseguia por ser homem e ter uma pele mais clara. No momento, queremos demonstrar que cada situação diaspórica se difere da outra, pois todo contexto é único e cada individualidade sente os efeitos do deslocamento de maneira particular. Nas seções subsequentes, realizaremos um estudo do termo “interseccional”, atentando-se no modo como o conceito se vincula à experiência diaspórica, bem como com à condição feminina e negra das personagens do romance.

Retomando a concepção da diáspora como uma experiência que dá lugar ao múltiplo, Stuart Hall (2003) compartilha dessa ideia, teorizando que as identidades dos

sujeitos são multiplicadas no contexto diaspórico. Ao discutir a esse respeito, Hall dissolve a concepção fechada e sólida de identidade cultural construída por grupos a fim de manter uma suposta tradição autêntica imutável de sua cultura. Tais grupos prendem-se a mitos fundadores, como Hall (2003) os denomina, buscando viver em busca de fragmentos e referências e acreditando na pureza de suas origens, na esperança de retorno a um momento originário inalcançável.

O autor rompe com a idealização de uma identidade original ao mostrar que “nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. [...] Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar” (HALL, 2003, p. 30). Assim, qualquer tentativa de idealizar uma cultura original ou práticas-modelo está fadada ao fracasso, visto que as raízes dos povos nunca foram puras, em primeiro lugar.

Ao invés disso, a diáspora proporcionou aos indivíduos uma posição de constantes encontros, espaços denominados pela crítica estadunidense Mary Louise Pratt (1999) de “zonas de contato”. Este termo é definido pela autora como locais onde culturas distintas histórica e geograficamente se chocam, interagem e entrelaçam-se, estabelecendo “relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada” (PRATT, 1999, p. 31).

A importância de pensar no conceito de Pratt (1999) é o reconhecimento de que não são somente as culturas dominantes que impactam e modificam as colonizadas, mas as relações de poder criadas entre esses grupos, mesmo que assimétricas, influenciam-se mutuamente. Desse modo, até mesmo as culturas inferiorizadas pela lógica hegemônica europeia desempenham um papel relevante na constituição de identidades e culturas, desmistificando a concepção de que essas culturas estão totalmente passivas e contidas pelas forças coloniais.

O conceito de zonas de contato e toda a ideia que ele evoca vincula-se diretamente com a diáspora, dado que assim como as sementes que se deslocam, criam raízes, florescem e dão frutos em sua nova terra, os sujeitos diaspóricos também suscitam mudanças em seus novos locais, mesmo que não facilmente visíveis. E da mesma forma que essas sementes nem sempre podem ter se estabelecido em um novo ambiente completamente favorável para seu desenvolvimento ou um local onde suas particularidades se destacam por serem distintas dos seres que ali já habitavam, os indivíduos que se deslocam também

enfrentam realidades desfavoráveis por suas diferenças se evidenciarem no espaço de enraizamento.

A obra de Gyasi representa a realidade e retrata a concepção de que os indivíduos em constante choque nas zonas de contato influenciam-se mutuamente. O exemplo mais explícito é a migração forçada de Esi para os Estados Unidos, dado o contexto histórico de escravização e condições desumanas de exploração dos indivíduos desde o instante em que eram capturados em sua terra natal até o final de suas vidas. Nesse caso, vemos a maneira como Esi é influenciada pelo novo território, mas, ao mesmo tempo, constatamos que ela é capaz de trazer marcas profundas para aquela sociedade assim que seu processo de enraizamento se inicia.

É a partir dessa personagem que se inaugura uma longa geração de filhos, netos e bisnetos do escravismo que atravessa décadas até chegar aproximadamente nos dias atuais. Como o romance não especifica datas, realizamos uma estimativa aproximada baseando-se nos indícios presentes na obra e nos acontecimentos históricos relatados. A partir de agora e nas próximas seções, desenvolveremos uma interpretação das protagonistas de Gyasi enquanto personagens-símbolo de cada geração ou década da história de Gana ou dos Estados Unidos.

Portanto, a personagem Esi carrega consigo a representação de todas as mulheres escravizadas no século XVIII do território africano. Fazemos essa análise, sobretudo, baseando-se no fato de Esi ser aprisionada primeiramente no Castelo de Cape Coast, o qual, conforme vimos com as ideias de Opoku-Agyemang (2000) no primeiro capítulo, é considerado o mais importante do continente africano em termos de comercialização humana. Assim, sendo encarcerada no castelo mais influente da África, podemos considerar que Esi é uma representante do grupo de mulheres que foram capturadas e exploradas nesse período de tempo.

Como sua escravização foi além do Atlântico, podemos pensar em Esi como representante das mulheres da Diáspora Negra. Ela é o símbolo de um grupo diaspórico que transformou definitivamente o seu local de destino, comprovando que a multiplicidade de identidades proporcionada pela diáspora impacta diretamente na cultura. Seguindo essa lógica, concordamos com Hall (2003) ao afirmar que a cultura “não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma ‘arqueologia’. A cultura é uma produção” (HALL, 2003, p. 44). Produção essa que depende das similaridades e diferenças para continuar o seu processo de construção

e reconstrução. Na próxima seção, continuaremos a pensar nas diferenças culturais, dando ênfase ao movimento de constante reconstrução das identidades.

Por fim, não podemos nos furtar de abordar a maneira como as mulheres vivenciam a diáspora. Embora as contribuições acadêmicas que focam na relação da figura feminina com os fluxos migratórios ainda sejam mínimas (COFFIE, 2020), faz-se importante diferenciar as suas vivências. Segundo a professora e ativista M. Bahati Kuumba (2003, p. 5), “o sol nunca se põe às mulheres africanas²⁴”, fazendo referência aos fatores que incidem de maneira mais acentuada sobre as mulheres imigrantes africanas. Para a autora,

dentro de África, bem como ao longo da diáspora, a vida das mulheres tem sido diversificada e diferenciada com base numa série de fatores como a cultura e os costumes, o *status* de classe e cidadania, o nível socioeconômico, o contexto político e econômico e o período histórico²⁵ (KUUMBA, 2003, p. 5).

Como mencionado, posteriormente, abordaremos os fatores interseccionais que posicionam as mulheres diaspóricas na sociedade, ilustrando com excertos do romance de Yaa Gyasi em que as personagens femininas vivenciam momentos de maiores desafios em razão de fatores de classe, nacionalidade, particularidades culturais e gênero.

2.2 – A PRIMAVERA DAS IDENTIDADES

Refletir sobre a premissa de que a identidade cultural é sempre híbrida e nunca fixa, conforme proposto por Hall (2003), implica a compreensão de que ela é elemento constitutivo de uma pessoa ou um grupo em constante reconstrução. Segundo o autor,

é justamente por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode constituir um "posicionamento", ao qual nós podemos chamar provisoriamente de identidade. Isto não é qualquer coisa. Portanto, cada uma dessas histórias de identidade está inscrita nas posições

²⁴ “*The sun never sets on African women*” (KUUMBA, 2003, p. 5).

²⁵ “*Within Africa, as well throughout the diaspora, women's lives have been diverse and differentiated on the basis of a range of factors such as culture and custom, class and citizenship status, socioeconomical level, political and economic context and historical period*” (KUUMBA, 2003, p. 5).

que assumimos e com as quais nos identificamos (HALL, 2003, p. 432-433).

Assim, a identidade de cada indivíduo é particular e é constituída conforme a perspectiva e relações que cada um mantém com o meio em que vive e suas experiências pessoais passadas. Portanto, a identidade é passageira, dado que a todo instante pessoas, lugares e práticas culturais transformam-se e surgem para o sujeito poder negociar e identificar-se, definindo provisoriamente sua identidade.

Por essa razão, comparamos o processo de (re)construção das identidades com a estação do ano da primavera: o momento do ano quando presenciamos o florescer e o frutificar da natureza, dando origem a algo novo, mesmo que passageiro. Chamamos atenção ao fato já transmitido de que, assim como ocorre com as identidades, a natureza sempre dependerá das interações com o meio para sua vigorosidade, conforme vemos com os processos de polinização para a formação de outras flores e frutos e as condições climáticas que incidem sobre a paisagem natural e a modificam.

O romance *O caminho de casa* concilia-se com os escritos teóricos de Hall abordados, uma vez que podemos verificar o caráter cambiante das identidades de algumas personagens, como é o caso de Effia. A trajetória da meia-irmã que permaneceu em seu país de origem, casando-se com o britânico James Collins, demonstra que aspectos de sua vida, suas relações pessoais e crenças foram influenciadas depois de seu casamento e sua mudança para o Castelo Cape Coast.

Assim como definimos que Esi é uma personagem-símbolo das mulheres da Diáspora Negra, interpretamos que Effia também pode ser vista como uma representação para mulheres do mesmo século. No entanto, Effia é associada àquelas mulheres que foram forçadas por suas famílias a se casarem com os colonizadores europeus. O deslocamento desses sujeitos no século XVIII não foi violento e abrupto da mesma maneira que foi para indivíduos como Esi, mas também o classificamos nesse estudo como uma forma de diáspora, dado que houve um processo de desenraizamento e florescimento de identidades.

No exemplo de Effia, a personagem vivia na aldeia de seu pai anteriormente ao matrimônio, rodeada pela sua língua materna, uma organização da sociedade fanti baseada na governança hereditária de chefes e poder mensurado mediante à quantidade de territórios conquistados e trocas comerciais. Quando a personagem se

casa com James, ela é forçada a assimilar novos costumes, aprendendo a se comunicar na língua inglesa, deixando para trás crenças de seu povo e acostumando-se a viver acima do calabouço de mulheres escravizadas pelo poder de seu marido.

Com o decorrer do tempo, constatamos uma mudança em sua conduta, um processo de reconstrução identitária, com o florescimento de novos hábitos e o emurcheçar de outras práticas. Um trecho que exemplifica o abandono de crenças de sua cultura anterior pela personagem é o momento em que ela não consegue ter um filho com James e, então, decide recorrer a um ritual fanti para a fertilidade. Ao ser descoberta pelo seu marido, em um acesso de fúria, James ordenou: “Bem, Effia, não quero nenhum vodu nem magia negra nesta casa” (GYASI, 2017, p. 41). Mesmo que essa mudança em seus costumes tenha sido forçada, entendemos que, a partir daquele acontecimento, Effia não seria mais a mesma em termos de constituição identitária, visto que ela não poderia mais se expressar por meio de crenças que fugiam da religião cristã imposta pelo seu marido.

Apesar de abdicar de alguns valores, encontramos uma mulher distante de práticas culturais fantis, mas que também não renunciou totalmente sua cultura materna. O trajeto da personagem vai ao encontro do pensamento de Hall (2003) de que a identidade é também um conjunto de diferentes repertórios culturais vividos no passado e novas experiências vividas no presente. Na obra, Effia adquire a prática de repassar ensinamentos de sua cultura materna para seu filho Quey, alguns anos após o casamento. Nesse momento, a personagem assegura-se de que seu filho conheceria a língua fanti e a infância da mãe, além de não habitar mais no castelo símbolo do poder colonizador, mas em uma cabana construída para a mulher.

O ato de preservar traços identitários e culturais será observado futuramente como um impulso de resistência da personagem e de suas descendentes. Veremos a importância e os significados de alguns símbolos presentes na obra, que materializam a vontade de dar continuidade aos ensinamentos e à herança ancestral africana adquiridos em solo nativo.

A partir da análise das narrações sobre Effia, torna-se explícita a noção de quem ocupa a posição privilegiada de poder na hierarquia social e quais são os grupos relegados à margem. Toda a estrutura do colonialismo e do sistema de escravismo se baseia na noção de que o território africano é considerado inferior em relação aos países europeus. A marginalização e a opressão desses países sobre tudo o que é considerado como diferente gera uma contradição que é explicada pelo crítico teórico

Homi Bhabha (1998) com a denominação de ambivalência. Em sua teoria, o autor defende a ideia de que o grupo com maior poder cultural tende a dominar a cultura, impondo seus padrões como os corretos e soberanos, sem perceber que essa cultura só pode ser construída no momento da diferenciação.

A alteridade é “ao mesmo tempo um objeto de desejo e escárnio, uma articulação da diferença contida dentro da fantasia da origem e da identidade” (BHABHA, 1998, p. 106). Assim, o “outro” é objeto de desejo pelo sujeito dominante, pois sem ele, não pode haver a afirmação de sua identidade como soberano, e escárnio, uma vez que a identidade subalterna é vista como inferior e, até mesmo, uma ameaça para a pureza e perpetuação de seus valores culturais hegemônicos.

A autora Yaa Gyasi representa a ambivalência da alteridade em seu romance em diversas ocasiões e pensamos que o caso mais considerável é a situação de escravismo de Esi e Ness. As duas personagens eram submetidas ao poder do sistema colonial que, ao mesmo tempo que as tratava de maneira desumana, dependia de seus trabalhos para seu enriquecimento.

Para além disso, elas também eram vistas como objetos sexuais para os colonizadores, como verificado no estupro de Esi, ainda no Castelo de Cape Coast. A narração indica que após o ato, o esturador “pareceu horrorizado, com nojo dela. [...] Ele olhava para ela como se o corpo dela fosse uma vergonha para ele” (GYASI, 2017, p. 78). É nítida a contradição desejo *versus* escárnio no trecho anterior, que serve de representação para a realidade do contexto escravocrata da época.

Na seção anterior, discutimos o fato de Ness ser alvo de sexualização quando foi adquirida para ser explorada em uma nova fazenda. Antes de lermos o mesmo ocorrido como uma demonstração da ambivalência do sistema opressor, devemos explicar que consideramos essa personagem como um símbolo das mulheres que nunca viram a vida fora dos limites do escravismo, pois nasceram de mães escravizadas, longe do território africano. A narrativa indica que em 1796, quando criança, Ness foi arrancada de sua mãe e vendida para ser utilizada como mão-de-obra. Portanto, a obra de Yaa Gyasi utilizaria Ness como representante das mulheres escravizadas entre os séculos XVIII e XIX.

Retomando a ambivalência pontuada por Bhabha (1998), o caráter ambíguo dos homens donos de escravizados se materializa no romance quando notamos que Ness e outras mulheres negras consideradas mais belas pelos seus proprietários eram colocadas em posição inferiorizada, ao passo que eram alvo de olhares de

desejo. A narrativa indica que essa era uma realidade da época, como explicitado no seguinte trecho:

Se Susan era como qualquer outra mulher de senhor de escravos, ela devia ter sabido que o fato de seu marido trazer uma negra nova para dentro de casa significava que era melhor ela prestar atenção. Naquela região e em qualquer outra região do sul, era sabido que os olhos dos homens, assim como outras partes do corpo, costumavam sair da linha (GYASI, 2017, p. 115).

O excerto anterior reflete o momento em que Ness quase foi dispensada dos serviços pesados da lavoura de seu novo proprietário, já debatido anteriormente. Ele demonstra novamente que o sistema escravocrata funcionava de um lado explorando os sujeitos e de outro os cobiçando. Outro trecho também examinado em outro momento do estudo atesta a ambiguidade de relações de exploração: a rejeição dos valores culturais de Effia pelo marido britânico. Ao tentar performar seu ritual de fertilidade, James a repreende, repudiando qualquer manifestação que não se enquadrasse nos valores e crenças cristãs que ele tanto desejava impor sobre a personagem, como notado no excerto a seguir:

Cristão. Foi por esse motivo que eles foram casados na capela pelo homem severo, vestido de preto, que balançava a cabeça cada vez que olhava para ela. Ele também já tinha falado do “vodu”, do qual achava que todos os africanos participavam. Ela não podia contar para ele as fábulas de Anansi, a aranha, ou histórias que os velhos da sua aldeia costumavam contar para ela, sem que ele ficasse desconfiado. [...] A necessidade de chamar uma coisa de “boa” e outra coisa de “má”, essa de “branco” e essa de “preto”, era um impulso que Effia não entendia (GYASI, 2017, p. 41-42).

Considerando o romance sob a luz dos escritos de Bhabha (1998) sobre a ambivalência, podemos analisar que a dominação de James para com sua esposa, como qualquer outra relação de dominação, depende da suposta inferioridade de um grupo classificado como ‘menor’, ‘mau’, ‘errado’, ‘selvagem’, ‘imoral’, entre outros. Desse modo, para a manutenção de pessoas como James no topo da hierarquia social, precisam existir aqueles que dão sustentação para a pirâmide ideológica da sociedade. São necessárias manifestações culturais que divirjam dos padrões cristãos para que haja o escárnio e o repúdio ao diferente e, enfim, culminar na afirmação de sua identidade como hegemônica e superior.

No ato de contemplar cada integrante de um grupo minorizado, a seleta comunidade soberana busca negar a qualquer custo a cultura do diferente e sua identidade, utilizando-se de olhos que os subjagam e estereotipam. É por meio do processo de ambivalência que o estereótipo é validado, visto que ela “garante sua repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutantes; embasa suas estratégias de individualização e marginalização; produz aquele efeito de verdade probabilística e predictabilidade” (BHABHA, 1998, p. 106). Ou seja, a ambivalência é responsável por manter toda a estrutura de perpetuação dos estereótipos por meio da repetição de representações simplórias do sujeito inferiorizado.

O romance *O caminho de casa* retrata a estigmatização de corpos negros presente na sociedade até os dias atuais que se baseia na ilógica crença da inferioridade intelectual dos negros e da animalização de seus corpos, bem como na concepção de que são preguiçosos. Um exemplo desse retrato social é a narração sobre o clube de Jazz em que Willie começou a trabalhar como faxineira: um ambiente voltado para um público masculino e branco. Em uma das encenações teatrais ocorridas em seus palcos, a personagem assistiu a um número que

um ator fingia que estava perdido na selva da África. Ele usava uma saia de palha e tinha marcas pintadas na cabeça e nos braços. Em vez de falar, ele grunhia. A intervalos, ele flexionava os músculos peitorais e esmurrava o tórax. Ele apanhou nos braços uma das garotas altas, bronzeadas e maravilhosas e a jogou sobre o ombro como se fosse uma boneca de pano. A plateia ria sem parar (GYASI, 2017, p. 314).

A teórica antirracista bell hooks²⁶ (2004) afirma que os homens negros são “vistos como animais, brutos, estupradores natos e assassinos” (HOOKS, 2004, p. 10, tradução nossa), estereótipos que determinam e influenciam no modo como os homens negros veem a si próprios. Na obra de Yaa Gyasi, notamos a animalização do corpo negro com a finalidade de gerar riso para o público. Esse tipo de caricaturização favorece a hierarquização do homem branco, que apenas assiste e paga pelo show, enquanto rebaixa a figura do corpo negro para a condição de animal, feito para servir e gerar entretenimento a partir de sua degradação.

²⁶ Grafamos o nome “bell hooks” com minúsculas de modo a respeitar a postura da própria autora, que adotou a prática como um posicionamento político em relação à academia com o objetivo de dar uma maior ênfase ao seu trabalho em detrimento de seu nome pessoal.

Outro estereótipo negativo sobre o homem negro apontado por hooks (2004) é o de inferioridade intelectual, constatado no espetáculo em que os atores negros colhiam algodão no palco: “um deles começou a se queixar. Disse que o sol estava quente demais, que o algodão era branco demais. Ele se sentou na beira do palco, indolente, balançando as pernas para a frente e para trás, para a frente e para trás” (GYASI, 2017, p. 315). O trecho anterior também serve de representação da imagem no homem negro como preguiçoso, outro estigma racista comum sobre os corpos negros, e percebemos que é criada para aquele público uma personagem negra com a finalidade da ridicularização. O homem é caracterizado como um bruto, com falas que revelam capacidades intelectuais limitadas para formar frases e ações complexas, além de ser enfatizado o fato de estar descansando, denotando que ele não queria trabalhar e seguir suas obrigações.

Neste momento, devemos considerar que todo o preconceito racial e a posição desprivilegiada socialmente e econômica de Willie e de todos os homens e mulheres negras que ela conheceu no Harlem tem uma mesma origem: a diáspora africana decorrente do escravismo. Conceituamos anteriormente que o aprisionamento e a desterritorialização de povos de diversos países do continente africano são representados no romance de Gyasi pela personagem Esi, cujos descendentes simbolizam as marcas dessa imigração forçada no decorrer de gerações subsequentes. Ainda que a obra não foque em trânsitos imigratórios de personagens e os obstáculos enfrentados no processo, como é o caso da literatura escrita pelas escritoras Chimamanda Ngozi Adichie, Buchi Emecheta e Ijeoma Umebinyuo, o princípio gerador de toda a narração de *O caminho de casa* é o deslocamento e a inserção de escravizados e seus herdeiros na sociedade estadunidense.

Vimos previamente que o complexo processo diaspórico impacta todos os indivíduos nele envolvidos, desde os sujeitos em deslocamento até aqueles que já se encontram em seu local de destino, ou mesmo aqueles que ficam, vendo seus entes partindo. Isso significa que os grupos imigrantes são capazes de pluralizar e florear as culturas das localidades onde chegam, mesmo frente ao malgrado dos habitantes que já estavam naquele local antes de sua chegada. No caso dos imigrantes, não apenas o fato de serem estrangeiros os colocam em posição inferior aos olhos dos grupos dominantes da sociedade, mas também os fatores raça, etnia, religião e todos os aspectos que assinalam uma alteridade.

No romance estudado, a ambivalência de Bhabha tem início com as personagens Effia e Esi e toda a significação que elas carregam no decorrer do tempo com os seus descendentes, sobretudo aqueles provindos da diáspora africana escrava. Ao longo das gerações, a conflituosa relação entre o desejo por tudo o que era relacionado aos corpos negros, diaspóricos e pobres, concomitantemente com o seu repúdio, assinala e sugere, mais uma vez, a dependência dos grupos hegemônicos para com seus inferiorizados e as raízes profundas que esses sujeitos são capazes de deixar nos locais onde ocupam.

Tendo conceituado linhas iniciais para o entendimento da identidade de sujeitos minorizados, mais especificamente dos povos da diáspora, continuaremos pensando nessa temática levando em consideração outras representações possíveis para o fenômeno identitário presente no romance de Yaa Gyasi.

2.2.1 – O OUTONO DAS IDENTIDADES

Ao lidar com as identidades dos indivíduos relegados à posição de *outro* pelos grupos sociais hegemônicos, os teóricos dos estudos pós-coloniais depararam-se com o problema da fragmentação identitária dos sujeitos. Esta seção analisará as personagens da obra de Yaa Gyasi que apresentam identidades cindidas em razão de suas posições sociais e seu histórico de deslocamento. Assim como na seção anterior criamos uma comparação do florescer das identidades a partir da metáfora primaveril, aqui pensamos a ruptura identitária segundo o movimento de queda, natural do outono. De maneira semelhante, refletindo a respeito do clima incerto que mistura temperaturas mais baixas com mais altas, típico dessa estação, veremos que as identidades também têm o princípio da incerteza como característica.

Após a contextualização do título do capítulo, passamos para a compreensão do fenômeno de fragmentação identitária, começando com a reflexão sobre a sua origem, o pós-modernismo. Considera-se que a globalização e a abertura de fronteiras por todo o mundo sinalizam o início do período pós-moderno, marcado por controvérsias e transformações no âmbito tecnológico, social, econômico e político.

Segundo a acadêmica canadense Linda Hutcheon (1991), a cultura ocidental caracteriza-se como fragmentada e pluralista no período pós-moderno e isso ocorre pelo grande fluxo de informações e pessoas em trânsito ao redor do mundo desde o

fim da Segunda Guerra Mundial. Assim, foi a partir da constatação do extenso número de grupos sociais em movimento que os estudiosos desde o pós-modernismo até os dias atuais começaram a perceber os efeitos desses deslocamentos em toda a sociedade. Para além disso, os teóricos pós-coloniais não só voltaram seus olhares para o que estava acontecendo no momento presente, mas também para o passado, estendendo seus estudos para a compreensão da composição identitária e cultural de sujeitos que não viveram na sociedade contemporânea.

Um exemplo deste estudo é a atenção que as pesquisas pós-colonialistas dão para o período escravocrata, investigando desde fatores históricos até as implicações de suas atrocidades na contemporaneidade. Por essa razão, utilizar-se de um romance que promove o debate dessas questões torna tangível a ligação entre teoria e aplicação na realidade, dado o caráter primordial da literatura de representação da realidade.

Um nome importante da discussão pós-moderna é Fredric Jameson, que demonstra que a singularidade do eu e a identidade privada são impensáveis no contexto do pós-modernismo. Fundamentado na leitura desse teórico, Bhabha (1998) discorre sobre o terceiro espaço originado com o processo de globalização cultural. No momento em que as fronteiras do mundo se abrem, um espaço cultural também é aberto, “onde a negociação das diferenças incomensuráveis cria uma tensão peculiar às existências fronteiriças” (BHABHA, 1998, p. 300).

O terceiro espaço teorizado pelo crítico tenta explicar de que maneira as diferentes identidades presentes no mundo cotidiano relacionam-se entre si, alargando as fronteiras identitárias em um movimento de negociação em que as identidades são criadas e recriadas a todo instante. Bhabha (1998) denota que

tais atribuições de diferenças sociais — onde a diferença não é nem o Um nem o Outro, mas *algo além, intervalar* — encontram sua agência em uma forma de um "futuro" em que o passado não é originário, em que o presente não é simplesmente transitório. Trata-se, se me permitem levar adiante a argumento, de um futuro intersticial, que emerge *no entre-meio* entre as exigências do passado e as necessidades do presente (BHABHA, 1998, p. 301, grifos do autor).

É no intervalo do *entre* que estão situadas as identidades plurais e híbridas que discutimos outrora com os escritos de Hall. O sujeito contemporâneo, especialmente aquele que passou por um processo migratório, é marcado pela transitoriedade e a indefinição de sua identidade, fatores que contribuem para o sentimento de não-

pertencimento a nenhum local. O posicionamento em um local intervalar preconizado por Bhabha também é observável no romance *O Caminho de casa*. Assim como o outono instaura um clima de incerteza, veremos no trecho a seguir que a incerteza da personagem Marjorie ao viver o conflito identitário de não compreender exatamente o seu local de pertencimento, Gana ou os Estados Unidos.

Isso ocorre, pois, a personagem mantém laços de pertencimento com ambos os países: Gana, por ser seu país ancestral, onde visita sua avó e tem contato com sua cultura e práticas originais; e os Estados Unidos, por ser o território onde Marjorie habita. Ao ser questionada sobre a possibilidade de voltar a viver no país de seus pais, ela responde:

— Acho que não. [...] Minha sensação geral é de que simplesmente lá já não é meu lugar. Assim que eu desembarco do avião, as pessoas sabem que eu sou como elas, mas também sou diferente. Elas sentem o cheiro em mim.

— Cheiro de quê?

Marjorie olhou para o alto, tentando encontrar a palavra certa.

— Da solidão, talvez. Ou do isolamento. Esse meu jeito de não me encaixar aqui nem lá. (GYASI, 2017, p. 410).

Criar uma personagem diaspórica que relata o sentimento constante de não-pertencer nos espaços que ocupa é um artifício de Yaa Gyasi para representar a experiência real de pessoas nessa condição. Como vimos em um trecho da entrevista, a própria autora confessa a sensação de “dupla consciência”, o que torna possível o estabelecimento de um vínculo com a protagonista criada por ela, Marjorie, por ambas se situarem em um *entre-lugar*.

O excerto anterior ilustra como Marjorie se relaciona com a ideia de lar e pertencimento, conceitos que podem ser estudados à luz da teoria de Brah (2002). Segundo a autora, lar (*home*) é um local mítico de origem para os sujeitos da diáspora, pois, mesmo ao regressar geograficamente para o local deixado, não é possível retornar ao exato espaço de onde partiram. A sensação de não-pertencer à Gana quando Marjorie visita o país durante as férias é significativa, pois aquele continua sendo o mesmo local geográfico de onde sua família se originou, porém, a ocorrência de seu deslocamento para os Estados Unidos transformou aquele lar de modo permanente.

A personagem nunca será capaz de retornar ao lar que um dia conheceu, pelo fato de a diáspora ter proporcionado multi-localidades de pertencimento para ela. Ao

mesmo tempo em que sua identidade é incerta como o clima de outono e situada em um espaço intervalar de pertencimento, Marjorie sente-se enraizada nos dois países. Esse fato é explicado por Brah (2002) ao expor que a diáspora é marcada por processos de multi-localidade, pensando em locais geográficos e psíquicos. Ela enfatiza a existência de duplas, triplas ou multi-localidades de lar para os sujeitos diaspóricos, que podem se sentir ancorados em locais de enraizamento plurais (BRAH, 2002).

A questão da identidade cindida entre múltiplos locais de pertencimento é mais um desafio enfrentado pelos indivíduos em trânsito, sendo também verificável em outras obras da literatura contemporânea diaspórica, como é o caso do poema de Ijeoma Umebinyuo, intitulado *Diaspora Blues*:

Então,
 aqui está você
 muito estrangeira para aqui
 muito estrangeira para lá.
 nunca o suficiente para ambos²⁷ (UMEBINYUO, 2015, p. 175).

Ambas as obras das escritoras que escrevem sobre a temática da imigração dialogam com a teoria explicitada anteriormente. O movimento da diáspora posiciona o sujeito em deslocamento em um *entre-lugar* contraditório que não é nem “lá”, nem “aqui”. A dualidade vivida por Marjorie é decorrente das memórias do passado de Gana e a herança cultural que recebeu dos pais e, ao mesmo tempo, das necessidades do presente da personagem enquanto residente nos Estados Unidos. Assim como o eu-lírico do poema de Umebinyuo (2015), não somente ela sabe que está “à deriva” de duas culturas e modos de vida diferentes, como também os indivíduos à sua volta, que notam que ela não pertence ao local, independentemente de onde a personagem esteja.

A identificação de seu não-pertencimento completo a lugar algum é percebido pelos outros mediante a maneira como ela se comunica, pela sua cor de pele e hábitos de sua cultura original ou novos hábitos incorporados, como observado no trecho do romance em que Marjorie visita sua avó em Gana:

²⁷ So,/ here you are/ too foreign for home/ too foreign for here. never enough for both. (UMEBINYUO, 2015, p. 175)

— Com licença, irmã. Eu te levo pra ver castelo. Castelo de Cape Coast. Cinco cedis. Você americana? Eu levo você navio de escravo [*sic*]. [...]
 — Eu sou de Gana, pateta. Não dá pra ver? (GYASI, 2017, p. 391-392).

A personagem ainda discorre sobre a visão dos ganenses em relação aos povos negros residentes nos Estados Unidos, como constatado em uma reflexão após um diálogo com sua professora, ilustrada no seguinte excerto:

Na sua terra natal, eles tinham uma palavra diferente para os afro-americanos. *Akata*. Que as pessoas *akata* eram diferentes dos ganenses, afastadas por muito tempo do continente-mãe para continuar chamá-lo de continente-mãe. Ela queria dizer à sra. Pinkston que ela mesma podia se sentir sendo puxada para longe, quase *akata*, afastada demais de Gana para ser ganense (GYASI, 2017, p. 404).

Ambos os trechos ilustram o modo como imigrantes que saem do seu local de origem são vistos pelas pessoas do próprio país. Os olhos que delimitam quem pertence ou não a cada nação contribuem para a fragmentação identitária dos sujeitos que migram. No caso da personagem em questão, notamos um certo desconforto ao ser confundida com uma turista estadunidense, fato que pode ter contribuído para o desenvolvimento de um sentimento de insegurança em relação à sua identificação ou não como mulher ganense.

É interessante ressaltar que a Marjorie é a única personagem feminina do romance que sofre diretamente os efeitos de um processo migratório na era da globalização. Vemos a protagonista como um retrato dos sujeitos diaspóricos negros da contemporaneidade que mantêm viva a chama da ancestralidade e de suas culturas originais. Posteriormente, desenvolveremos a respeito do papel ancestral na vida de Marjorie e entenderemos como os corpos negros continuam apegados à herança ancestral, mesmo após tantos anos desterritorializados da África.

Por ora, podemos afirmar que Marjorie e os sujeitos contemporâneos sentem sintomas de fragmentação identitária por estarem inseridos na era da “crise da identidade”. Com as transformações na ordem social mundial, o homem deixa de ser centrado e unificado, não tendo mais “uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’” (HALL, 2006, p. 12-13).

Ao contrário de Esi e Ness, mulheres que também viveram uma realidade de deslocamento, o contexto social vivido por Marjorie a possibilita questionar sobre sua

identidade e seus anseios, justamente por se tratar de um período em que a individualização do ser humano e a busca para a compreensão do mundo interior estão em evidência. A fragmentação vivenciada pelas duas personagens que foram exploradas no regime escravocrata não se limitava às suas identidades, visto que elas não eram sequer tratadas como seres humanos. A ruptura causada pelo escravismo foi o suficiente para interromper não somente as identidades de Esi e Ness, mas também causar marcas profundas em seus corpos.

Em relação à fragmentação identitária das outras personagens da obra de Yaa Gyasi, percebemos com Abena a dificuldade de sentir-se pertencida a um lar. Ao passo que Marjorie estava dividida entre duas localidades, Abena não conseguia encontrar um lar em lugar algum. Não se sentir parte da comunidade foi a motivação para seu deslocamento para Kumasi e, quando lá se estabeleceu, não foi capaz de criar raízes e desenvolver um sentimento de pertencimento. Segundo o missionário que a acolheu no novo destino, “ela desprezava os ingleses. Era brigona e colérica” (GYASI, 2017, p. 280).

Além de ser visto como uma ilustração de como Abena não conseguiu se sentir pertencida no novo local de enraizamento, o mesmo trecho pode ser analisado pensando nas ações da personagem como atos de resistência. Essa abordagem será melhor explorada posteriormente, relacionando-se à figura da ancestralidade. Além disso, nas próximas seções desenvolveremos sobre a questão racial e cultural que está por detrás dessa rejeição ao novo local, bem como sobre a representação de Abena enquanto símbolo para outros sujeitos africanos como ela.

Quanto à personagem Akua, filha de Abena, vemos a incerteza e a ruptura do outono representada no conflito de pertencimento quando ela habitava na escola missionária onde nasceu. Aquele era o único lar que ela conhecia quando criança, uma instituição composta por homens e mulheres brancos que severamente repudiavam qualquer prática não condizente com os valores cristãos.

Todavia, mesmo sendo confinada na escola, a influência dos outros habitantes da região fizeram-na, aos poucos, questionar a suposta bondade dos homens brancos colonizadores e os ensinamentos de Deus que eles propagavam. Akua possuía sua verdade de que os homens brancos eram bons, pois assim lhe foi ensinado, ao passo que todo o restante da população local os viam como ameaça. O próximo excerto mostra o momento da narrativa em que a personagem procura um feiticeiro do vilarejo para compreender a inimizade entre eles:

- Entre os akans, ele é homem mau, o que fere. [...]
 - O missionário não é mau — disse Akua [...]
 - Por que o missionário não é mau? — Ele é um homem de Deus.
 - E os homens de Deus não são maus? — Perguntou ele.
- Akua concordou em silêncio (GYASI, 2017, p. 268).

Com esse diálogo, o feiticeiro anunciou para Akua que são as atitudes dos homens que determinam se eles são maus ou não, um ensinamento que ela nunca se esqueceu. A partir da reflexão sobre esse fato e ao descobrir a verdade sobre a morte de sua mãe, que fora assassinada pelo missionário, Akua, enfim, compreendeu que ele e os homens brancos colonizadores que encontrou durante sua vida eram os antagonistas de sua vida. Assim, o único lar que conhecia foi desfeito e ela traçou uma nova trajetória constituindo sua família afastada dos valores ensinados pelo homem branco e livre para expressar sua cultura original, falar o idioma e seguir sua religiosidade conforme os habitantes de sua região.

O seu primeiro lar foi um local de dúvida, pois aparentemente interessava-se por outras formas de viver, menos rigorosas, como as constatadas na sua comunidade. Seu segundo lar foi o ancestral, que a acompanhou até o momento de sua morte, sem rupturas e incertezas, pois, assim como veremos com outras personagens da obra, Akua encontrou o seu caminho de casa, de volta ao lar.

Novamente, mencionamos a ancestralidade, mas ressaltamos que veremos esse conceito no capítulo 3 desse estudo, explorando também o sentimento ancestral de Akua na narrativa. Além disso, assim como faremos com Abena, interpretaremos Akua como símbolo representativo de uma geração do território africano, corporificada nessa personagem. A próxima seção assemelha-se com essa que termina por abranger o sentimento de comunidade, estendendo-se para o conceito de nação e sua ligação com a obra de Yaa Gyasi.

2.2.2 – A FLORA COMO PAISAGEM NACIONAL

De modo a continuar a aproximação metafórica das identidades como entes naturais dispersados no processo diaspórico, pensamos a flora em comparação com a identidade nacional. Conceituando a flora como o conjunto de biodiversidades presentes em uma determinada região, podemos olhar para os conjuntos de

identidades diversas que compõem uma comunidade ou nação como representantes da paisagem nacional. Veremos neste capítulo que essas identidades possuem algo em comum – a identidade nacional –, mas são únicas em suas individualidades.

Debater sobre a identidade nacional implica a definição, primeiramente, do que é uma nação. Ernest Renan foi um historiador e filósofo que revolucionou os estudos das civilizações ao responder à pergunta “O que é uma nação?” em uma conferência realizada na Universidade de Sorbonne em 1882. O discurso de Renan, traduzido para o português por Samuel Titan Jr, aborda a nação como um princípio espiritual composto por duas partes,

uma delas está no passado, a outra, no presente. Uma delas é a possessão em comum de um rico legado de recordações; outra é o consenso atual, o desejo de viver em conjunto, a vontade continuar a fazer valer uma herança que se recebeu íntegra (TITAN JUNIOR, 1997, p. 173).

Em outras palavras, a nação depende de um passado e de um presente, combinando lembranças do que já aconteceu e elementos tangíveis do agora que demarcam o desejo de perpetuar a convivência daquele grupo específico em conjunto. Segundo o autor, a concepção de uma nação não deve ser limitada a um espaço geográfico ou a um conjunto de raças, línguas ou religiões que um grupo pode ter em comum. Acima de tudo, ela é o sentimento espiritual comum entre indivíduos que “cria uma consciência moral que se chama nação (TITAN JUNIOR, 1997, p. 175).

O pensamento de Renan pode ser ilustrado ao refletir sobre as nações africanas. Historicamente, os países da África não existiam na mesma configuração que hoje conhecemos, eles foram demarcados no período de expansão colonial europeia, desprezando qualquer lógica cultural e étnica do país (ASHCROFT, 2001). Ashcroft (2001), que considera as fronteiras criadas durante o colonialismo artificiais e culturalmente isoladas, acredita na validade das fronteiras conceituais do etnocentrismo e do nacionalismo acima das fronteiras geopolíticas de uma nação.

O autor elucida que a delimitação de nações africanas suscitou sérias questões entre os grupos sociais, que foram forçados a habitar dentro das mesmas fronteiras, mesmo apresentando ideias de nação diferentes e características culturais, étnicas e raciais tão contrastantes. O teórico delimita que

esses Estados tornam-se locais de "guerras de fronteiras" prolongadas, pois questões de nação, identidade étnica, cultural e

racial, localidade e comunidade, passam a ser orquestradas pela metáfora espacial da fronteira em si e sua expressão mais sutil e resistente - a diferença²⁸ (ASHCROFT, 2001, p. 178).

As ideias do autor dialogam com as de Renan, pois ambos não se apoiam em definições geográficas para estabelecer o que é uma nação. Ao invés disso, os teóricos sustentam seus estudos na questão conceitual, moral e de convivência entre grupos semelhantes. O romance *O caminho de casa* reflete a realidade ao fornecer indícios de como questões de fronteiras geográficas não são necessariamente significativas para os povos dentro de um mesmo território. Temos, como exemplo dentro da obra, os grupos axântis e fantis que apresentam uma espécie de antagonismo, mesmo estando geograficamente localizados no território que conhecemos como Gana na atualidade.

Assim, apesar de não se constituir ainda como um país no período em que são narradas as experiências de Esi e Effia, ambas as personagens habitavam a área onde mais tarde se tornaria Gana. Como já explicitado, cada personagem pertencia a um grupo diferente, os axântis e fantis, e a obra sinaliza diferenças raciais e culturais específicas de cada povo, além de explicitar a condição conflituosa entre eles. No povoado axânti de Esi, por exemplo, a narrativa evidencia que os homens são educados como guerreiros, acreditando em uma superioridade em relação ao grupo fanti, localizados ao norte, como visto em:

Os porcos do norte estão andando por aí como reis. Por toda parte, os axântis vão dizer: [...] Os do norte são os guerreiros mais poderosos de toda a Costa do Ouro. – Os homens bateram com os pés no chão e fizeram que não. [...] – Nós somos a aldeia mais forte há décadas. Ninguém conseguiu atravessar a floresta para nos desafiar (GYASI, 2017, p. 55).

O excerto mostra que o conflito entre os povos precedeu a vinda dos europeus em seu território. Essa inimizade acabou sendo intensificada com as estratégias de dominação e exploração empregadas na colonização, quando os ingleses forneceram armas europeias para essas populações e ao incentivar a captura de homens e mulheres da etnia rival para a escravização. Prova disso é a própria captura de Esi,

²⁸ “Such states become the sites of protracted ‘boundary wars’ as questions of nation, of ethnic, cultural and racial identity, locality and community, become orchestrated by the spatial trope of the boundary itself and its most subtle and resilient expression – difference” (ASHCROFT, 2001, p. 178).

liderada por guerreiros fantis, movimento que causou seu aprisionamento para ser escravizada nos Estados Unidos.

Além da relação conflituosa debatida, verificamos indícios no romance de Gyasi de algumas diferenças ao retratar detalhes como a língua utilizada pelas personagens e características físicas marcantes de cada grupo. O seguinte excerto é capaz de ilustrar essas particularidades; ele é retirado do momento da obra em que Esi conhece a Pequena Pomba, uma prisioneira fanti capturada pelos guerreiros axântis para servir suas famílias: “A menina tinha a pele mais escura que Esi já tinha visto. Mantinha os olhos baixos e, embora seu twi fosse razoável, ela raramente o falava” (GYASI, 2017, p. 59). Este e outros vestígios do romance indicam distinções na tonalidade da pele entre os dois grupos étnicos e dos idiomas utilizados, sendo o fanti a língua utilizada pelas personagens fantis, como por exemplo Effia e Pequena Pomba, enquanto Esi, pertencente ao grupo dos axântis, comunica-se em twi.

Os exemplos retirados da obra simbolizam o fato de que as diferenças culturais e conflitos existem até mesmo dentro de uma mesma etnia: “Fanti e axânti, ambos da etnia akan. Dois povos, dois ramos que se separaram a partir da mesma árvore” (GYASI, 2017, p. 73). Assim, exibimos que barreiras fronteiriças não são capazes de delimitar o que um povo considera como nação, nem mesmo quando essas populações compartilham similaridades étnicas ou culturais.

O pensamento de Renan e Ashcroft (2001) também é fecundo quando analisamos o fenômeno diaspórico: os agrupamentos e a formação de comunidades imigrantes em diversos países demonstram como é possível se criar a ideia de uma identidade nacional, mesmo fora dos limites geográficos dos países de origem de seus indivíduos. Para além disso, muitas vezes, os agrupamentos mencionados são compostos por sujeitos de diferentes religiões, nacionalidades e etnias, mas encontram como ponto em comum o fato de serem minorias étnicas em trânsito.

Assim como denota Hall (2003),

o termo "comunidade" (como em "comunidades de minorias étnicas") reflete precisamente o forte senso de identidade grupal que existe entre esses grupos [...] As chamadas “minorias étnicas” de fato têm formado comunidades culturais fortemente marcadas e mantêm costumes e práticas sociais distintas na vida cotidiana, sobretudo nos contextos familiar e doméstico. Elos de continuidade com seus locais de origem continuam a existir (HALL, 2003, p. 65).

Ao realizar um paralelo entre os estudos do sociólogo e os escritos de Renan, apreendemos que o passado é fundamental para a criação de uma comunidade diaspórica, por ser o responsável por perpetuar práticas culturais dos grupos que a compõe, mas também o presente é imprescindível, pois, a partir do momento em que os seus sujeitos saem de sua nação original, eles precisam negociar com os diferentes repertórios culturais que encontram pelo seu caminho. Por isso, Hall (2003) destaca que essas comunidades não se restringem a uma tradição imutável, ou seja,

as tradições variam de acordo com a pessoa, ou mesmo dentro de uma mesma pessoa, e constantemente são revisadas e transformadas em resposta as experiências migratórias. Há notável variação tanto em termos de compromisso quanto de prática, entre as diferentes comunidades ou no interior das mesmas — entre as distintas nacionalidades e grupos linguísticos, no seio dos credos religiosos, entre homens e mulheres ou gerações (HALL, 2003, p. 66).

Um exemplo de comunidade onde se criou uma identidade nacional é o bairro do Harlem, nos Estados Unidos. Este local reuniu um grande número de escravizados negros e seus descendentes provindos dos estados do sul dos Estados Unidos no movimento histórico conhecido como Grande Migração. O movimento, que deslocou mais de seis milhões de pessoas a partir de 1910, juntou imigrantes de diferentes países do continente africano em destinos como Pittsburgh e Harlem para a busca de melhores condições de vida (WILKERSON, 2016).

No entanto, entende-se que antes desses locais tornarem-se símbolos de uma coletividade negra, as populações em movimento enfrentaram muitos percalços que se resumiam, sobretudo, à questão racial. O romance debatido neste estudo ilustra este momento histórico, dado que nele encontramos uma personagem que serve de representação para todos os povos que viveram o período em questão.

A personagem à qual nos referimos é Willie, quem acreditamos atuar como personagem-símbolo para as populações que viveram o deslocamento da Grande Migração nas primeiras décadas do século XX. A protagonista representa os primeiros sujeitos negros nos Estados Unidos, descendentes de mães e pais escravizados, que nasceram livres e puderam trabalhar com remuneração. Isso se verifica ao notar que Willie é a primeira da linhagem de Esi que não sofre diretamente as violências do regime escravocrata e nasce livre.

Sendo o espelho dessa geração que migrou do Sul para o Norte dos Estados Unidos, Willie, juntamente com seu marido Robert, mudam-se do estado do Alabama para o bairro do Harlem, em Nova York, em uma época em que “todo mundo conhecia alguém que estava indo para o norte, e todo mundo conhecia alguém que já estava lá” (GYASI, 2017, p. 304).

De acordo com James Gregory (2005), a migração para o Norte era uma esperança para os afro-americanos sulistas por direitos, liberdade e dignidade que o Sul sempre os negou. Foram esses motivos, a dignidade e melhores condições econômicas, que estimularam Willie e Robert para sua mudança para o Harlem, como visto na fala de Robert: “A gente devia se mudar. Ir para o norte, pra algum lugar onde eu possa aprender um novo ofício. Agora que seus pais se foram, não tem mais nada em Pratt City pra nós” (GYASI, 2017, p. 303).

No entanto, “onde quer que os sulistas negros fossem, a hostilidade e as hierarquias que alimentavam o sistema de castas do sul pareciam se transferir para as estações receptoras no Novo Mundo, à medida que as cidades do norte e do oeste erguiam barreiras à mobilidade negra²⁹” (WILKERSON, n.p., 2016). A expectativa dos viajantes do Sul, muitas vezes, não era suprida, pois eles encontravam no Norte condições semelhantes àsquelas vivenciadas em suas cidades natais.

Segundo Isabel Wilkerson (2016), muitos sulistas eram obrigados a aceitar os empregos mais perigosos e com baixa remuneração e eram impedidos de alugar imóveis em diversas áreas das cidades em que chegavam. Quando conseguiam uma moradia,

eles foram confinados às habitações mais dilapidadas nas seções menos desejáveis das cidades para as quais fugiram. Em destinos densamente povoados como Pittsburgh e Harlem, as moradias eram tão escassas que alguns trabalhadores negros tinham que dividir a mesma cama de solteiro em turnos³⁰ (WILKERSON, n.p., 2016).

Os dados teóricos de Wilkerson (2016) demonstram as condições desfavoráveis que os afro-americanos negros encontravam no seu trajeto, precisando

²⁹ “*wherever black Southerners went, the hostility and hierarchies that fed the Southern caste system seemed to carry over into the receiving stations in the New World, as the cities of the North and West erected barriers to black mobility*” (WILKERSON, n.p., 2016).

³⁰ “*They were confined to the most dilapidated housing in the least desirable sections of the cities to which they fled. In densely populated destinations like Pittsburgh and Harlem, housing was so scarce that some black workers had to share the same single bed in shifts*” (WILKERSON, n.p., 2016).

enfrentar uma estrutura social e política marcada pela ideologia da superioridade da raça branca e, conseqüentemente, pela exclusão racial. Essa realidade é representada pela trajetória da protagonista Willie, dado que, a todo momento, a vida do casal era dificultada pelo preconceito presente naquela sociedade. Isso pode ser constatado no seguinte trecho que mostra a hostilidade enfrentada pela família no processo de busca de um emprego:

— Você é casado com uma negra? — perguntou o balconista sem tirar os olhos dos de Willie.
Robert olhou para Willie e falou calmamente.
— Já trabalhei numa loja. Lá no sul.
— Não tem trabalho aqui — disse o homem (GYASI, 2017, p. 307).

Como não tinham oportunidades de emprego, o casal e o recém-nascido foram obrigados a habitar por um longo período em uma moradia de um cômodo, sem estruturas e recursos básicos para o conforto de todos os integrantes da família. Evidentemente, muitos dos problemas enfrentados por eles não se limitam a fatores de raça e, sim, um conjunto de interseccionalidades que atravessam, principalmente, Willie. Essas questões serão debatidas posteriormente neste estudo com mais detalhamento.

O que desejamos assinalar aqui é a origem do Harlem, pensando nas motivações do deslocamento e no enraizamento de pessoas, para compreender de que maneira o espaço evoluiu para um símbolo de comunidade negra com um forte sentimento de identidade nacional. A resposta para essa pergunta envolve a reflexão de como era a flora local. Em outras palavras, que tipo de pessoas compunham aquela localidade: indivíduos marginalizados que compartilhavam da experiência de exclusão racial, sentimento de imigração e desvantagem econômica.

Todos esses sujeitos unidos naquele bairro possibilitaram o desenvolvimento de um senso de identidade comum, baseando-se em suas similaridades. Podemos ler este fenômeno à luz dos escritos teóricos do historiador indonésio Benedict Anderson (2013), que defendeu a identidade nacional como uma “comunidade imaginada”, ou seja, a nacionalidade é um produto cultural cujos significados transformam-se com o passar do tempo, mantendo uma profunda legitimidade emocional (ANDERSON, 2013). Para o autor, “ela é *imaginada* porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão

entre eles” (ANDERSON, 2013 p. 32). Baseando-se nos sentidos culturais trazidos por cada cultura, construiu-se uma nação composta por uma mistura entre o passado e o presente, que foi fortalecida por um intenso sentimento artístico.

Após séculos de abusos e repressão dos corpos negros, essas populações encontraram no Harlem um espaço seguro e fecundo para o afloramento de uma expressão artística de si, focando em sua cultura, religião e arte tão contestadas no decorrer da história. O movimento conhecido como Harlem Renaissance foi capaz de transformar a tradição com a produção de um trabalho multimídia que proporcionou ao mundo a imagem real de afro-americanos, segundo sua própria perspectiva e esforços (CARROLL, 2005).

Com base nas pesquisas de Anne Elizabeth Carroll (2005), um marco do movimento foi a publicação da coletânea de contos, poesias e ensaios, organizada por Alain Locke em 1925. Na obra intitulada *The New Negro*, o autor abordou aspectos sobre a identidade de afro-americanos e sobre a unidade e orgulho racial, além de dissertar sobre a consciência de raça para os afro-americanos (CARROLL, 2005). O movimento foi responsável por transformar definitivamente a história do Harlem, criando uma forte identidade nacional compartilhada pelos seus habitantes e participantes.

Apesar de sua extrema relevância histórica, o romance *O caminho de casa* não se aprofunda no período da Harlem Renaissance, limitando-se à narrativa dos acontecimentos da vida de Willie antes do apogeu do movimento. Todavia, indícios da obra apontam para referências a esse período, como é o caso do personagem Marcus, o último descendente de Esi presente no livro. Acreditamos que seu nome é uma alusão a Marcus Garvey, o ativista jamaicano idealizador do movimento *Back to Africa*, ou “Volta Para a África”, que complementou o movimento artístico da Harlem Renaissance com sua personalidade magnética e persuasiva (CLARKE, 1974).

O historiador pioneiro do pan-africanismo John Clarke (1974) assevera a importância da figura de Garvey para o período no Harlem, que trabalhou ativamente contra o

preconceito racial e sua busca por uma maneira de superá-lo e levar seu povo de volta à África, espiritualmente, se não fisicamente; [...] Seu movimento glorioso e romântico estimulou o povo negro do mundo e fixou seus olhos na estrela brilhante de um futuro no qual

poderiam recuperar e reconstruir sua pátria e herança africanas³¹ (CLARKE, 1974, p. 17).

Ao lado da expressão artística dos artistas negros da época, o líder Marcus Garvey promoveu protestos e discursos empoderando as populações negras do Harlem e convidando-os a voltar às suas origens ancestrais. O ativista e a personagem do romance que, conforme acreditamos, recebe o mesmo nome em sua homenagem, serão novamente retomados no próximo capítulo no momento em que estudaremos a ancestralidade no romance e o movimento de volta ancestral nele presente. Chamamos, aqui, atenção ao nome de Marcus Garvey, um símbolo de resistência e empoderamento negro que é aludido em *O caminho de casa*, demonstrando a representação da Harlem Renaissance em sua narrativa.

Além disso, não podemos deixar de notar uma referência a esse período das primeiras décadas do século XX com a descrição da personagem Willie. Acreditamos na conexão entre essa personagem e o fato histórico, ao pensar que ela, desde o primeiro momento, sempre sonhou em ir para o Harlem para tornar-se uma cantora. O impulso de Willie de expressar-se artisticamente veio de uma origem de resistência, dado que, desde criança, tinha o hábito de cantar nas reuniões de sindicato dos trabalhadores mineiros, chefiadas pelo seu pai. A menina crescera em um clima de reivindicação de direitos e conscientização de sua condição enquanto negra e desprivilegiada.

Assim, concebemos que ao fugir de uma realidade amedrontadora no sul com a esperança de uma vida melhor e buscar o Harlem com o desejo de produzir cultura por meio de sua expressão artística, Willie é capaz de simbolizar o desejo coletivo de um grupo social cansado de não ser ouvido. Reiteramos, portanto, que a personagem representa milhares de afro-americanos que passaram pela Grande Migração dos Estados Unidos com o ímpeto de mudar paradigmas raciais e sociais, sendo essenciais para o desabrochar do renascimento de Harlem.

³¹ “[...] color prejudice and his search for a way to rise above it and lead his people back to Africa, spiritually if not physically; [...] His glorious and romantic movement exhorted the Black people of the world and fixed their eyes on the bright star of a future in which they could reclaim and rebuild their African homeland and heritage.” (CLARKE, 1974, p. 17).

2.2.3 – OS TONS VERDES DA FLORESTA

Outro assunto que merece grande destaque nessa análise é a questão racial. Todas as protagonistas do romance de Yaa Gyasi são negras e aqui veremos o papel da raça em suas vidas e entenderemos a forma como as personagens interagem diferentemente no meio social em razão de sua cor de pele. Assim, esclarecemos que partimos da noção de que a raça é um o constructo social que se baseia em aspectos biológicos para a caracterização dos indivíduos.

Nessa seção, aproveitamos a ideia das diferentes tonalidades de pele dos sujeitos negros e unimos à metáfora da natureza que vem sendo construída ao longo do capítulo. Levando em consideração que a cor de pele é um dos atributos mais debatidos quando pensamos em raça, relacionamos a sociedade como um grande ecossistema composto de plantas variadas, caracterizadas por diferentes tons de verde.

Sabemos que uma grande discussão da questão racial se refere a como diferentes raças recebem tratamentos positivos ou negativos, a depender do tom de pele de seus sujeitos. No entanto, na natureza não há a “discriminação” de uma planta, classificando-a como mais valiosa ou benéfica em relação a outras apenas pelo tom de verde que apresentam. Em realidade, o “valor” desse elemento natural é, geralmente, baseado nas funções que ele oferece, como por exemplo, o valor nutritivo, medicinal ou, até mesmo, decorativo, conforme o tipo de planta que analisamos. Gostaríamos de esclarecer que na metáfora criada nessa seção, apenas levamos em consideração a diversidade de cores presentes na natureza para comparar com a diversidade de raças existentes na realidade social e, a partir dessa aproximação, discutiremos o histórico da questão racial e teorias que a debatem.

O antropólogo estadunidense Robert Sussman (2014) contribui seminalmente para os estudos sobre raça ao realizar uma pesquisa sobre as origens do termo e do racismo na sociedade, bem como a sua permanência até os dias atuais. Em seu trabalho, Sussman (2014) assinala que a crença de superioridade de um grupo sobre outro não é recente, mas que ela pode ser traçada desde os primeiros cristãos, os hebreus e os gregos. No entanto, o autor demonstra que o racismo semelhante ao que conhecemos até na atualidade nasceu no século quinze, junto com a concepção de poligenismo e monogenismo.

Em ambas as teorias, que postulavam sobre a origem dos seres humanos, seja somente pela criação divina ou não, o Ocidente colocava-se como superior aos indivíduos não-brancos, vistos como menos civilizados, imorais e irracionais. Na tentativa de explicar as diferenças entre os seres humanos, criou-se a ideia de raça de maneira semelhante a termos científicos (para dar a aparência de confiabilidade técnica) que explicam a origem de cada espécie, ou seja, um processo de formação de diferentes características para seres vivos de uma mesma origem (SUSSMAN, 2014). Essa ideia especista dispersou-se na sociedade, fazendo as pessoas acreditarem que a raça é um fator biológico dos seres humanos, da mesma forma que é para os animais.

Todavia, Sussman (2014) embasa todo o seu trabalho no caráter cultural da raça. Segundo ele, “o conceito de raças humanas é real. Não é uma realidade biológica, mas, cultural. Raça não é uma parte de nossa biologia, mas é definitivamente uma parte de nossa cultura. Raça e racismo estão profundamente enraizados na nossa história³²” (SUSSMAN, 2014, p. 8). Amparado pelas pesquisas científicas que provam que não há diferenças biológicas entre seres humanos brancos e não-brancos, ele expande o trabalho de Franz Boas pensado em 1911, o primeiro estudioso a olhar para a cultura de modo a respeitar a sua diversidade no meio social.

Com o pensamento de que as diferenças apresentadas pelos diferentes povos eram diretamente influenciadas pelas relações que mantinham com o meio social e natural ao longo da história, Sussman (2014) nota que Boas é o primeiro teórico que não observa a variação humana a partir da superioridade de um grupo sobre o outro, como foi feito durante séculos. Além disso, Sussman (2014) entende o seu pensamento para a discussão do preconceito e ódio racial, dissertando sobre a ideologia racista perpetuada pelos séculos e movida pela mesma teoria de

que a variação humana pode ser facilmente colocada em categorias simples (classificações raciais), que essas categorias são inerentemente distintas, que podem ser classificadas de forma a tornar algumas "raças" superiores a outras, e que muitas das características humanas mais importantes (tais como inteligência, criminalidade, agressão, até mesmo a capacidade de navegar em navios) são biologicamente determinadas e racialmente variáveis e não podem (ou

³²“The concept of human races is real. It is not a biological reality, however, but a cultural one. Race is not a part of our biology, but it is definitely a part of our culture. Race and racism are deeply ingrained in our history” (SUSSMAN, 2014, p. 8)

podem apenas superficialmente) ser influenciadas por fatores ambientais³³ (SUSSMAN, 2014, p. 304).

Desse modo, o autor denota a ideia de que todo o preconceito contra pessoas não-brancas não passa de uma repetição histórica de uma crença infundada mantida no imaginário das pessoas ao longo de séculos. Tal crença não permaneceu “por acaso” na sociedade e, sim, continua a ser sustentada a fim de favorecer os interesses de indivíduos específicos.

No primeiro capítulo deste estudo, começamos a compreender a relação de dominação estabelecida pelo Ocidente em relação ao restante do mundo. Ampliando o que foi exposto a respeito da teoria de Said (1990), a divisão geográfica e ideológica entre Ocidente e Oriente se deu justamente pelo valor desse último, dado que é nele que “estão localizadas as maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte das suas civilizações e línguas, seu concorrente cultural e uma das suas mais profundas recorrentes imagens do Outro” (SAID, 1990, p. 13). Os fatos aqui descritos demonstram que a diferença evocada pelo Oriente é suficiente para intimidar um conjunto de países que por razões religiosas, econômicas e políticas consideram-se superiores.

Ao criar uma ideologia que explica e conceitua essa relação de dominação, o Orientalismo, Said (1990) dimensiona a sociedade moderna, explicando as diferentes formas de poder desiguais que a compõe. Os poderes cultural, moral, político e intelectual citados pelo autor estão presentes na realidade e são responsáveis por explicar quais são os valores culturais e científicos, padrões comportamentais e físicos hegemônicos.

Com base na contextualização construída nos últimos parágrafos, podemos, enfim, refletir sobre o papel da raça no romance de Yaa Gyasi. A personagem Effia, por exemplo, pode não ter sofrido o racismo brutal do escravismo como sua irmã Esi, mas ela estava inserida em uma comunidade ganense que acreditava estar sendo beneficiada com trocas de produtos e pessoas com os colonizadores europeus. O contexto em que ela estava estabelecida representa a realidade histórica do

³³ “*This prejudice is fueled by the same underlying theory that human variation can be easily put into simple categories (racial classifications), that these categories are inherently distinct, that they can be ranked in ways that make some ‘races’ superior to others, and that many of the most important human characteristics (such as intelligence, criminality, aggression, even the ability to navigate ships) are biologically determined and racially variable and cannot (or can only superficially) be influenced by environmental factors*” (SUSSMAN, 2014, p. 304).

Orientalismo, estando em posição de dominação em relação aos grupos colonizadores sem perceber. Além disso, Effia é alvo do desejo sexual desses grupos, por ser induzida a se casar com um poderoso governador britânico. Apesar de sua pele não ter ocasionado nenhuma violência à personagem, a premissa de superioridade das raças abalou a vida de sua comunidade e seu futuro, dado que ela foi separada de sua família para viver no Castelo de Cape Coast.

Por outro lado, Esi e sua filha Ness não tiveram o mesmo destino, sendo fadadas a uma vida de crueldade física e psicológica por intermédio do sistema de escravização. Amparado pelas teorias raciais mantidas por séculos, esse sistema era validado e suas ações eram realizadas em nome de uma falsa crença de que os povos explorados precisavam ser salvos por serem imorais, pecadores e sub-humanos.

Seguindo a cronologia de sucessão de personagens femininas do romance, a próxima mulher apresentada ao leitor é Abena, a bisneta de Effia que nasceu e cresceu longe da influência do poder de seus avós. Apesar de ter, em parte, descendência britânica, a história de sua família lhe foi escondida, então ela vivia em uma comunidade negra longe do contato com colonizadores, mas ouvindo as histórias e cultivando uma abominação pelos povos brancos. Isso significa que, por grande parte de sua vida, Abena pôde viver sua cultura e sua raça sem discriminações e submissão. Entretanto, quando fica grávida e precisa fugir de seu vilarejo, ela busca ajuda em uma escola missionária comandada por um homem branco. A partir deste momento, ela e sua filha Akua são obrigadas a abdicar de suas próprias crenças para aprender e seguir os valores cristãos europeus.

A narrativa sobre essas protagonistas mostra uma outra face do continente africano no período colonialista, uma que não envolve a escravização humana. Percebemos Abena como um símbolo das populações africanas fadadas à colonização ideológica e religiosa. Mesmo não submetendo pessoas à desumanidade da exploração do escravismo, esse tipo de colonização também era perigoso, visto que os missionários europeus não aceitavam oposições contra os valores que desejavam impor.

Um fato que atesta isso é a morte de Abena, que, como vimos, foi assassinada pelo mesmo missionário que lhe ofereceu ajuda por resistir em deixar para trás sua identidade e valores. Nesta história vemos que a raça e todo o conjunto cultural que compunha a identidade da personagem foram a razão de sua morte, mostrando que a colonização europeia no continente africano não se limitou à conquista de terras e

ao tráfico de pessoas, mas foi também a exploração ideológica e religiosa também perigosa que citamos. A seguir, vemos um trecho que demonstra o pensamento dominador dos missionários: “Todas as pessoas do continente negro devem abandonar o paganismo e se voltar para Deus. Sejam gratos pela presença dos ingleses aqui para ensiná-los a levar uma vida digna e virtuosa” (GYASI, 2017, p. 273).

Sem sua mãe e a influência da cultura negra ganense desde criança, tudo o que sua filha Akua aprendeu e conheceu passava pelo julgamento do missionário. Conforme expomos quando abordamos a questão de lar e pertencimento, a personagem foi influenciada pela cultura africana vista fora dos limites da escola e, portanto, sua relação com sua raça e sua herança cultura original foram fortes o suficiente para gerar inquietações e questionamentos sobre tudo o que tinha aprendido durante tantos anos na escola missionária.

Após seu distanciamento das imposições coloniais, Akua tem um recomeço e constitui sua família seguindo os valores de seu povo e cultura. Sendo jovem no período em que habitou a escola missionária, Akua passou a vida adulta e idosa em um contexto histórico de pós colonização da África. De acordo com a caracterização tecida ao longo deste capítulo de pensar cada personagem feminina de Yaa Gyasi como um símbolo de um povo ou uma época específica, acreditamos que Akua representa a geração que viveu no continente africano depois da escravatura e da colonização, empenhando-se em perpetuar suas línguas e dialetos, práticas culturais e crenças religiosas.

Retomando a discussão racial e voltando-se para a linhagem de Esi, Willie vivencia um tipo de dominação diferente de suas antepassadas. Tendo acabado o escravismo, seus resquícios permaneceram por séculos em outros formatos. No jardim das identidades, os indivíduos que possuíam tons de pele mais escuros vivenciavam uma discriminação racial que ganhou um novo sentido, o ideológico. Essa marginalização passou a ser manifestada não somente pela violência física e sexual, mas também pela violência psicológica e exclusão social, impedindo povos negros de levarem uma vida com as mesmas oportunidades de emprego, condições financeiras e, até mesmo, atividades de lazer que os cidadãos brancos.

Além disso, surge um novo tipo de preconceito, mais debatido nos estudos contemporâneos: o colorismo. Segundo Alessandra Devulsky (2021, p. 14), o colorismo é um “processo social complexo ligado à formação de uma hierarquia racial

baseada primordialmente na ideia de superioridade branca, sua razão de fundo atende aos processos econômicos que se desenvolvem no curso da história”.

A socióloga Najara Lima Costa (2018) discorre sobre esse assunto argumentando que os sujeitos negros que possuem pele mais clara acabam enfrentando discriminações raciais com menos força do que os sujeitos negros com pele mais escura. Isso é evidente na obra de Gyasi, uma vez que o marido de Willie é visto pela sociedade de maneira diferente de sua esposa, por possuir um tom de pele mais claro que o dela. O romance delimita a diferença da cor de suas peles no trecho a seguir, que narra o momento em que Willie conhece Robert ainda criança:

Willie não era negra como carvão. Tinha visto carvão suficiente na vida para ter certeza disso. Mas, no dia em que Robert Clifton foi com o pai à reunião do sindicato para ouvir Willie cantar, tudo em que ela conseguia pensar era que ele era o garoto negro mais branco que ela já tinha visto (GYASI, 2017, p. 298).

A diferença observada causa uma grande dificuldade na vida do casal, pois todos ao seu redor enxergavam Robert como um homem branco, anulando a cor de sua pele e condenando a união entre um homem supostamente branco com uma mulher negra. O racismo vivido por Willie impedia seu marido de conseguir um emprego, já que as ofertas não aceitavam negros ou casados com mulheres negras. A solução encontrada pelo casal foi a de criar uma mentira, evitando ser vistos juntos publicamente, para que, enfim, Robert conseguisse um emprego:

eles já não andavam juntos na calçada. Robert sempre andava mais à frente, e eles nunca se tocavam. Ela nunca mais chamou seu nome. Mesmo que estivesse caindo na rua, que um homem a estivesse assaltando ou que um carro estivesse vindo atropelá-la, ela sabia que não devia chamar seu nome. Uma vez ela o chamou, Robert se virou, e todos olharam espantados (GYASI, 2017, p. 309).

A não ser que um homem seja branco ou seja casado com uma mulher branca, ele não conseguirá ter boas oportunidades de emprego no mercado de trabalho. Como a sociedade via Robert como branco, quando ele muda a estratégia e passa a fingir que não conhecia Willie, ele consegue um emprego facilmente, em um ambiente de trabalho inteiramente dominado por homens brancos.

Esse assunto é tão premente que não raro encontramos obras literárias que levantem discussões semelhantes e, a literatura, como sabemos, representa a

sociedade, então entendemos que o colorismo é uma questão relevante. Dentre tantos exemplos, talvez o mais significativo seja *The Vanishing Half* (2020), de Brit Bennett, traduzido para o português brasileiro como *A Metade Perdida* (2021). A obra traz como personagens principais as irmãs gêmeas Stella e Desiree Vignes, que são negras de pele muito clara e vivem em uma comunidade negra no sul dos Estados Unidos.

A história recai sobre o destino das irmãs: elas fogem da cidade, mas Stella começa a se passar por branca para encontrar um emprego e ser melhor tratada na sociedade, abandonando a irmã e deixando-a apenas um bilhete. Desiree volta à sua cidade natal e se casa com um homem negro de pele escura. Esses dois destinos fazem com que elas percorram trajetórias completamente distintas: Stella vive temerosa de que alguém descubra que ela é negra (inclusive seu marido branco) e Desiree sofre discriminação por causa de seu casamento. Essa é, provavelmente, a obra contemporânea mais significativa sobre colorismo. Por isso, ao tocar no tema, não pudemos nos furtar de mencioná-la.

No entanto, compreende-se que a discussões das personagens femininas a partir de Willie não podem se limitar apenas à sua cor de pele, pelo fato de que a discriminação que mulheres como ela sofrem ultrapassam as fronteiras de raça, conforme será visto na seção seguinte.

A última personagem retratada no romance é Marjorie e é nesta que constatamos uma conexão com o pensamento do sociólogo inglês Paul Gilroy (2001) a respeito das identidades negras na modernidade. De acordo com o autor, não podemos pensar a respeito de suas identidades sem levar em conta a herança escravocrata que começou com a travessia do Atlântico para a colonização do continente africano. Segundo ele, o racismo e o terror originado pela escravização ficaram inscritos nos corpos dos povos negros por meio do campo da memória, construindo a base para a identidade dos negros no Ocidente. Assim,

a história do Atlântico negro, constantemente ziguezagueado pelos movimentos de povos negros — não só como mercadorias mas engajados em várias lutas de emancipação, autonomia e cidadania —, propicia um meio para reexaminar os problemas de nacionalidade, posicionamento [*location*], identidade e memória histórica (GILROY, 2001, p. 59).

Ao examinar a personagem Marjorie, nota-se a consciência de sua raça e, sobretudo, do passado do seu povo, o que aparenta ser uma peça essencial para a formação de sua identidade. Desse modo, a primeira evidência do reconhecimento de sua condição oprimida é o fato de seu pai ser um professor aposentado que dedicou a sua vida estudando a história dos povos negros, sempre havendo a preocupação da filha conhecer sua cultura e língua originais, mesmo vivendo em um continente com valores distantes de seus costumes ganenses.

Além disso, conforme foi crescendo e se relacionando com diferentes pessoas nos Estados Unidos, ela percebeu que “ali ‘branco’ podia ser o jeito de uma pessoa falar; ‘negra’ podia ser uma música que uma pessoa escutava” (GYASI, 2017, p. 399), diferente de seu país de origem, que se utilizava de uma interpretação literal de raça enquanto a cor de pele das pessoas. Ou seja, Majorie compreendeu, aos poucos, o que significa ser negra no Ocidente, percebendo de que maneira os tons verdes da floresta afetam toda a dinâmica social. A personagem também teve contato com o preconceito e a dominação dos brancos sobre povos negros, conforme explicado pela sua professora, sra. Pinkston:

Escute, Marjorie, vou lhe dizer uma coisa que pode ser que ninguém tenha lhe dito. Aqui, neste país, para os brancos que mandam nas coisas, não importa de onde você tenha vindo originalmente. Você está aqui agora, e aqui negro é negro e ponto final (GYASI, 2017, p. 404).

Os fatos apresentados apontam para a ideia de que Marjorie destoa do restante das personagens por estar inserida em um contexto em que discussões sobre direitos de minorias são estimulados, o que não significa que ela não sofra opressões semelhantes às experienciadas por suas ancestrais. Por estudar em um colégio frequentado majoritariamente por alunos brancos, a protagonista vive situações que denunciam o caráter racista da sociedade nos dias atuais. Esse fato pode ser verificado nos trechos em que mostram a indignação dos colegas de classe com a aproximação de Marjorie com o amigo Graham, um garoto caracterizado como tendo cabelos louros e olhos azuis.

A narrativa sugere que em momentos em que a protagonista e Graham estão longe dos olhares dos demais colegas da escola, eles conseguem ter diálogos amigáveis, ao passo que quando outros estudantes estão presentes no mesmo ambiente, há uma pressão por parte deles para que Graham não se relacione com

Marjorie. Notamos, no seguinte excerto, o preconceito de uma aluna do mesmo colégio ao constatar que Graham estava dialogando com a protagonista:

Ela olhou para Marjorie só por um segundo, mas foi o suficiente para Marjorie perceber a expressão de repulsa que tinha começado a se formar no seu rosto.

— Graham — sussurrou ela, como se abaixar a voz fosse impedir Marjorie de ouvir. — Você não deve se sentar aqui.

— Como assim?

— Você não deve se sentar aqui. As pessoas vão começar a pensar...

— Mais um olhar de relance. — Bem, você sabe (GYASI, 2017, p. 412).

Sua conexão com as águas do Atlântico a coloca como sujeito negro histórico em constante busca de uma identidade que lhe foi apagada há séculos no passado e que nunca foi recuperada e ouvida. Como dito anteriormente, exploraremos no terceiro capítulo deste estudo a profunda relação com o passado ancestral que personagens como Marjorie possuem e veremos também que as mesmas águas desempenham um papel crucial em sua conexão com suas ancestralidades. Por ora, afirmamos que o tom de pele de Marjorie a transforma em um indivíduo que não é sequer digno do olhar do branco opressor, sendo ignorado e objetificado. A experiência vivida pela personagem pode servir como uma materialização na literatura da metáfora do “eu” invisível de Bhabha (1998) a partir da elisão do olho do opressor, que se vincula com a teoria já elucidada sobre a ambivalência,

Na perspectiva do autor, “o sujeito não pode ser apreendido sem a ausência ou a invisibilidade que o constitui [...] de modo que o sujeito fala, e é visto, de onde ele *não está*” (BHABHA, 1998, p. 79-80). Em outras palavras, a fragmentação identitária de Marjorie começa no *não-olhar* do opressor, um olhar que nega a sua presença. É por essa razão que encontramos uma personagem fragmentada e dividida entre duas culturas ao chegar em um país onde a manifestação de seus valores e até mesmo sua própria existência é diminuída e considerada nula.

O ponto em comum de todas as personagens não é somente a sua condição de diáspora, mas sim as questões raciais que foram a razão ou a consequência de seu trânsito. Portanto, mesmo sendo motivadas por razões diferentes, Effia, Esi, Ness e Akua precisaram deslocar-se em razão da cor de suas peles, ao passo que Abena, Willie e Marjorie sofreram diversas opressões raciais após sua locomoção. A seguir, veremos quais são os outros tipos de dominação que as personagens de Yaa Gyasi

— e todas as mulheres negras na esfera da realidade por elas representadas — estão sujeitas.

2.2.4 – O JARDIM E SUAS DIVERSAS FORMAS

Novamente, a noção da natureza como uma representação da sociedade emerge neste estudo e comparamos a multiplicidade das identidades com as diversas formas, cores e tamanhos que compõem um jardim. Veremos, então, as categorias que atravessam as identidades dos sujeitos e trazem diversidade ao meio social.

Assim, compreender as opressões e violências que as protagonistas de *O caminho de casa* vivenciam implica pensar que não são somente categorias isoladas de raça ou gênero que as colocam em posição marginalizada. É necessário investigar cada interface como estando interligada a um todo que compõe o conjunto identitário das personagens. Essa premissa associa-se com a teoria da interseccionalidade, estudada por teóricos culturais internacionais e nacionais como Kimberlé Crenshaw, Patrícia Hill Collins, Simone Bilge e Carla Akotirene.

De maneira geral, a interseccionalidade é uma ferramenta analítica que “considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 17). Assim, essa ferramenta seria uma maneira de explicar boa parte da complexidade da condição humana no mundo. No entanto, a pesquisadora Carla Akotirene (2019) sugere um cuidado ao pensar nas diferentes intersecções sem considerá-las como uma fórmula matemática de soma de categorias que os sujeitos colecionam, como visto em seu estudo:

A interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Em vez de somar identidades, analisam-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade (AKOTIRENE, 2019, p. 43-44).

Suas palavras indicam que as categorias de gênero, raça, classe, religião, etnia são aspectos identitários que constituem os indivíduos subjetivamente. Com isso, Akotirene (2019) chama atenção para a maneira como tais categorias foram sendo

estruturadas na sociedade, alicerçadas nas relações de poder que são capazes de marginalizar alguns corpos ao passo que legitima e celebra outros.

Apesar da interseccionalidade ser uma área de estudo relativamente nova, surgindo no final de 1960 e ganhando mais notoriedade na atualidade, ela pode ser usada como ferramenta de análise sociológica da experiência humana tanto nos dias atuais quanto em séculos anteriores. Por essa razão, desenvolvemos um estudo interseccional a partir das figuras femininas do romance de Gyasi e verificamos que o jardim que representa a sociedade acolhe as identidades de maneira diferenciada, dependendo de quais interseccionalidades as atravessam.

Por exemplo, posicionalidades de raça, gênero, etnia e faixa etária explicam a razão pela qual Effia precisou casar-se com um colonizador britânico, enquanto seu irmão Fiifi tornou-se um grande guerreiro, destinado a ser um chefe de aldeia poderoso. Do mesmo modo, a já debatida opressão de seu marido James sobre a sua religião, demonstra mais uma faceta do conjunto identitário de Effia que é reprimido e anulado para enquadrar-se na ideologia hegemônica europeia.

As mesmas intersecções atravessam Esi e Ness e possibilitam o entendimento dos motivos que levaram as mulheres escravizadas serem utilizadas como objetos sexuais e instrumentos reprodutivos para a obtenção de mais lucros econômicos. Por isso a essencialidade da discussão interseccional, visto que esse momento histórico representado no romance é o berço de todas as ideologias de xenofobia, discriminação racial, opressão de gênero e divisão do trabalho que conhecemos e tanto discutimos nos dias atuais (AKOTIRENE, 2019).

Segundo o pensamento de Akotirene (2019),

é oportuno descolonizar perspectivas hegemônicas sobre a teoria da interseccionalidade e adotar o Atlântico como locus de opressões cruzadas, pois acredito que esse território de águas traduz, fundamentalmente, a história e migração forçada de africanas e africanos. As águas, além disto, cicatrizam feridas coloniais causadas pela Europa, manifestas nas etnias traficadas como mercadorias, nas culturas afogadas, nos binarismos identitários, contrapostos humanos e não humanos. No mar Atlântico temos o saber duma memória salgada de escravismo, energias ancestrais protestam lágrimas sob o oceano (AKOTIRENE, 2019, p. 20).

Portanto, o que constatamos na trajetória das protagonistas Esi e Ness é a origem de um futuro de opressões sobre seus corpos negros, para sempre inscritos em formato de cicatrizes coloniais — muitas vezes esquecidas pelos indivíduos

hegemônicos que não compartilham da mesma condição oprimida. As marcas que examinamos não estão simplesmente presentes passivamente em seus corpos: elas doem por séculos uma dor materializada em discriminações raciais e de gênero, violências psicológicas e físicas, desvantagem econômica, perseguição religiosa, exclusão social, falta de direitos básicos sanitários e de saúde, entre outros. Ainda que neste trabalho foquemos apenas nas personagens femininas, tal “memória salgada” proporcionada pelo contexto de escravização perpassará todos os descendentes de Esi e Ness presentes no livro, bem como os descendentes de Effia, apesar de ter sentido os efeitos do escravismo indiretamente.

Quanto às protagonistas Abena e Akua, notamos que as dificuldades enfrentadas em suas vidas decorrem do fato de serem mulheres negras africanas, não seguirem a religião cristã e por conta de suas faixas etárias, dado que Abena era classificada como velha demais para casar e ter filhos na sua sociedade. Já Akua era uma criança que dependia de um projeto missionário para conseguir suprir suas necessidades básicas, alienada de sua cultura original. Portanto, também verificamos a importância de pensar essas personagens a partir de uma perspectiva interseccional, para não cairmos no erro de pensar que elas não vivenciaram opressões de raça, classe, gênero e etnia, apenas pelo fato de não viverem o regime escravista. Assim, devemos nos lembrar do pensamento de Akotirene (2019, p. 24) que afirma que “é da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade”.

A investigação da personagem Willie também permite um viés interseccional ao pensar de que maneira sua vida é diferente em relação à do seu marido, um homem considerado branco pela sua sociedade. Se, como vimos na seção anterior, a vida e a busca de empregos dignos pelos povos negros foram dificultadas com o movimento da Grande Migração dos Estados Unidos, a situação de desvantagem no sistema econômico agrava-se ao pensarmos sobre a posição da mulher negra, aqui representada por Willie. Ser uma mulher negra influenciou até mesmo na contratação de Robert, já que, como vimos, os proprietários de empreendimentos não aceitavam empregados casados com mulheres negras.

A situação da protagonista dialoga com o argumento concebido por Collins e Bilge (2021) de que a desigualdade social não atinge de maneira igualitária as mulheres, as crianças, pessoas da comunidade LGBTQIA+, grupos indígenas e pessoas não brancas. Resta a elas uma condição de desvantagem no sistema econômico e diferente tratamento no mercado de trabalho, em relação aos seus

direitos, aos seus salários e nas práticas de contratação. Essa realidade social é visível aos olhos desses grupos sociais, que, aos poucos, vão compreendendo a dinâmica discriminatória da sociedade, como verificado na fala da personagem: “Se ela fosse Robert, pensou Willie. Robert podia conseguir o emprego que quisesse” (GYASI, 2017, p. 311).

O emprego que Willie conseguiu foi o de governanta na casa de uma abastada família negra, fazendo a limpeza e cuidando de tudo, fato que denuncia a condição histórica de mulheres negras. A filósofa estadunidense Angela Davis (2016) argumenta que o serviço doméstico foi a área de trabalho que as mulheres negras foram forçadas a adotar no período pós-escravidão. Segundo a autora, enquanto “as mulheres brancas nunca recorreram ao trabalho doméstico, a menos que tivessem certeza de não encontrar algo melhor, as mulheres negras estiveram aprisionadas a essas ocupações até o advento da Segunda Guerra Mundial” (DAVIS, 2016, p. 109-110).

A condição e os direitos da mulher negra demoraram para ser endereçados pelo movimento feminista porque eram mulheres brancas de classe média que chefiavam o movimento e elas não incluíram em sua pauta de luta a conexão entre os povos negros oprimidos e as mulheres (DAVIS, 2016). Davis também aponta que foi somente com o discurso emblemático de Sojourner Truth, na primeira *National Convention on Women's Rights* (Convenção Nacional de Direitos das Mulheres), que foi exposto o racismo e o preconceito de classe no movimento que surgia. Com seu questionamento “E eu não sou uma mulher?”, a ativista assinalou a importância de se ponderar sobre os problemas que as mulheres negras enfrentavam na luta feminista, reivindicando a ideia de que seus direitos eram igualmente legítimos aos das mulheres brancas de classe média.

Mesmo com seus esforços e com o trabalho de outras ativistas negras feministas como bell hooks, Rosa Parks, Lélia Gonzalez, Angela Davis, Djamila Ribeiro, Ida B. Wells, Maya Angelou, Sueli Carneiro, mulheres que conectam o passado e o presente da luta pelos direitos raciais e femininos, o movimento feminista contemporâneo ainda possui um caráter racista, marginalizando as mulheres não-brancas e pobres e suas demandas (HOOKS, 2021, p. 89-90). Entendemos que isso ocorre pelo fato de o racismo estar de tão intensamente enraizado estruturalmente na sociedade, que até mesmo grupos que também se encontram em posição de

opressão não enxerguem o quanto a luta minoritária deveria ser algo comum e coletivo.

Como representação na contemporaneidade, temos a personagem Marjorie para comprovar que, de fato, ainda há resquícios do passado colonial, mesmo após tantas lutas pelos direitos femininos, dos povos racializados e imigrantes. Notamos no romance que, principalmente as categorias de raça e local de origem causam um maior impacto em sua existência, conforme as discussões tecidas nas seções anteriores, que explicitavam que a relação com sua raça dependia do modo como a sociedade racista a via. Além disso, percebemos a dificuldade de pertencimento da protagonista ao não conseguir se situar nem em Gana nem nos Estados Unidos e o preconceito e a não compreensão por parte de seus colegas e professores de sua identidade cultural cindida. Esses fatores conjuntamente analisados apontam para um viés interseccional que considera a existência de Marjorie, personagem cujas características distintas se unem para compor o todo identitário da protagonista.

A razão pela qual o estudo das interseccionalidades é crucial para este trabalho não recai somente no motivo já apontado da impossibilidade de abranger a complexidade das personagens femininas da obra de Yaa Gyasi sem entender todos os aspectos identitários que as constituem. Além disso, compreende-se que pensar todas as intersecções de gênero, raça, etnia, classe social, religião e nacionalidade que atravessam as protagonistas dessa história viabiliza o movimento de conexão com a realidade brasileira. O que queremos asseverar é que, apesar de se tratar de uma narrativa ambientada em solo estadunidense, as discussões originadas a partir de *O caminho de casa* possuem uma relevância semelhante no Brasil.

Isso quer dizer que no jardim das identidades brasileiras, indivíduos com tons mais escuros de pele sofrem a diferenciação no tratamento, nos direitos e nas oportunidades oferecidas. Em outras palavras, as mulheres e homens brasileiros não brancos também sobrevivem com os ecos do período de escravização pelo fato de nosso país ser uma ex-colônia europeia. Como muito bem pontuado pelo pesquisador Teun A. van Dijk,

do Norte ao Sul, no México, na Venezuela, na Colômbia, no Peru e, especialmente, no Caribe e no Brasil, as pessoas de origem africana foram sistematicamente inferiorizadas em todos os domínios da sociedade. Preconceitos contra os negros aliados a uma vasta rede de práticas discriminatórias reproduziram, por conseguinte, a pobreza,

o baixo *status* e outras formas de desigualdade social no que concerne ao branco dominante e às elites mestiças (VAN DIJK, 2012, p. 13).

Seu pensamento confirma a ideia de que o tratamento recebido e os direitos dos povos negros após o escravismo no Brasil não foram diferentes de outros países colonizados ou que receberam escravizados para a exploração de mão de obra. Sua escrita também denota um caráter interseccional de lidar com a raça, conectando-a com a categoria de classe, mostrando, mais uma vez, a importância de considerar essa análise no contexto brasileiro. Ela é relevante não apenas na literatura, mas em vários campos do saber, bem como no aspecto da vida em sociedade, em que as personagens são representações de milhares de pessoas reais feitas por escritoras comprometidas com a realidade como Yaa Gyasi. Na literatura de ficção elas ganham vida e estão sujeitas a todas as marginalizações e opressões aqui debatidas, bem como as mulheres não brancas espalhadas pelo mundo.

3. ANCESTRALIDADE E IDENTIDADE

O estudo da ancestralidade está intimamente relacionado com as teorizações que tratam sobre a questão da memória. Por essa razão, iniciamos uma exposição sobre algumas linhas gerais a respeito das teorias que tratam da memória, para, em seguida, focarmos no objetivo do capítulo, a ancestralidade. Assim, compreendemos que a questão da memória é uma temática que desafia os filósofos, os estudiosos e cientistas da área da psicologia e da medicina ao longo de séculos. Com base em uma pesquisa que mapeia a trajetória de estudos da memória, Ana Luiza Bustamante Smolka (2000) postula que as primeiras teorizações acerca do tema, no sentido de estabelecer regras e princípios, datam do período Clássico, na Grécia Antiga. Segundo Smolka (2000), o responsável por iniciar os questionamentos memorialísticos é Simonides de Céos, um poeta e pintor do século V a.C., seguido de contribuições importantes de Platão e Aristóteles.

Os estudos posteriores da memória continuaram buscando diferentes definições, sobretudo na tentativa de compreender a formação da mente, procurando “entender as condições, os modos de produção e as práticas que envolvem motivos e formas de lembrar e esquecer, maneiras de contar, de fazer e registrar histórias” (SMOLKA, 2000, p. 168). Ao entrar em contato com essas teorias, constatamos que muitos desses estudos investigam o fenômeno memorialístico levando em conta os processos psicológicos e biológicos dos seres humanos para a sua apreensão, combinados aos processos sociais.

Por exemplo, o filósofo francês Henri Bergson (1999) conduz sua pesquisa referindo-se às “imagens-lembrança” e as “memórias-hábito”, aproximando-se à ideia de que as primeiras são imagens evocadas a partir da lembrança de fatos passados vivenciados pelos indivíduos, enquanto as “memórias-hábito” estariam mais ligadas aos processos sociais e culturais, visto que são ações, objetos e pensamentos presentes ao redor do sujeito que, quando repetidos, tornam-se habituais. De maneira semelhante, a brasileira Ecléa Bosi (2010) retoma os estudos de Bergson e também discorre sobre a memória relacionada com o inconsciente, aos processos sociais, com a investigação da memória coletiva desenvolvida por intermédio de laços com familiares e amigos, bem como os espaços da memória, compostos de objetos e lugares que servem de representação de experiências vividas.

No entanto, apesar dessas teorizações abordarem alguns conceitos essenciais dos estudos memorialísticos, nelas, não é frequente a sua abordagem juntamente com o conceito de ancestralidade. E isso se dá pelo fato de as teorizações sobre memória em si não levarem em conta a sua relação com os corpos negros. A partir do momento que a existência negra é posta em questão, surgem questionamentos e perspectivas a serem endereçados que vão além de processos psicológicos e biológicos.

Para o professor nigeriano Wale Adebani (2008, p. 442), “os ancestrais ocupam um espaço central nas cosmologias e práticas sociais africanas³⁴”, sendo importantes para a agência coletiva negra. Ou seja, a realização da cultura e o pensamento do passado para os sujeitos negros estão relacionados à figura ancestral, esses povos voltam-se a um sentido coletivo de pertencimento, não necessariamente a um sujeito histórico em particular.

O regresso ao passado também se refere ao presente, pois a ancestralidade é um fenômeno incorporado nos corpos dos sujeitos negros. De acordo com o filósofo brasileiro Eduardo David de Oliveira (2005, p. 126), esse tipo de memória é construído como consequência do “movimento de contatos e conflitos que se deram e se dá na esfera social, política, religiosa e corporal”. Com suas palavras, podemos pensar que a existência negra é historicamente permeada por enfrentamentos de todas as esferas da sociedade, que, juntamente com sua herança de riqueza cultural e religiosa, faz de seus corpos a materialização do passado ancestral. Esse passado, conforme veremos na seção seguinte, não pode ser admitido como um tempo distante e separado do agora, ele deve ser vinculado com o presente, o futuro e fazer parte de toda a essência dos sujeitos negros.

Neste estudo, como a raça é uma das principais engrenagens que movem a narrativa *O caminho de casa*, optamos por deixar as teorias da memória em segundo plano e dar ênfase à ancestralidade e os corpos negros. Desse modo, a seção que se segue busca verificar a presença desse conceito no romance de Gyasi nas ações, nos diálogos e nas descrições de suas personagens, debatendo-o e relacionando-o com a temática da identidade.

³⁴ “Ancestors occupy a central place in African cosmologies and social practices” (ADEBANWI, 2008, p. 442).

3.1 – O ESPAÇO-TEMPO DA ANCESTRALIDADE

Tendo definido qual abordagem da memória a ser utilizada nesse capítulo, buscamos, neste momento, discutir pontos de vista que a definem como interligada com o conceito de ancestralidade e, sobretudo, que pensam seus conceitos em relação à identidade dos sujeitos. Isto posto, o primeiro teórico acerca da memória que relaciona a experiência memorialística com a identidade dos sujeitos é o austríaco Michael Pollak (1992). Em sua definição, o autor afirma que a memória é um fenômeno construído social e individualmente, sendo “um elemento constituinte do sentimento de identidade” (POLLAK, 1992, p. 204), pois é ela que possibilitará a continuidade de um sujeito em relação ao que ele constrói para si como identidade, como valores, práticas sociais e tradições.

O autor enumera quatro elementos fundamentais que constituem a memória: os acontecimentos vividos pessoalmente; aqueles que o autor nomeia de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer” (POLLAK, 1992, p. 201); as pessoas ou personagens; e os lugares. Para fins de esclarecimento, Pollak (1992) complementa que o segundo elemento constitutivo da memória se refere aos acontecimentos situados no imaginário coletivo de um grupo, que se confundem com experiências reais vividas pelos sujeitos. A mesma premissa vale para os outros dois elementos teorizados pelo autor. Isso quer dizer que, por vezes, os indivíduos não conheceram, de fato, certas pessoas ou espaços geográficos pessoalmente, mas estão vinculados indiretamente com base em outras pessoas e lugares conhecidos.

Todavia, o ponto mais interessante para esse estudo abordado por Pollak (1992) é o seu tratamento com os lugares da memória. Ele não limita sua teoria aos locais evocados por meio de lembranças pessoais dos seres humanos, mas expande seu pensamento para acolher até mesmo os “locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa” (POLLAK, 1992, p. 202). De acordo com o autor, os lugares referidos podem compor um importante espaço na memória de um grupo, fazendo referência, de mesmo modo, à memória pessoal de um indivíduo que nutre um sentimento de pertencimento a esse grupo.

Quando o autor se refere aos espaços longínquos da memória, ele abre para o pensamento da ancestralidade, mesmo que esse termo não seja mencionado. Pensamos nisso, pois, Pollak (1992) exemplifica seu pensamento com a imagem de

“europeus com origens nas colônias. A memória da África, seja dos Camarões ou do Congo, pode fazer parte da herança da família com tanta força que se transforma praticamente em sentimento de pertencimento” (POLLAK, 1992, 202). Assim, o teórico pensa o conceito da memória intimamente relacionado com a identidade subjetiva e coletiva de grupos, uma vez que sua teorização aponta para uma faceta desse conceito que vai além da experiência dos indivíduos, indo em direção a um forte sentimento originado e cultivado e no decorrer de séculos de história.

É desse sentimento que todas as personagens da obra de Yaa Gyasi compartilham, seja por razão das atrocidades do escravismo, seja pela herança ancestral de tradições, crenças e histórias contadas durante gerações ou sentidas no íntimo do ser de cada personagem. Segundo Oliveira (2005, p. 271), a “ancestralidade é uma categoria que está profundamente vinculada ao território africano. É uma categoria sapiencial que brota do solo e, telúrica que é, se embebece da seiva que corre na forma cultural africana: a terra”.

Por essa razão, encontramos inúmeras referências ao passado ancestral na literatura de Gyasi e na arte de outros autores negros, por constituir toda a essência e o corpo negro mediante seu vínculo poderoso com a terra. A canção do premiado rapper brasileiro Emicida, intitulada *Principia*, faz um elogio ao amor, muito além de seu sentido romântico, mas um amor próprio, às pessoas ao redor e ao universo. Como na maioria de suas produções, o compositor aborda temas políticos brasileiros, sobretudo em relação à identidade racial dos povos negros. Em um verso dessa canção, vemos a forte ligação ancestral com o continente africano do eu-lírico:

Tudo que bate é tambor
 Todo tambor vem de lá
 Se o coração é o senhor, tudo é África
 Pois em prática, essa tática, matemática falou
 Enquanto a terra não for livre, eu também não sou (EMICIDA, 2019).

Os versos anteriores demonstram o sentimento de pertencimento ao continente africano com a criação da metáfora do coração enquanto tambor, instrumento musical elementar para a cultura africana. A canção retoma a simbologia do tambor relacionada à vida, atestada por Jean Chevalier e Alain Gheerbrant em seu *Dicionário de Símbolos*. De acordo com os autores, “na África, o tambor está estreitamente ligado a todos os acontecimentos da vida humana. É o eco sonoro da existência. Instrumento africano por excelência” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 862).

Assim, o eu-lírico da canção une o coração e o tambor, símbolos de sua existência negra, e sugere que seu coração-tambor bate a verdade, o passado e tudo que vem de seus ancestrais negros. E, trazendo um teor político, no último verso aqui apresentado, presumimos que o eu-lírico se refere à opressão do colonialismo e, talvez, de todas as suas consequências que perduram até os dias atuais e estão inscritas nos corpos negros para reafirmar sua conexão com sua terra ancestral. Ele somente se sentirá livre no momento em que essa opressão acabar e seus semelhantes também estiverem livres.

O exemplo da canção de Emicida é apenas uma ilustração do sentimento de ancestralidade que faz parte da essência dos sujeitos negros e é, frequentemente, representado no meio artístico sob forma de romances, poemas, canções, produções cinematográficas, pinturas, entre outras formas. Para compreender mais a fundo o conceito, examinaremos a ideia de Filosofia da Ancestralidade, concebida por Oliveira (2005), por meio da qual o teórico tenta demarcar o caráter do tempo na sociedade africana, regida pela premissa da ancestralidade. Nas palavras do filósofo,

o tempo da ancestralidade não é o tempo desbotado pelo desencantamento produzido na modernidade. O tempo ancestral é de um universal unguído na trama do espaço. [...] por isso não é um tempo linear, por isso não é um tempo retilíneo. Ele é um tempo que se recria, pois, a memória é tão somente um mecanismo de acesso à ancestralidade que tem como referência o corrente (OLIVEIRA, 2005, p. 249-250).

Sendo o tempo da ancestralidade não linear, a categoria une-se à do espaço para configurar um tipo de memória que é vivida e revivida a todo instante pelo corpo negro, que também tem caráter ancestral. A filosofia criada por Oliveira (2005) conceitua que o corpo negro constitui a terra e é fruto dessa mesma terra, sendo ele uma “trajetória. Uma anterioridade. Uma ancestralidade. Por isso é preciso fazer o movimento da volta, mas volta não é retrocesso” (OLIVEIRA, 2005, p. 131).

Com a teoria de Oliveira (2005) podemos aprender a respeito da complexa relação com o passado ancestral vivenciada pelos povos negros a partir de sua desterritorialização na Diáspora Negra. Os corpos estão profundamente marcados por sua terra originária pois eles próprios são ancestrais. O movimento de regresso às raízes africanas e às tradições específicas do continente africano não é uma simples regressão a um passado distante — o qual, por vezes, nunca foi vivido de fato —, é

um fenômeno que cria um espaço-tempo, ao mesmo tempo ancestral e presente, e rege e constitui os corpos negros.

O percurso da ancestralidade aqui delineado é essencial para a compreensão do cerne do romance *O caminho de casa*. Todas as personagens manifestam sua íntima relação com o tempo ancestral, seja por intermédio de diálogos, pensamentos ou ações. A ancestralidade inscrita nos corpos das personagens da obra é apresentada de duas maneiras: um desejo de retorno à terra, à origem africana enquanto espaço; e com uma retomada das raízes familiares e suas tradições.

Assim, para os protagonistas que deixaram Gana e seus descendentes, como Esi, o primeiro tipo de relação ancestral é aparente. Por exemplo, Esi, que foi desterritorializada no regime escravista, conta com tristeza histórias de como foi arrancada de sua terra para embarcar no “Barco Grande” para sua filha Ness. Além disso, constatamos em Marjorie o desejo de regressar a Gana, para vivenciar a cultura herdada de sua família, como será melhor explorado nesse capítulo.

Em contrapartida, para personagens como Willie e Marcus percebemos casos mais indiretos de desejo de retorno ao lar. No caso de Willie, já argumentamos sobre seu impulso de expressar-se artisticamente iniciado enquanto criança, quando cantava em reuniões que reivindicavam direitos para os trabalhadores negros. Todavia, após enfrentar a realidade de que não poderia se tornar uma cantora sendo uma mulher negra, somada ao fato de ser oprimida por seu marido, sendo motivo de vergonha para ele, Willie perde sua voz e deixa de cantar. Após alguns anos, Willie, finalmente, recupera a sua voz, em um momento em que acreditamos que ela resgata suas origens, como ilustrado no seguinte excerto:

Willie estava em pé no fundo do coro, segurando o hinário, quando suas mãos começaram a tremer. Ela pensou em H vindo da mina para casa todas as noites com sua picareta e sua pá. [...] Ele costumava dizer que a melhor parte do dia era quando ele podia largar de mão a pá e entrar em casa para ver suas meninas à espera dele. [...] Ela avançou, ainda trêmula, e cantou (GYASI, 2017, p. 328-329).

A personagem apoia-se na determinação de seu pai e consegue recuperar a força herdada por ele para cantar vigorosamente o poder e o orgulho de ser uma mulher negra. Isso somente ocorre após Willie encontrar seu ex-marido Robert com sua nova família branca vivendo fora do bairro majoritariamente negro do Harlem, em um dia em que a protagonista e seu filho Carson passeavam perto dos limites do

bairro. Interpretamos esse momento como decisivo para seu empoderamento, pois é quando percebe que, diferentemente de Robert, ela não queria esconder suas origens e orgulhava-se de ser negra.

O retorno ao seu lar figurado ancestral é ainda materializado em sua fala: “Não, Carson. Não podemos continuar. Acho que chegou a hora de voltar” (GYASI, 2017, p. 328). A partir de então, Willie volta para casa e consegue recuperar sua voz. Consideramos esse tipo de desejo de retorno às origens como indireto pois Willie não demonstra que aspira voltar para o continente africano, mas, sim, retomar suas origens por meio do resgate dos valores e da luta dos povos negros.

A personagem masculina Marcus também demonstra o desejo de regresso ancestral de modo indireto, visto que ele revive suas origens por meio do estudo do movimento negro e do racismo nos Estados Unidos. Sua pesquisa de doutorado enfoca o sistema de mão-de-obra prisional das minas de carvão, sucedido da época de seu bisavô, H. Para sua pesquisa, a personagem dedicou-se em conhecer e estudar a história de sua família, para poder compreender o passado para além dos dados históricos encontrados em bibliografias sobre o período. Assim, inicialmente, Marcus não exprime uma vontade de retornar ao território africano enquanto espaço físico, mas inferimos que seu interesse nas questões raciais e de direitos dos povos negros sugere um resgate às origens.

Além disso, novamente citamos a referência do nome dessa personagem com o líder Marcus Garvey responsável pelo movimento *Back to Africa* nas primeiras décadas do século XX no Harlem. O ativista defendia o retorno ancestral físico e espiritual para o continente africano, além de lutar contra o preconceito racial e buscar empoderar sujeitos negros sobre sua história e culturas. Ao analisar o plano de estudo da personagem Marcus, podemos aproximar sua pesquisa com o movimento que Garvey concebeu. A personagem de Gyasi voltou-se para sua ancestralidade para melhor compreender a história e os direitos dos povos negros que habitavam nos Estados Unidos. Veremos, ainda nesse capítulo, que seu retorno à África físico e espiritual se concretizou definitivamente com a ajuda da personagem Marjorie.

Quanto à manifestação ancestral referente ao regresso às raízes familiares e suas tradições, julgamos que essa forma é mais frequente da obra, visto que desde o início do romance cria-se uma simbologia a partir da figura do pingente de pedra negra. Existem duas pedras na obra, as duas foram um presente de Maame para suas filhas Effia e Esi. O amuleto é guardado por Effia e todos seus descendentes, até o

momento de clímax e desfecho do romance, quando Marjorie dá a sua pedra da família para Marcus, num ato significativo de retorno ancestral, como discutiremos mais adiante.

O amuleto de Esi é perdido na ocasião em que ela é retirada do calabouço do Castelo Cape Coast para ser enviada para além do Atlântico. Enquanto todos os descendentes de Effia voltam-se à pedra negra como forma de busca ancestral, os herdeiros de Esi veem-se desterritorializados e perdidos pela falta do elemento palpável que os conectava ao passado ancestral, em uma eterna busca de si.

De modo a exemplificar a presença da ancestralidade contínua na obra, tomemos o caso de Esi, para quem a pedra simbolizava sua antiga vida, suas tradições e crenças, antes de ser capturada para ser vendida e explorada: “O golpe tinha feito saltar a pedra de sua bata, e ela a encontrou ali perto no chão. Chorou ainda mais forte, agora tentando distraí-los. Então encostou a cabeça na pedra negra e lisa. O frescor da pedra abrandou sua dor” (GYASI, 2017, p. 75). Ela buscou seu amuleto por ser familiar e capaz de amenizar a dor do sofrimento que estava sentindo. A perda desse elemento tão importante, combinada com as atrocidades do processo de escravização, acarretou em uma história de amargura e arrependimento, como podemos notar em seu sentimento infeliz de ter sido “amaldiçoada e sem irmã, [...] deixada sem a pedra da sua mãe” (GYASI, 2017, p. 111).

A pedra também tem um caráter ancestral de retorno às origens para Abena, que recebe o amuleto ao decidir deixar o vilarejo dos pais e mudar-se para Kumasi, revelado no seguinte diálogo entre a protagonista e seu pai:

“Se você quer ir embora, não vou impedi-la, mas, por favor, leve a pedra com você. Que ela lhe seja útil, como foi pra mim.” Abena pôs o colar no pescoço e abraçou o pai. [...] No dia seguinte de manhã, Abena partiu para Kumasi. Quando chegou à igreja missionária de Kumasi, ela tocou na pedra no seu pescoço e agradeceu aos seus ancestrais (GYASI, 2017, p. 231).

Além da pedra negra, outra simbologia construída no romance que representa o segundo tipo de manifestação ancestral aqui debatido, o da retomada das raízes familiares e suas tradições, é a metáfora do fogo. Maame também é responsável pela criação dessa marca, dado que ela inicia um incêndio na noite em que concebe Effia e, em seguida, foge para a terra dos axântis para ser livre e construir uma nova família. A imagem do fogo é uma metáfora que criará um efeito memorialístico ao longo da

obra, conectando as personagens futuras ao fogo ancestral da criação da família base da narrativa.

Com a visão do fogo, “ele [o pai de Effia] soube que a lembrança do fogo que queimou e depois fugiu atormentaria a ele, aos seus filhos e aos filhos dos seus filhos por todo o tempo que sua linhagem perdurasse” (GYASI, 2017, p.13). E é exatamente isso que ocorre, principalmente com os descendentes de Effia, uma vez que ela pode ser considerada a filha do fogo, por ter nascido no momento do incêndio. Sua bisneta, a personagem Akua, pode servir de ilustração para o fato ao ponderarmos que seu corpo se encontra tão conectado com as forças ancestrais, que todas as noites ela sonha com fogo, como verificado no seguinte trecho: “Nos seus sonhos, o fogo tinha a forma de uma mulher segurando dois bebês junto ao peito. A mulher-fogo levava consigo essas duas meninas até o interior da floresta, e depois os bebês desapareciam” (GYASI, 2017, p. 263).

Seus sonhos acarretaram na morte de dois de seus filhos, quando sonhou com a mesma mulher e as crianças, chegando a tocá-las. A personagem foi acordada e descobriu que tentava incendiar seus filhos, conseguindo salvar um deles, Yaw. Ao ponderar sobre esses acontecimentos e ao investigar a origem do nome Akua, verificamos que seu próprio nome pode ser visto como uma referência à ancestralidade, que, ao mesmo tempo que nesse primeiro momento é uma maldição, depois veremos ser a fonte de seu conhecimento ancestral.

De acordo com a tradição akan, é comum a nomeação dos filhos seguindo o dia da semana em que eles nascem. Para eles, o dia do nascimento dos indivíduos revela características de sua personalidade e influencia comportamentos futuros e o seu destino (AGYEKUM, 2006)³⁵. Segundo o professor ganense Kofi Agyekum (2006), Akua é um nome feminino destinado a mulheres que nascem na quarta-feira, que designaria o “mal” ou algo perverso. Assim, inferimos que seu nome poderia fazer referência ao lado maligno de Akua, os sonhos pensados como algo ruim, causador do fogo que ocasionou na morte de dois de seus filhos.

³⁵ Personagens como Esi, Effia, Abena e o próprio filho de Akua, Yaw, também recebem nomes tipicamente da cultura akan, porém, julgamos que as suas significações não são relevantes da mesma maneira que para Akua o é. A título de curiosidade, Esi é um nome que significa “domingo” e pessoas que nascem nesse dia têm como característica a agilidade; o nome Effia remete à sexta-feira, com seus nascidos com caráter de aventureiros; Abena teria uma caracterização de amigável e seu nome significa “terça-feira”; E, por fim, Yaw estaria relacionado à coragem e o dia da semana correspondente ao seu nome é quinta-feira (AGYEKUM, 2006).

O filho que foi salvo carregou por toda a sua vida as cicatrizes daquela noite e, conseqüentemente, as marcas do fogo ancestral herdado pela família. A memória, materializada na cicatriz de Yaw, interliga e constitui sua identidade e seu passado e de toda a sua família, como visto na fala de Akua, em diálogo com Yaw após décadas sem contato: “Como vou poder lhe contar a história da sua cicatriz sem primeiro lhe contar a história dos meus sonhos? E como vou falar dos meus sonhos sem falar da minha família? Da nossa família?” (GYASI, 2017, p. 356). A cicatriz é, portanto, uma memória palpável e metafórica concomitantemente, uma vez que sua materialidade enquanto componente físico do corpo de Yaw evoca a lembrança de um acontecimento passado em sua vida e, também, sua presença faz uma referência simbólica à ancestralidade familiar, a partir da figura do fogo.

Citando as palavras de Oliveira (2005),

a ancestralidade é como um tecido produzido no tear africano: na trama do tear está o horizonte do espaço; na urdidura do tecido está a verticalidade do tempo. Entrelaçando os fios do tempo e do espaço cria-se o tecido do mundo que articula a trama e a urdidura da existência (OLIVEIRA, 2005, p. 249).

Assim, a existência negra é constituída pela combinação de fios que, entrelaçados, concebem a ancestralidade. Ela deve ser vista como um espaço-tempo complexo que é, ao mesmo tempo, ser e passado. Esse passado não é de simples compreensão, já que é um passado que também perpassa o futuro e, sobretudo, o presente dos sujeitos. A ancestralidade é o próprio corpo negro e o romance de Yaa Gyasi tem o potencial de representar a presença ancestral permanente desses corpos.

3.2 – CORPOS FEMININOS ANCESTRAIS

A ideia da ancestralidade negra também está associada à figura feminina. Para entendermos essa relação, é necessário relembrar conhecimentos aprendidos desde os anos iniciais de escolarização que postulavam que “a África é o berço da humanidade”. Essa premissa referencia os estudos arqueológicos que apontam o continente como local de surgimento do grupo de *Homo sapiens*. Se pararmos para

pensar na metáfora do “berço”, percebemos que a imagem materna do continente africano está instalada em nossa mente desde sempre.

No entanto, o poder criador originário da África não carrega a mesma significação para homens e mulheres brancos como significa para sujeitos negros. Isso se dá pelo fato de o Ocidente estar dominado por crenças fundamentadas em religiões patriarcais. Ao discutir a relação das mulheres com a religião, bell hooks (2021) transparece a natureza do pensamento ocidental. De acordo com a autora,

o dualismo metafísico ocidental (o pressuposto de que o mundo sempre pode ser compreendido por categorias binárias, que há um inferior e um superior, um bem e um mal) era a fundamentação ideológica de todas as formas de opressão de grupos, sexismo, racismo etc., e que tal pensamento formou a base de sistemas de crenças judaico-cristãs (HOOKS, 2021, p. 182).

Desse modo, as civilizações judaico-cristãs ocidentais baseiam-se na contraposição entre o homem e a mulher, sempre colocando aquele como superior e dominante na hierarquia da família, da religião e da esfera social como um todo. Enquanto essas sociedades adotam o pensamento patriarcal de homens executarem o papel de provedores, exercendo autoridade sobre as mulheres (hooks, 2021), as sociedades negro-africanas são estruturadas a partir de uma organização matrilinear. O professor Fábio Leite (1995/1996), grande teórico da ancestralidade no Brasil, explica que nessas sociedades

o parentesco formula-se pelos laços uterinos de sangue, razão pela qual a mulher é a única fonte de legitimação das descendências. Estas constituem, assim, o núcleo fundamental que define a família, sendo que em suas bases encontram-se as ancestrais-mulheres que lhes deram origem (LEITE, 1995/1996, p. 111).

A simbologia umbilical entre as mães africanas e seus filhos tratada no excerto não permanece somente no solo africano, transcendendo, “portanto, o espaço físico, abrangendo todos os indivíduos ligados pelo parentesco uterino a ancestrais mulheres comuns” (LEITE, 1995/1996, p. 111). Por essa razão a África foi estabelecida como a mãe, dona do útero ancestral que carregou gerações de filhos e filhas negras ao longo dos séculos. A simbologia da África enquanto progenitora de todos os sujeitos, sobretudo os negros, será melhor explorada a seguir.

3.2.1 – MÃE-ÁFRICA

Ao recuperar a ideia do vínculo ancestral dos povos negros com a terra, não podemos ignorar a simbologia da Terra conforme o conjunto de crenças ganenses. Em 2009, Molefi Kete Asante e Ama Mazama editam a *Encyclopedia of African religion*, um volume que reúne os principais conceitos da cosmologia africana³⁶ e incluem o estudo de Yaba Amgborale Blay sobre a simbologia da Terra sob o ponto de vista da tradição dos grupos ganenses axânti e fanti. A autora estabelece que a Terra é representada pela deusa Asase Yaa para os grupos axântis, enquanto que para os fantis a deusa correspondente é Asase Efua (BLAY, 2009).

Apesar da distinção na nomeação de cada uma delas, ambas as deusas carregam a significação da Terra “como um espírito feminino por causa de sua fertilidade e poder de gerar vida e personalizar-se como mãe, visto que os seres humanos dependem dela para sua contínua nutrição e sustento³⁷ (BLAY, 2009, p. 73). Desse modo, suas palavras sugerem a ligação da Terra com uma figura divina materna tipicamente africana.

Assim como acontece com a relação de elo ancestral com a terra, a simbologia da Mãe-África está presente na cultura negro-africana, principalmente nas suas manifestações artísticas. A poeta e ativista estadunidense Maya Angelou (2020) escreve um poema em homenagem ao continente africano, intitulando-o em sua homenagem. Nos dois primeiros versos, lemos:

E assim ela estava deitada
cana-de-açúcar doce
desertos nos seus cabelos
ouro nos seus pés
montanhas nos seus seios
dois Nilos nas suas lágrimas.
E assim ela se deitou
Negra através dos anos

Sobre os mares brancos de
geada branca e fria

³⁶ Por ser rico em detalhes sobre a tradição dos países africanos, incluindo Gana, e por suas definições serem escritas por estudiosos experientes na história e cultura africana, muitos dos quais nascidos em países africanos, utilizaremos frequentemente essa obra para consultar símbolos cruciais dessas culturas.

³⁷ “[...] as a female spirit because of her fertility and power to bring forth life and further personalize her as a mother because human beings depend on her for their continual nurturance and sustenance” (BLAY, 2009, p. 73).

bandidos grosseiros
 com petulância fria
 tomaram suas filhas jovens
 venderam os seus filhos fortes
 povoaram-na de igrejas a Jesus
 sangraram-na com suas armas.
 E assim ela deitou. (ANGELOU, 2020, p. 98).

Combinando o título do poema com os versos da primeira estrofe, constatamos que a autora desenha a metáfora da África enquanto mulher, utilizando-se de riquezas naturais do continente para descrever o seu corpo feminino. A segunda estrofe estende a mesma ideia ao introduzir a metáfora da Mãe-África, resumindo a história da colonização africana e seus efeitos em seus filhos e filhas. Com a transferência de tamanho sofrimento por intermédio do cordão umbilical, o eu-lírico cria o eufemismo com a imagem do ato de deitar, possivelmente suavizando o movimento de ruptura infinita causado pelas atrocidades da escravização, da exploração de suas terras e da imposição de uma religião ocidental no continente africano.

Não podemos nos furtar de mencionar um exemplo brasileiro que se utiliza da arte para exaltar a mãe ancestral africana. O poeta e compositor paraibano Chico César lançou em 1995 a canção *Mama África*, relacionando a mãe ancestral originária às mães negras de classe baixa brasileiras:

Mama África
 A minha mãe
 É mãe solteira
 E tem que
 Fazer mamadeira
 Todo dia
 Além de trabalhar
 Como empacotadeira
 Nas Casas Bahia (CÉSAR, 2022)

Os versos descrevem a realidade de uma mãe negra que é dividida em cuidar de seus filhos e trabalhar como empacotadora — um emprego de baixa remuneração — em uma loja popular brasileira. A canção de César não cita diretamente a violência do passado do continente, como acontece no poema de Angelou (2020), mas podemos sugerir que o eu-lírico, ao evocar a figura materna africana, seguida da descrição de sua própria mãe, cria um vínculo desse passado com o presente. Ou seja, os sofrimentos vividos pela Mãe-África há séculos ressoam no futuro de mulheres negras na contemporaneidade.

As duas produções artísticas aqui abordadas se complementam quando pensamos no romance *O caminho de casa*. Yaa Gyasi escreve uma obra que não somente descreve o sofrimento dos filhos e filhas da África no período de colonização, como também retrata como o passado ancestral marca profundamente os corpos negros em todas as gerações posteriores. Prova disso são as discussões tecidas no capítulo dois, especialmente aquelas que abordaram as interseccionalidades que atravessam as personagens do romance.

Para além disso, gostaríamos de propor a presença da Mãe África na obra literária debatida a partir da figura de Maame. Não a consideramos uma protagonista como as outras aqui estudadas pelo fato de não haver um capítulo dedicado a ela e por sua aparição em termos de ações e diálogos ser ínfima em comparação com as outras personagens. Todavia, acreditamos e tentamos defender que sua presença na obra é uma metonímia para a África.

Primeiramente, se pensarmos o romance de Yaa Gyasi como uma representação da experiência africana e seus descendentes desde antes da colonização, até a contemporaneidade, como têm sido desenhado ao longo deste estudo, torna-se possível a aproximação de Maame como símbolo de África. Assim, como Maame é mãe de Esi e Effia e as duas personagens desencadeiam toda a narrativa e são responsáveis pela continuação da linhagem familiar, compreendemos que ela é uma representação do continente, mãe ancestral de todos os seres e protagonistas dessa história.

Para corroborar com essa tese, retomemos a metáfora do fogo e da pedra negra, iniciada na seção anterior. Postulamos que as duas figuras estão presentes na obra como forma de representação da ancestralidade sob forma de regresso às raízes e às tradições familiares. Dessa forma, analisar Maame como a origem de ambos os elementos, já que ela que presenteia o pingente às filhas, fortalece a premissa da personagem enquanto metonímia africana.

3.2.1.1 – A PEDRA NEGRA

Uma primeira significação que podemos interpretar ao pensar na metáfora da pedra negra é de fácil associação. A cor do amuleto pode ser uma referência à raça negra predominante no continente africano e, nessa interpretação, o ato de voltar-se

ao pingente em momentos desafiadores simbolizaria a busca ancestral às raízes negras da África ou, até mesmo, uma evocação de empoderamento negro.

Ademais, a simbologia da cor preta também pode ser investigada levando em consideração a crença dos grupos culturais ganenses. Conforme explicita Blay (2009), os simbolismos das cores são importantes para os povos africanos, principalmente no que se refere às suas práticas espirituais. A cor preta, para as etnias da região de Gana, possui o sentido simbólico negativo de escuridão, perda e morte, mas também pode ser visto como meio de expressão da potência espiritual dos indivíduos (BLAY, 2009). No caso do amuleto do romance de Gyasi, podemos considerar a condição simbólica positiva da cor e interpretar que a pedra em questão simbolizaria a ligação espiritual das filhas com a mãe e, conseqüentemente, com o continente africano.

Por outro lado, também é possível analisar a pedra negra para além de sua coloração, pensando no valor simbólico do objeto em si. Cada mitologia contempla a pedra com uma significação em particular. A título de exemplo, se aproximarmos o amuleto das irmãs com a tradição judaico-cristã, criamos uma associação bíblica com a pedra angular do cristianismo. Chevalier e Gheerbrant (2001) explicam a simbologia da pedra vinculada a Deus e a caracteriza como elemento de construção, como algo concreto, formador de moradas e templos. A partir desse símbolo, é possível a aproximação da pedra-amuleto das irmãs como a base na construção das duas famílias, que se desenvolvem e criam raízes por onde passam.

De mesmo modo, a mitologia greco-romana observa a pedra como uma simbologia da Terra-mãe, fazendo referência à “Pedra Negra de Pessinonte (na Ásia Menor), que era a expressão concreta da **Grande Deusa Mãe, Cibele**” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 699, grifos dos autores). Assim, a pedra negra seria, de acordo com essa simbologia, uma expressão da deusa Cibele, concebida como a Mãe de todos os deuses.

Essa crença mitológica é próxima da tradição de Gana já explorada na seção anterior, dado que na perspectiva ganense, são as deusas Asase Yaa ou Asase Efua que são representações da Terra. Além disso, essa crença é similar em relação à grega ao perceber que as pedras também são consideradas manifestações divinas dos deuses e fonte de criação dos seres humanos, segundo os povos africanos (MARTIN, 2009, p. 581).

As semelhanças indicam que ambas as culturas tomam a pedra como elemento representativo da Terra, também a relacionando com a criação de tudo e todos. A

pedra negra, que carrega a simbologia da Terra-Mãe, é passada no romance de Gyasi por gerações para cada descendente, tendo início na Grande Mãe, Maame. Esse movimento de passar a pedra de geração em geração também pode ser interpretado como uma metáfora da transmissão dos costumes, dos elementos culturais e, sobretudo, da essência dos povos negros, no decorrer dos séculos evocada pela ancestralidade. Ou seja, o amuleto carrega a significação da origem ancestral dos povos negros e o fato de ser passado de mão em mão poderia significar a permanência dos valores ancestrais no corpo e na mente dos sujeitos negros com o passar do tempo.

A partir da significação da pedra como início da humanidade, criamos uma analogia com o continente africano, uma vez que Ihe é atribuído o nascimento da humanidade, como vimos anteriormente. Assim como a pedra-África é o fundamento de todos os seres humanos, a ancestralidade do povo negro está presente em todo lugar e é indispensável para a existência humana.

3.2.1.2 – O FOGO

Estudando mais a fundo a imagem do fogo, ele está presente em dois momentos cruciais da narrativa: no nascimento de Effia, quando Maame consegue escapar da aldeia fanti e na ocasião em que Esi é capturada, dando início à sua história de escravização. Se notarmos o contexto desses acontecimentos narrados, podemos perceber que o fogo se faz presente no romance em momentos marcantes relacionados ao conflito de povos do continente africano.

Por exemplo, a fuga de Maame só foi possível graças aos conflitos civis entre os povos axântis e fantis em Gana. Assim, ao associar a imagética do fogo com a divindade Ogum, cultuada na África ocidental como o deus da guerra e do ferro, sendo relacionado ao fogo por sua força e poder (MAZAMA, 2009), compreendemos que o incêndio decorrido no momento da fuga de Maame poderia simbolizar as guerras civis que conferem tom desarmônico à história do continente. De modo semelhante, acreditamos que o fogo ocorrido na noite da captura de Esi pode ligar-se com a história da colonização da África, devastada e ferida pelas chamas da violência, exploração de riquezas naturais e escravização de seus filhos.

Ao mesmo tempo, o sentido mais relevante do elemento fogo na obra é o relacionado com a crença africana. Weckea Lilly (2009) denota que o fogo cumpre um papel central na maneira como os povos africanos observam e entendem o universo. Para essas culturas, o fogo é um aspecto de todos os sistemas espirituais e uma simbologia comum é a dualidade entre a vida e morte, sendo o fogo um elemento capaz de sustentar a ambos (LILY, 2009). Essas simbologias são valiosas para este estudo quando percebemos que as duas manifestações de fogo na obra também são momentos de morte e vida ou nascimento.

Nascimento ao considerar que o primeiro incêndio mencionado ocorre na nascerça de Effia. E morte, pois antes de Esi ser capturada, infere-se que Maame desiste de lutar, abrindo o questionamento sobre sua morte. Em suas palavras: “Não posso fazer isso de novo. [...] Chega de incêndio” (GYASI, 2017, p. 69). A mãe ordena Esi a fugir e, após isso, a narrativa não indica o seu futuro. Assim como a Mãe África “se deitou” no poema de Angelou (2020) em face da colonização, entendemos que Maame também o fez. Enquanto a morte da África é figurativa, infere-se que a morte de Maame é concretizada na narrativa.

Outra visão do fogo consoante às crenças de muitos países da África aponta para o elemento “visto como a porta de entrada para o mundo dos ancestrais, aquele que possui essa característica é capaz de interpretar sonhos e vidas no futuro³⁸” (LILY, 2009, p. 268). No livro *O caminho de casa*, a imagética do fogo ancestral merece destaque, sobretudo ao pensar a personagem Akua. Como vimos, ela é visitada nos sonhos pela mulher-fogo e isso acarreta na tragédia com seus filhos. Além da simbologia tradicional africana do elemento aqui debatida, a própria narrativa indica que os sonhos vivenciados são uma expressão ancestral das raízes familiares, como vemos em:

Marjorie achava que via a mulher-fogo no clarão azul e laranja do fogão, em carvões incandescentes, em isqueiros. Ela receava que os pesadelos também se abatessem sobre ela, **que ela também fosse escolhida pelos ancestrais para ouvir as histórias da família**, mas os pesadelos nunca ocorreram e, com o tempo, seu medo do fogo tinha se abrandado. Mas, de vez em quando, ela ainda podia sentir um aperto no coração quando via fogo, como se a sombra da mulher-fogo ainda a assediasse (GYASI, 2017, p. 406, grifos nossos).

³⁸ “[...] seen as the doorway to the world of the ancestors, one possessing this characteristic is able to interpret dreams and lives in the future” (LILY, 2009, p. 268).

A partir do temor de Marjorie, interpretamos que o fogo aparece para Akua como uma materialização espiritual de Maame, ao aparecer nos sonhos da personagem a partir da imagem de uma “mulher-fogo”. Akua nasce com o dom do fogo ancestral e, assim como prevê a tradição africana, ela é escolhida por Maame para interpretar os sonhos, as manifestações das histórias passadas de seus antepassados e, assim, propagar seus ensinamentos para as futuras gerações.

Gostaríamos de estender essa significação retomando a metáfora do incêndio enquanto a violência e exploração histórica sofrida pelo continente. Ou seja, sugerimos que o retorno espiritual de Maame materializado no fogo também poderia simbolizar a ancestralidade, o movimento de lembrar seus descendentes sobre as dores sentidas no processo de colonização, corroborando com a nossa tese que contempla a personagem Maame como representação da África.

Entende-se que assim como a pedra negra pode se relacionar com a ancestralidade, o fogo também é ancestral e conecta os povos negros a um passado entranhado em suas subjetividades e que deve ser lembrado. Assim, apesar de representar a destruição em alguns momentos da obra, o fogo também pode ser lido como algo positivo, como sinônimo de luz e calor. Após toda a devastação do fogo, a dor que resta dá força para a resistência dos sujeitos. Tal como o mito egípcio da ave de fogo Fênix, Maame observa sua ruína, para renascer em Akua como expressão de força e redenção de um passado doloroso.

Com esse pensamento, podemos criar uma conexão entre a obra de Gyasi e o romance *O Ódio que Você Semeia*, de Angie Thomas (2020), o qual apresenta um trecho em que há uma discussão a respeito da força inerente aos corpos negros, como uma cicatriz do passado escravocrata:

Papai me disse uma vez que tem uma fúria que é passada para todos os negros pelos ancestrais, gerada no momento em que eles não conseguiram impedir que os donos de escravos machucassem suas famílias. Papai também disse que não tem nada mais perigoso do que a hora que essa fúria é ativada (THOMAS, 2020, p. 168).

O excerto evoca o sentimento de ancestralidade intrínseco às existências negras, que nascem com uma força ancestral que alimenta e impulsiona a resistência e o poder de lutar contra as injustiças provenientes do passado colonial. Na obra de Gyasi, a mulher-fogo pode ser considerada uma materialização dessa ancestralidade, que inspira Akua a lembrar o passado doloroso de sua família e de seu povo e a

estimula a difundir esse conhecimento para os outros membros de sua família, como seu filho, Yaw, e sua neta, Marjorie. A dor sentida por seus antepassados não é mais fisicamente sentida, ela é transformada em potência de resistir.

Continuaremos a discussão em torno da simbologia do fogo na seção seguinte, fazendo uma contraposição com a figura da água. Por ora, propomos que a proposição de que a personagem Maame do romance de Yaa Gyasi pode ser lida como uma metonímia para o continente africano com base na posição familiar que ela ocupa e, sobretudo, com base em uma reflexão sobre os elementos do fogo e da pedra negra que contornam a sua experiência dentro da obra.

3.2.2 – RETORNANDO À CASA

A última manifestação do fogo que endereçaremos nesse estudo refere-se à sua interação entre Marjorie e Marcus. Como notamos em: “Marcus correu até encontrar dois homens com a pele escura, reluzente como graxa de sapato, que estavam montando uma fogueira deslumbrante, com chamas que se lançavam para os lados e para o alto, rastejando na direção da água” (GYASI, 2017, p. 441). A antítese do fogo em relação à água pode ser constatada neste momento da obra, após esses elementos aparecerem de maneira recorrente ao longo da narrativa separadamente. No momento de clímax e desfecho do romance, a água e o fogo unem-se e associam-se, fazendo referência às suas naturezas antagônicas (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001), como veremos a seguir.

Com as duas últimas personagens apresentadas no fim da obra, encontramos a relação de medo contra esses elementos: Marjorie teme o fogo e Marcus teme a água. Ao retomar a simbologia do temor de Marjorie enquanto referência ao passado ancestral da África discutida anteriormente, refletimos, mais uma vez, a respeito de como os corpos negros estão profundamente marcados pelo passado histórico de seu país de origem, vivendo e revivendo sua ancestralidade diariamente. Em contrapartida, a metáfora da água também carrega forte significação ancestral se a pensarmos como metonímia do Atlântico.

Assim, acreditamos que o medo de água de Marcus que fazia “virar o seu estômago” (GYASI, 2017, p. 419) é ocasionado pela lembrança ancestral da travessia do Atlântico inscrita em seu corpo. Citando, novamente, as palavras de Akotirene

(2019, p. 20), “esse território de águas traduz, fundamentalmente, a história e migração forçada de africanas e africanos”, defendendo a presença de energias ancestrais em suas águas.

Pensando na teoria de Gilroy (2001), discorre-se que nas águas do Atlântico nascem culturas e identidades fluidas, sem um ponto de enraizamento fixo. Para o autor, o cruzamento dessas águas foi crucial para a história negra e, a partir dele, gerou-se um movimento diaspórico que transformou a maneira de considerar a raça. Em suas palavras, o atravessamento possibilitou constatar “não a ‘raça’, e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem” (GILROY, 2001, p. 25).

O trauma ocasionado nos povos negros pelo movimento de atravessar as águas atlânticas permanece até séculos após o seu acontecimento, sendo responsável pela formação de identidades fluidas que não podem ser ancoradas apenas nos moldes de raça. Os povos que cruzaram o Atlântico chegaram à terra firme com vestígios de sua raça, de sua cultura, de sua religião, de seus dialetos e de seu espaço geopolítico. Suas identidades foram construídas no decorrer dos séculos a partir de elementos passados de geração em geração de sua cultura original, conjuntamente com aspectos dos novos locais de enraizamento e, sobretudo, a partir da memória torrente das águas trespassadas.

Acreditamos que a água oceânica se conecta com a ideia de ancestralidade na obra de Yaa Gyasi pelo fato de representar a ruptura de um momento traumático ancestral, que é sentido nos corpos negros até a contemporaneidade. Ao passo que o fogo aponta para o continente africano, o temor da água é direcionado para a dor da desterritorialização forçada dos povos negros. Contudo, Marjorie possui um vínculo especial com a água.

Primeiramente, se considerarmos a origem escocesa de seu nome, temos que Marjorie significa “pérola”, uma joia encontrada em ambientes marítimos, sendo produzida por moluscos. Além da etimologia de seu nome fazer referência ao mar, notamos no romance que Marjorie é também conectada ao oceano graças à sua avó Akua, como podemos notar no trecho em que as duas dialogam:

Nossa família começou aqui, em Cape Coast — disse a Velha. Ela apontou para o Castelo de Cape Coast. — Nos meus sonhos, eu não

parava de ver esse castelo, mas não sabia por quê. Um dia, vim a essas águas e pude sentir os espíritos dos nossos ancestrais me chamando. Alguns estavam livres e suas vozes falavam comigo saindo da areia, mas outros estavam presos bem fundo nas águas; então, precisei entrar pelo mar para ouvir suas vozes. Andei tanto que a água quase me carregou ao encontro desses espíritos que estavam presos tão fundo no mar que nunca se libertariam. Quando estavam vivos, eles não sabiam de onde tinham vindo, e assim, mortos, não sabiam como chegar à terra firme. Eu pus você dentro da água para que, se um dia seu espírito se perdesse, você ainda soubesse onde era seu chão. Marjorie assentiu enquanto a avó pegava sua mão e ia andando cada vez mais longe dentro da água. Esse era seu ritual de verão, sua avó fazendo com que se lembrasse de como encontrar o caminho de casa (GYASI, 2017, p. 396).

A água, para essas personagens, desempenha um papel na narrativa de transitoriedade, um local perpassado pela dor da desterritorialização forçada dos sujeitos negros, mas que é ressignificado como um espaço de retorno ancestral às origens. O elemento é visto como símbolo de purificação e limpeza espiritual, segundo as tradições da antiga África (NEHUSI, 2009) e, no romance de Yaa Gyasi, podemos considerar o ritual de Akua e Marjorie como um rito espiritual de conexão com os antepassados.

Aqui, podemos retomar a imagem do o castelo e, da mesma maneira que ele “desempenha um duplo papel simbólico” (MURPHY, 2012, p. 14), como percebemos quando o examinamos no primeiro capítulo, a água também carrega o sentido de local de partida e retorno ao lar. Segundo o pensamento de Murphy (2012), o tráfico de escravizados carrega tanto um caráter político, cultural e histórico quanto se trata de “uma experiência pessoal, íntima e presente incorporada na memória e nas formas discursivas que podem sobreviver à passagem do tempo e que revelam a ressonância do passado no presente³⁹” (MURPHY, 2012, p. 31). Assim, o excerto da narrativa acima dialoga com a sua teoria ao combinar fatos históricos, como o Castelo de Cape Coast e a travessia do Atlântico pelos escravizados, e relacioná-los com o íntimo dos sujeitos negros: a busca ancestral por suas origens e identidade a partir da memória trazida pelas águas atravessadas.

De todas as personagens que cruzaram o Atlântico, Marjorie é a única que possui um vínculo corporal e espiritual com a sua origem pelo fato de seu cordão umbilical ter sido jogado ao mar pela avó após seu nascimento. O gesto revela uma

³⁹ “a personal, intimate, present experience embedded in memory and discursive forms that can survive the passing of time and that reveal the resonance of the past in the present” (MURPHY, 2012, p. 31).

prática cultural vivida por Akua, que deseja propagar seu conhecimento ao performar todos os anos o mesmo ritual com a neta.

Além disso, o romance trazer uma mulher como a responsável por transmitir a sabedoria ancestral das águas e suas crenças culturais é significativo se pensarmos na concepção de Akotirene (2019, p. 32) que reflete que “a água para as mulheres negras é fundamento epistemológico”. Quando a teórica se refere à mulher negra, ela objetiva mostrar que essas mulheres, sobretudo as feministas, têm o poder de refletir a respeito de toda a experiência do Atlântico para compreender o mundo.

A obra indica que Akua é escolhida por Maame para ter sonhos em que o passado da família é exposto e recontado. O sonho ancestral serve para Akua compartilhar com seus descendentes um esclarecimento sobre sua trajetória familiar e, também, a história de seu povo. Com efeito, Marjorie leva seus ensinamentos e transcende a condição de pessoa que escuta as histórias e busca seu próprio retorno ancestral, passando a auxiliar o outro a fazer o mesmo. É o que verificamos no desfecho do romance, quando na visita à Gana, a personagem ajuda Marcus a encontrar o seu caminho de volta ao lar:

Quando ele finalmente levantou a cabeça do mar para tossir e depois respirar, olhou para toda aquela água à sua frente, para toda aquela enorme vastidão de tempo e espaço. Ele podia ouvir Marjorie rindo, e logo ele também ria. Quando, por fim, chegou perto dela, ela estava se movimentando só o suficiente para manter a cabeça fora da água. O colar de pedra negra estava pousado logo abaixo da base do seu pescoço, e Marcus viu que a pedra emitia chispas de ouro, brilhando ao sol.

— Pronto — disse Marjorie. — Fica com ele. — Ela o tirou do pescoço e o pendurou no de Marcus. — Bem-vindo ao lar (GYASI, 2017, p. 443).

O momento simbólico indica o enfrentamento do medo de Marcus ao adentrar o mar marcado pelo passado conturbado. A personagem, enquanto descendente de Esi, finalmente encontra o “caminho de casa” e retorna ao lar ancestral, recebendo a pedra idêntica àquela que perdeu com a sua escravização. O fato de a pedra negra apresentar faíscas de ouro pode ser investigado à luz da significação em torno no elemento ouro, que, por toda África ocidental, é visto como “princípio original da construção cósmica, da solidez, da segurança humana e, por extensão, o *princípio da felicidade*” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 670, grifo dos autores). Dessa maneira, interpretamos que a pedra sofreu uma variação de cor por conter a energia

ancestral de Maame, finalmente realizada pela união dos descendentes das duas irmãs originais.

Para além disso, é possível fazer uma aproximação das faíscas douradas no amuleto com o seu local de origem, Gana. Conforme foi exposto no primeiro capítulo deste estudo, quando debatemos brevemente sobre o contexto histórico e geográfico do romance, a costa de Gana era conhecida pelos colonizadores europeus como Costa do Ouro, por conter essa riqueza em grande quantidade. Com essa abordagem, pode-se interpretar que a pedra brilhou com cores douradas por retornar ao seu lar.

Acreditamos que o motivo pelo qual Marcus sofreu dificuldades para conduzir sua pesquisa de doutorado em sociologia foi por não compreender e sentir, de fato, sua ancestralidade. De acordo com a personagem, o problema era que ele buscava capturar o “sentimento do tempo, de ter sido parte de alguma coisa em um passado tão remoto, tão impossivelmente grande, que era fácil esquecer que ela, ele e todos os demais existiam ali — não separados, mas ali dentro” (GYASI, 2017, p. 436).

O que Marcus descreve é justamente o que tentamos defender nesse estudo, à luz dos aportes teóricos debatidos, como ancestralidade. Pela sua descrição, julgamos que ele entendia a imensidão do sentimento de pertencer a um espaço-tempo que é passado e ao mesmo tempo presente e manifestado profundamente nos corpos. No entanto, o que faltava era realmente experimentar o sentimento, de fato. Assim, acreditamos que quando Marcus entra nas águas com Marjorie, ele consegue, finalmente ir ao encontro de essa sensação.

Como verificamos anteriormente que seu nome pode ser uma referência ao ativista estadunidense Marcus Garvey que liderou o movimento *Back to Africa*, acreditamos ser significativo que é essa personagem a primeira da linhagem de Esi que consegue, de fato, voltar para a África, tanto fisicamente quanto espiritualmente. Destacamos, também, o fato de que, embora tenha guiado e incentivado a população do Harlem durante o período da Harlem Renaissance a buscar suas raízes e conectar-se aos seus, Marcus Garvey nunca conseguiu visitar o continente africano de fato. Assim, acreditamos que a personagem Marcus “termina” o que o ativista começou ao retornar ao seu lar original, o lar de sua ancestral Esi. Esse fato dá um caráter cíclico à narrativa e à própria história, que inicia no continente africano e, após uma grande saga de acontecimentos, para lá retorna.

Em conclusão, Marjorie é a responsável por facilitar a compreensão de que Marcus também faz parte daquela terra e as águas atravessadas há tantos séculos

pelos seus antepassados ainda constituem seus corpos. Mais uma vez, a figura feminina possibilita o contato com a ancestralidade negra, por sua proximidade com a Mãe Verdadeira, a Mãe África.

3.3 – CORPO-RESISTÊNCIA

O último aspecto acerca da ancestralidade abordado nesse estudo é a resistência. Para assimilarmos a relação entre os dois conceitos, faz-se necessário o debate sobre a resistência. O teórico pós-colonial Bill Ashcroft (2001) aprofunda-se no termo, indicando que pode ser utilizado em variadas circunstâncias, especialmente para designar todo e qualquer tipo de luta política. O autor demonstra que apesar de a palavra ter um caráter histórico associado a embates violentos políticos e militares, podemos pensar a resistência “como qualquer forma de defesa por meio da qual um invasor é ‘mantido fora’, as formas sutis e, por vezes, até mesmo não ditas de resistência social e cultural têm sido muito mais comuns⁴⁰” (ASHCROFT, 2001, p. 20).

Sua teorização é direcionada para a ideia de que os sujeitos subalternizados podem recusar as imposições políticas, culturais e sociais dos opressores, voltando-se para seus próprios valores e crenças, que são construídos por intermédio de suas vivências e da herança cultural de seus antepassados. Assim, argumentamos que a resistência e a ancestralidade estão intimamente relacionadas, uma vez que no ato de resistir há a lembrança do passado e das origens ancestrais dos indivíduos.

O vínculo entre memória e resistência é perceptível na trajetória das protagonistas de *O caminho de casa*. Para ilustrar, o trecho abaixo descreve o momento em que Esi é retirada do calabouço do Castelo Cape Coast para ser enviada para os Estados Unidos:

— Não, minha pedra! — gritou Esi. [...] Ela se atirou ao chão e começou a cavar, cavar e cavar, mas então o soldado ergueu seu corpo, e logo, em vez da terra, tudo o que ela conseguia sentir com suas mãos que não paravam de se mexer era ar e mais ar (GYASI, 2017, p. 79).

⁴⁰ “resistance as any form of defense by which an invader is ‘kept out’, the subtle and sometimes even unspoken forms of social and cultural resistance have been much more common” (ASHCROFT, 2001, p. 20).

O fato de Esi esconder seu amuleto debaixo da terra e voltar a procurá-lo quando descobre que será realocada simboliza um forte ato de resistência. À medida em que os escravizados não podiam ter posses e suas subjetividades não eram respeitadas, interpretamos que o excerto sinaliza uma resistência da personagem de ir contra a dinâmica de poder vigente no período escravocrata, buscando, ainda, o elemento símbolo de sua cultura e ancestralidade. Como vimos, a pedra não simboliza apenas a posse de um objeto, mas ela queria se agarrar às suas próprias origens, Esi se segurava e tentava se manter ligada àquela pequena grande representação de si, dos seus e de sua terra.

O exemplo citado ilustra um modo explícito de resistência ocorrido na narrativa, que, mesmo não se caracterizando como um embate violento, é uma estratégia em que a personagem necessitou performar uma ação visível contra a estrutura de dominação existente. Embora Ashcroft (2001) designar esse tipo de comportamento como resistência pacífica, podemos caracterizá-lo também como resistência pacífica direta. Tal enfrentamento refere-se a situações em que o opressor tem consciência do confronto do sujeito oprimido, mesmo que armas não sejam utilizadas no embate (FELDMAN; SILVESTRE, 2019). No caso de Esi, a personagem recorre ao seu amuleto escondido no momento em que a figura do opressor está à sua frente. A tentativa de resistência, mesmo que frustrada, é explícita para os soldados que entraram no calabouço para levá-la ao navio e ser deslocada para os Estados Unidos.

Ao passo que Feldman e Silvestre (2019) sinalizam a existência da resistência pacífica direta, as pesquisadoras também teorizam sobre os modos de agência dos sujeitos oprimidos de modo pacífico indireto. Segundo as autoras, esse tipo de enfrentamento é caracterizado como indireto, “pois o opositor não sabe claramente que está sendo enfrentado. Isso ocorre, geralmente, devido ao fato de o oprimido não possuir outras formas de lutar ou enfrentar diretamente o opositor com o uso de armas e técnicas” (FELDMAN; SILVESTRE, 2019, p. 32). Nesse caso, a abordagem ainda é pacífica, mas se difere da direta por ser ocultada do opressor.

A tentativa de fuga de Ness, Sam e seu filho Kojo da fazenda onde eram explorados pode ser, assim, considerada um ato de resistência passiva indireta. A situação de exploração em que Ness e sua família viviam, combinada com a ajuda oferecida por Aku, sua amiga que já havia auxiliado outros escravizados a fugir, facilitou a tomada de decisão de Ness de escapar daquela realidade. A obra indica que sua motivação principal foi seu filho, como notado em: “‘Não se pode criar um filho

no Inferno', Ness repetia inúmeras vezes, pensando em como tinha sido roubada da própria mãe" (GYASI, 2017, p. 133). Assim, Ness e sua família esperaram o momento perfeito para a execução do plano e, enfim, saíram das terras onde eram escravizados. Apesar de apenas Kojo conseguir fugir com Aku, consideramos a iniciativa de Ness um ato de resistência: ela rejeitou sua exploração, combatendo o poder opressor por meio da fuga.

De modo similar, Willie também demonstra um esforço de resistência pacífica indireta frente ao seu marido. Como vimos, seu sonho de se tornar uma cantora foi fracassado diante da realidade sexista e racista da sociedade da época. Contudo, Willie contraria seu marido, que não concordava com a esposa trabalhar no período noturno e, secretamente, aceita um emprego na área da limpeza em um clube de Jazz, com a esperança de conseguir uma posição melhor no futuro. Esse fato pode ser ilustrado no seguinte trecho: "ela aceitou o emprego de imediato e, quando chegou em casa naquela noite, disse a Robert que os Morris precisavam dela no período da noite" (GYASI, 2017, p. 312). A personagem age pensando em seu futuro, sabendo que não seria apoiada pelo marido. Tanto no caso de Willie quanto na fuga de Esi, as ações foram executadas sem o conhecimento do opressor, sendo a maneira mais eficaz que encontraram para ir contra quem as oprimia, reagindo silenciosamente.

Ademais, também estão presentes no romance expressões de resistência manifestadas a partir da tomada de consciência pelos antepassados, aqueles que sofreram dores inimagináveis, mas são feridas que fazem parte do íntimo desses sujeitos. A personagem Akua pode servir de exemplo para essa manifestação, dado que ela compreende a história ancestral da família e deseja compartilhar sua sabedoria para suas próximas gerações. Dessa maneira, com a sensibilidade do passado, ela reconta a trajetória da família para Yaw e Marjorie. O ato de resistência exemplificado pelas ações dessa personagem, mesmo que sutil, tem o poder de dar agência para os sujeitos oprimidos, além de ser mais difícil de ser combatido pelos poderes imperiais (ASHCROFT, 2001).

Akua nasce com a resistência enraizada dentro de si e, quando finalmente toma consciência da grandeza de seu passado, começa um processo de honrar seus ascendentes. Reconhecer a luta dos que vieram antes implica resistência à medida em que há a tentativa de romper com o processo de colonização desses corpos, expresso por intermédio das seguidas opressões de raça, classe e gênero que perduram até a contemporaneidade.

O que ocorre com Akua é verificado com Ness, Abena e Marjorie, personagens que nascem com o ímpeto de combater o poder colonial que oprime seus corpos. Como observamos, Ness nasce no contexto de escravização, mas se inquieta com a realidade e decide fugir de sua condição de exploração. No caso de Abena, vimos que ela foi resistente à assimilação dos valores cristãos trazidos pelos colonizadores ingleses e foi morta, como também demonstrado no momento da obra em que o missionário que a acolheu quando grávida explica a morte da personagem para sua filha, Akua: “Sua mãe, Abena, não quis se arrepender — disse o missionário. — Ela veio nos procurar, grávida de você, seu pecado, mas mesmo assim se recusava a se arrepender. Ela desprezava os ingleses” (GYASI, 2017, p. 280).

A resistência de Marjorie será explorada a seguir e, para isso, contamos com a ajuda de outra forma literária que também traz a temática da resistência dos sujeitos negros enquanto característica precedida do momento do nascimento: o poema de Titilope Sonuga, intitulado *Intro*, que pode ser vinculado intertextualmente com o romance de Yaa Gyasi.

Eles disseram que eu era muito jovem para reconhecer o barulho da voz do tambor na minha garganta
 Disseram que para falar a língua dos mais velhos devo primeiro cuspir os dentes de leite da minha boca
 Faço um pedido: ao cultivar novos conceitos, posso finalmente dizer algo que valha a pena mastigar
 e eles perguntam como eu aprendo a falar assim
 um continente inteiro florescendo em minha língua, estou aqui só pra mostrar de onde venho
 Sonhos a pé descalços e estradas empoeiradas viajando
 Com o bolso cheio de histórias que começaram primeiro na boca da minha mãe
 Roteiro pronto de dentro de seu útero, imagino que entrei no mundo com poesia nas pontas dos meus dedos
 Dedilhando as cordas de uma melodia que começou muito antes de mim
 Essa herança de palavras que se plantam na base da minha garganta e ali me engasgam ou respiram
 e isso é respirar⁴¹ (SONUGA, 2015).

⁴¹ “*They said I was too young to recognize the trumble of the talking drum in my throat/ Said to speak the language of the elders I must first spit the milk teeth from my mouth/ Make a wish: growing new sets I can finally say something worth chewing on / and they ask how I learn to speak this way/ a whole continent blooming on my tongue I’m just to show you where I’ve come from/ Bare foot dreams and dusty roads running/ With the pocket full of stories that began first in my mother’s mouth/ Script clean from the inside of her womb I imagine that entered the world with poetry on my fingertips/ Strumming the cords of a melody that began long before me/ This inheritance of words that plant themselves in the base of my throat and there me to choke or breath /and this is breathing*” (SONUGA, 2015).

Evocar a imagem da boca ao citar o tambor ecoando na garganta, tão simbólico, como já indicamos com a análise de *Principia*, de Emicida, remete às religiões da África e a tão conhecida forma de percussão africana que presenteou a música mundialmente. Além disso, esse instrumento ressoa como as batidas do coração, um ritmo que vai de dentro para fora. Ele passa pelos dentes de uma criança em seu processo de crescimento e pelas memórias iniciadas nos lábios de sua mãe que permitem o eu-lírico aproximar-se da tradição ancestral africana de contação de histórias oralmente. Sua ancestralidade é manifestada no momento de seu nascimento e sua resistência é precedida de suas primeiras palavras, que gritam sua origem africana.

A simbologia da boca e da garganta unem-se para encadear os últimos versos do poema, que indicam que seu ato de respirar depende das palavras ancestrais aprendidas hereditariamente de seu continente-mãe. Em outras palavras, pensando na metáfora de respirar enquanto existir, lemos que o eu-lírico expressa que sua existência depende da tradição cultural africana.

Ao passo que a resistência inerente de suas origens é referida pelo eu-lírico por meio de sua respiração, encontramos na obra de Gyasi uma resistência sob forma do elemento cordão umbilical. Essa parte do corpo jogada no Atlântico, como debatido, permite Marjorie um vínculo corporal e espiritual com a terra desde o seu nascimento. Assim como o eu-lírico do poema, Marjorie nunca foi nova demais para resistir e viver suas origens ancestrais, pois esse é um movimento intrínseco a ela.

Ashcroft (2001) retoma o conceito de ambivalência de Bhabha em seu estudo para debater que, no campo da resistência, o termo é “o sinal da agência dos colonizados [...] que perturba o impulso monológico do processo de colonização⁴²” (ASHCROFT, 2001, p. 23). Agência essa que não necessariamente precisa ser concentrada em um programa político, mas que é concretizada com a tomada de decisões e com o emprego de estratégias de produção cultural e de formação identitária desses sujeitos subalternos (ASHCROFT, 2001).

Ao refletir sobre a produção cultural de agentes colonizados, abrem-se caminhos para o campo artístico e literário. A resistência discursiva é um caminho pelo qual os sujeitos podem recorrer à arte e à literatura para denunciar sua realidade

⁴² “it is the sign of the agency of the colonized [...] which disrupts the monologic impetus of the colonizing process” (ASHCROFT, 2001, p. 23).

e questionar o poder do opositor. Ashcroft (2001) viabiliza esse conceito e Feldman e Silvestre (2019) o complementam, pensando na existência de uma resistência discursiva direta e indireta. Para elas, a direta trata-se de contextos específicos em que textos ou discursos são criados de modo a denunciar um fato, identificando abertamente o seu alvo.

Por outro lado, a resistência discursiva indireta acontece quando se tem o uso da cultura e da linguagem das artes para questionar a história e fatos da realidade (FELDMAN; SILVESTRE, 2019). Aqui, nenhum indivíduo em particular é focado, ao invés disso, o sujeito minorizado cria uma estratégia discursiva para se defender das normas sociais homogeneizantes europeias, como afirmam as autoras. Consideramos que esse tipo de resistência discursiva se faz presente na obra de Gyasi quando pensamos na maneira oral de transmissão de conhecimentos ancestrais pela personagem Akua.

O método oral de contar as histórias de um povo e de um país é marcante na cultura africana e está diretamente relacionado com a memória dos sujeitos. De acordo com Khonsura A. Wilson (2009), o texto ou a história oral é tomada como sagrada e permanente, pois, uma vez contada, ela é gravada para sempre nos corações e nas mentes dos seus ouvintes. Assim, a memória da audiência fica eternamente marcada por aquela história oralmente transmitida.

Vimos que Marjorie conhece a história de todos os seus antepassados a partir do momento em que sua avó Akua a transmite oralmente. Essa história está inscrita em sua memória e em seu corpo para sempre, desafiando a ordem social e a história que tende a apagar o passado das existências negras. Assim, por mais que a colonização e a escravização tentaram eliminar a memória de Esi, Effia, Ness e de todas as mulheres negras africanas vítimas dos povos brancos e europeus, Akua consegue manter a sua tradição viva por meio da contação do passado de sua família e para todas as suas gerações seguintes.

Outro historiador que contribui para a definição da resistência na literatura é o brasileiro Alfredo Bosi (1996), que realiza um estudo apontando que ela pode ser expressa de duas maneiras: como tema e/ou como processo inerente à escrita. O primeiro tipo refere-se ao que procuramos demonstrar com os exemplos de resistência nas ações e subjetividades das personagens.

A segunda maneira de ocorrência faz da resistência “um movimento interno ao foco narrativo uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto

existencial e histórico” (BOSI, 1996, p. 26). O autor aponta que nessa literatura o sujeito busca expressar a “vida como ela é”, trazendo a tensão realista do mundo no lugar de uma simples rotina social acrítica.

Consideramos que o romance aqui estudado dialoga com as duas perspectivas teóricas acerca da resistência, apresentando em seu conteúdo outro exemplo em que a resistência discursiva indireta estudada por Ashcroft (2001) e Feldman e Silvestre (2019) pode ser constatada, concomitantemente com os dois modos de resistência propostos por Bosi (1996). Sugerimos essa leitura ao contemplar o poema escrito pela personagem Marjorie para sua apresentação no evento de cultura negra promovido pela sua escola:

Aberto o Castelo ao meio,
encontram a mim, encontram você.
Nós, duas, sentimos a areia,
o vento, o ar.
Uma sentiu o açoite. Açoitada,
e embarcada.

Nós, duas, negras.
Eu, você.
Uma brotou do
solo do cacau, nascida da semente,
pele intacta, ainda sangrando.
Nós, duas, atravessamos o mar.
As águas parecem diferentes,
mas são iguais.
Nossas iguais. Pele irmã.
Quem sabia? Eu não. Nem você” (GYASI, 2017, p. 417)

A personagem escreve o poema em um ato de resistência discursiva indireta ao mesmo tempo em que aborda a resistência enquanto temática. Dessa maneira, Marjorie produz um material artístico na tentativa de honrar seus antepassados e trazer discernimento sobre suas dores, indo contra a estrutura hegemônica branca de poder. Interpretamos que o poema trata das duas irmãs, Effia e Esi, que tiveram destinos tão distintos, mas ao mesmo tempo tão próximos.

Esi, “sentiu o açoite” do escravismo e embarcou para longe; Effia “brotou do solo do cacau”, floresceu na África, ainda que o continente ainda estivesse sangrando as consequências da colonização. Consideramos que o poema traz a figura das irmãs como metonímia de todas as gerações seguintes ao abordar que ambas cruzaram o

Atlântico, pois Effia nunca deixou o solo africano, de fato. Segundo a trama, o primeiro descendente da protagonista que deixa o continente é Yaw, pai de Marjorie.

A finalização com caráter crítico implica que mesmo que os destinos das irmãs pareçam distintos, as águas que atravessaram são as mesmas. Ou seja, a opressão sobre Esi começada há séculos ainda é ressoada na contemporaneidade, ela ainda é, de alguma medida, vivenciada por Marjorie, talvez fazendo referência às violências aos corpos negros, sobretudo femininos, que parecem não ter fim.

Ser capaz de denunciar a realidade mediante uma escrita literária é um esforço de resistência e a oportunidade de recitar o poema para um público majoritariamente branco é ainda mais significativo. Assim, argumentamos que a escrita, o ato de recitar e a própria temática da poesia da protagonista podem ser tidos como atos de resistência.

Finalmente, seguindo o mesmo raciocínio do exemplo anterior, defendemos que todo o romance *O caminho de casa* pode servir de ilustração para as palavras de Bosi (1996), Ashcroft (2001) e Feldman e Silvestre (2019). Acreditamos que a escrita de Yaa Gyasi é uma escrita de resistência pelos mesmos motivos que o poema de Marjorie o é. Temos uma mulher negra e descendente de imigrantes que se empenha para trazer um pouco da história de seu país de origem, Gana, criando um percurso desde a colonização e passando por momentos históricos marcantes dos Estados Unidos relacionados aos direitos e às dificuldades enfrentados pelos povos negros.

O ímpeto de resistência da autora precedeu seu nascimento, por ter sido gerado no útero da Mãe-África. Bem como sua ancestralidade, a resistência vocífera de seu corpo e de suas palavras, que tentam realçar o lugar de onde veio e representar seus semelhantes.

Assim como Feldman e Silvestre (2019) defendem, o tipo de resistência discursiva concretizado por Gyasi é capaz de afirmar identidades e despertar identificações entre os sujeitos que consomem essa literatura. Por meio da criação de representações de mulheres negras fortes, seguida da publicação e disseminação de sua obra em diversos países, a autora atinge sujeitos negros de modo a gerar um impulso de empoderamento.

Esse impulso começa na tomada de consciência da opressão quando, por meio de sua escrita, Yaa Gyasi esclarece a história de seu povo, narrando-a sob o ponto de vista do colonizado. O empoderamento tem o potencial de desenvolver-se até

alcançar a tomada de poder pessoal e o convencimento do valor próprio de seus corpos e individualidades, tão discriminados e anulados na sociedade ocidental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construímos uma trajetória até aqui que caminhou pelo histórico dos Estudos Culturais, pela controversa discussão acerca da literatura africana em língua inglesa, até perpassar os trilhos teóricos sobre as particularidades da literatura ganense. No curso do primeiro capítulo, noções gerais sobre o romance *O caminho de casa* (2017), de Yaa Gyasi, objeto deste estudo, foram introduzidas de modo a facilitar a leitura e o entendimento das interpretações tecidas com base nas nuances de sentido que a obra oferece.

A partir da noção de diáspora como dispersão e estabelecimento de pessoas, aproveitamos a sua comparação metafórica com a natureza, pensando no movimento de disseminação de sementes aos ventos, que se enraízam e formam belos frutos e flores. Dessa maneira, no segundo capítulo do estudo constatamos que personagens como Esi e Marjorie passaram pelo processo diaspórico e, ao passo que suas vidas foram transformadas pelo novo território de enraizamento, também foram capazes de influenciar permanentemente seus locais de destino.

A questão identitária foi estudada por meio do processo de ambivalência, o qual estabelece o sujeito minorizado, concomitantemente, como objeto de desejo e objeto de escárnio pelos olhos do opressor. Desse modo, em trechos da obra em que constatamos a estigmatização sexual da personagem Willie e a propagação de estereótipos baseados na ilógica crença da inferioridade intelectual dos negros e da animalização de seus corpos, notamos que não pode haver a afirmação da identidade do dominador como soberano na sociedade, sem a existência e a subjugação dos sujeitos subalternos que compõem a base da pirâmide ideológica social.

Deslocar-se também implica a fragmentação identitária de sujeitos que passam a viver em um espaço intervalar que mistura a memória do passado com as novas experiências no novo local. Marjorie ajudou-nos a entender os efeitos de um processo migratório no contexto de globalização, que promove a fluidez e inconstância das identidades. Além disso, o apego ao passado possibilita a criação de identidades nacionais, como é exemplificado na obra com o caso do bairro do Harlem, local de destino de Willie após imigrar do sul dos Estados Unidos para o norte.

A partir da criação de uma comunidade nacional imaginada, pessoas como Willie encontraram no Harlem um espaço seguro e fecundo para o afloramento de uma expressão artística de si, focando em sua cultura, religião e arte tão contestadas

no decorrer da história. Sobre esse mesmo contexto histórico, discutimos a presença da personagem Marcus como uma referência à figura do líder Marcus Garvey, ativista que atuou como voz da geração dos sujeitos negros estadunidenses na época da Harlem Renaissance.

Ainda no capítulo 2, notamos o papel da questão racial na narrativa, explicitando a relação de cada personagem com suas raças. Assinalamos aqui a trajetória de Abena, cuja morte foi motivada pelo fato de ser negra e ter valores religiosos divergentes dos cristãos, sinalizando a gravidade da colonização europeia africana, que se resumiu à exploração geográfica, humana, ideológica e religiosa. Além disso, chamamos atenção para o debate do colorismo, por intermédio da discussão sobre a personagem Willie e seu marido Robert, que, por possuir um tom de pele negra mais claro que o da esposa, sofria menos preconceito e violências.

Na discussão sobre raça, intersecções como gênero, classe e etnia surgiram de maneira interligada e percebemos que categorias como essas atravessam todas as personagens do romance. No caso de Ness, a compreensão da interseccionalidade propiciou o entendimento dos motivos que levaram mulheres escravizadas a serem utilizadas como objetos sexuais e instrumentos reprodutivos para a obtenção de mais lucros econômicos.

Por outro lado, para Effia, Akua e Abena, mesmo permanecendo no território africano e não sendo submetidas ao regime escravista, verificamos no romance que as interseccionalidades características de cada personagem influenciaram nas suas existências e na maneira como a sociedade as percebia. Ao pensarmos em Effia, notamos que o fato de ser negra e seguir uma religião destoante das crenças cristãs europeias foi criticado por seu marido, que tentou suprimir suas práticas religiosas e culturais.

Além disso, a personagem Abena foi criticada socialmente por não ter se casado e não ter filhos, enquanto a interseccionalidade de idade de Akua a fazia ser considerada jovem demais para tomar decisões autônomas, sendo fadada à alienação de sua cultura original, tendo sua existência moldada pelo projeto missionário que a acolheu e a educou por anos.

Quanto à ancestralidade, desenvolvemos a ideia de que ela não é somente um sentimento comum aos povos negros, mas, sim, componente de suas essências e corpos. A ancestralidade manifesta-se em cada personagem no momento de seu nascimento e é expressa ao longo de suas vidas de duas formas: um desejo de retorno

geográfico à África e com uma retomada das raízes familiares e suas tradições. Para a primeira representação de ancestralidade, utilizamos o exemplo da desterritorialização de Esi e sua aparente melancolia ao lembrar fatos de seu passado e sua aterradora viagem através do Atlântico.

Visitamos a manifestação ancestral por meio do regresso às raízes familiares e suas tradições utilizando-se da metáfora do amuleto de pedra negra dado por Maame para as duas irmãs e passados de geração em geração, bem como a partir da metáfora do fogo presente em momentos cruciais da obra. Para melhor interpretação desses elementos, consideramos a personagem Maame como metonímia para o continente africano. Assim, pensamos na história das irmãs Esi e Effia como representação da experiência africana e seus descendentes desde antes da colonização, até a contemporaneidade, uma vez que elas são responsáveis pela continuação da linhagem familiar e pelo fato de suas vivências perpassarem grandes marcos da história da humanidade.

Suportamos essa análise com a investigação das simbologias conhecidas do elemento pedra, percorrendo desde significações miológicas até bíblicas para a sua compreensão como metáfora da Terra-Mãe africana e a transmissão dos costumes, dos elementos culturais e, sobretudo, da essência dos povos negros, no decorrer dos séculos evocada pela ancestralidade. A respeito do elemento fogo, associamos a sua presença na obra de Gyasi com a morte e nascimento no decorrer da obra, assim como com a ancestralidade que conecta os povos negros a um passado enraizado em suas subjetividades e sua ardência dolorosa inspira as gerações a resistir.

Em contraposição com o fogo, a imagem da água é endereçada no momento em que se discute o retorno para o lar de Marjorie e Marcus, em um momento que sugere o fim de um ciclo. O movimento cíclico da narrativa justifica-se por iniciar com a dispersão da família e a desterritorialização das personagens, e finalizar a narrativa com a união da família, muitas gerações no futuro, com o encontro do caminho de casa. O desfecho da narrativa indica uma redenção para a história familiar e o encontro ancestral das irmãs por meio da união de seus descendentes. Além disso, retomando a relação de Marcus com o ativista Marcus Garvey, interpretamos que a personagem do romance finaliza dentro da literatura um ciclo iniciado pelo ativista no campo da realidade, finalmente, retornando ao lar ancestral africano.

A água é investigada a partir de sua conexão com a travessia histórica do Atlântico pelos sujeitos negros, e a personagem Akua é a responsável por ressignificar

essa experiência traumática para algo positivo. Ela observa a água como um meio de os corpos negros regressarem à sua casa original, mesmo após tantos séculos separados. Por essa razão, cria um ritual de retorno ao lar para sua neta Marjorie, que, posteriormente é executado juntamente com Marcus.

Por fim, concluímos o estudo com a esperança de resistência, abordando fragmentos da narrativa em que atos de tenacidade são percebidos, seja em razão da temática abordada ou em razão do processo de escrita que adota caráter de resistência. Como exemplo da manifestação temática, destacamos o esforço de resistência de Ness para fugir com sua família da fazenda onde eram explorados, rejeitando sua escravização e combatendo o poder opressor por meio da tentativa de fuga.

Quanto ao ato de resistir inerente ao processo de escrita, citamos o poema de Marjorie, considerado um material artístico com o objetivo de honrar seus antepassados e trazer discernimento sobre suas dores, desafiando, ao mesmo tempo, a estrutura hegemônica branca de poder. Seguindo a mesma lógica, defendemos que Yaa Gyasi também cria um texto de resistência quando escreve *O caminho de casa*, representando as vivências desafiadoras de ser negra no decorrer da história e nos dias atuais. A autora demonstra, com suas personagens, que a escravidão não está completamente finalizada, visto que ainda são claros os seus impactos na sociedade. Suas palavras ancestrais são capazes de iluminar a história de seu povo e de sua resistência, conscientizando pessoas sobre narrativas esquecidas e empoderando, sobretudo, mulheres negras a resistir.

Após essa longa jornada, temos ciência que, por se tratar de uma obra literária de qualidade, as interpretações e discussões a respeito do romance *O caminho de casa* são infundáveis. Nunca objetivamos esgotar os sentidos possíveis de análise, apenas ambicionamos realizar um recorte temático acerca da diáspora, identidade e da ancestralidade. Pensando nisso, reconhecemos a abundância de abordagens que são possíveis ao lidar com a obra de Yaa Gyasi. Estudos posteriores, ainda seguindo semelhante temática, poderiam focar apenas nas personagens masculinas, por exemplo. Outras pesquisas poderiam tratar apenas nas personagens Effia, Esi, Marjorie e Marcus, visto que são essas que iniciam e concluem a narração.

Ainda, distanciando dos temas endereçados, uma infinidade de perspectivas poderia guiar a aproximação da obra. Por exemplo, acreditamos ser fecunda a discussão acerca da homossexualidade na obra, pensando na personagem Quey.

Outra ideia frutífera seria um estudo histórico das particularidades políticas e culturais da sociedade ganense antes da colonização, ou, até mesmo, em contraposição com o cenário contemporâneo.

Além disso, abordagens diferentes poderiam assumir um olhar diacrônico histórico de contextos representados na obra, como o processo de garantia dos direitos civis de cidadãos negros nos Estados Unidos, a Guerra Civil americana, a construção do Harlem e assim por diante. É possível, também, o debate a respeito da problemática do uso de drogas pelas populações negras dos Estados Unidos, bem como da questão complexa de encarceramento de sujeitos negros na história.

Por compreender um período de tempo extenso, o romance *O caminho de casa* percorre momentos históricos significantes que, por vezes, são explorados com profundidade na obra e, em outros momentos, são apenas mencionados. Compreendemos que a riqueza de detalhes arquitetada pela autora viabiliza argumentações de inúmeros temas e, a cada leitura, novas interpretações e possibilidades são evocadas pelo leitor.

Por essa razão, confessamos que as exposições que compõem este estudo não representam com totalidade a imensidão de sentidos possíveis na análise. A tentativa de captar a identidade das personagens femininas da narrativa, em relação ao seu histórico de diáspora e à ancestralidade inerente as suas subjetividades, foi realizada a partir das concepções da pesquisadora e das aproximações teóricas da obra com referências do campo de estudo de seu interesse. Como produto final, acreditamos que esta dissertação seja capaz de contribuir para a fortuna crítica da obra *O caminho de casa* e colaborar com a comunidade acadêmica, sobretudo nos estudos referentes à cultura, à literatura pós-colonial, à diáspora, à raça e intersecções de gênero e classe.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. English and the African Writer. **Transition**, n. 75/76, 1997. pp. 342–49. <https://doi.org/10.2307/2935429>.

ADEBANWI, Wale. Death, national memory and the social construction of heroism. **The Journal of African History**. Vol. 49, n. 3, nov. 2008, p. 419-444. <https://doi.org/10.1017/S0021853708003642>.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGYEKUM, Kofi. The Sociolinguistic of Akan Personal Names. **Nordic Journal of African Studies**. Vol 15, n. 2, 2006. <https://doi.org/10.53228/njas.v15i2.24>

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Feminismos plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ANGELOU, Maya. **Poesia completa**. Tradução de Lubi Prates. São Paulo: Astral cultural, 2020.

ANTUNES, Gabriella Gargalhão. Escravidão e Diáspora: Uma Análise de O *Caminho De Casa*, de Yaa Gyasi. **Revista (Entre Parênteses)**, v. 9, n. 2, 10 dez. 2020. <https://doi.org/10.32988/rep.v2n9.1208>.

ANYIDOHO, Kofi. National Identity and the Language of Metaphor. In: ANYIDOHO, Kofi; GIBBS, James. (Eds.). **FonTomFrom: Contemporary Ghanaian Literature, Theatre and Film**. Amsterdam & Atalanta: Editions Rodopi, 2000.

ASHCROFT, Bill. **Post-colonial transformation**. London and New York: Routledge, 2001.

ASHCROFT, Bill. GRIFFITHS, Gareth. TIFFIN, Helen. **Key concepts in post-colonial studies**. 2 ed. London and New York: Routledge, 2007.

BENNETT, Brit. **A Metade Perdida**. Tradução de Thaís Britto. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BLAY, Yaba Amgborale. Color Symbolism. In: ASANTE, Molefi Kete; MAZAMA, Ama (eds.). **Encyclopedia of African religion**. Los Angeles: SAGE Publications Ltd., 2009.

BLAY, Yaba Amgborale. Asase Yaa. In: ASANTE, Molefi Kete; MAZAMA, Ama (eds.). **Encyclopedia of African religion**. Los Angeles: SAGE Publications Ltd., 2009.

BOSCH, Joana Maria Cañellas i. **Taking Away Your Name Is the First Step: The Transgenerational Trauma of Slavery and the Shaping of Identity in Yaa Gyasi's *Homegoing***. Grau d' Estudis Anglesos. Universitat de les Illes Balears, Balearic Islands, 2018. Disponível em: <https://dspace.uib.es/xmlui/bitstream/handle/11201/152509/Canellas_Bosch_Joana_Maria.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 ago. 2022.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. **Itinerários**, Araraquara, n. 10, p. 11-27, 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 16.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BRAH, Avtar. Diaspora, border and transnational identities. In: _____. **Cartographies of diaspora: contesting identities**. London: Routledge, 2005, p. 178-210.

CARROLL, Anne Elizabeth. **Word, Image, and the New Negro: Representation and Identity in the Harlem Renaissance**. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 2005.

CÉSAR, Chico. Chico César. **Mama África (Remasterizado)**. YouTube, 2022. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=xKL_aJEcNJg > Acesso em: 10 nov. 2022

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre os Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raúl de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CLARKE, John Henrik. Marcus Garvey: The Harlem Years. **Transition**, n. 46, 1974. <https://doi.org/10.2307/2934951>

COFFIE, Amanda. The African Diaspora and Women's Struggles in Africa. In: YACOB-HALISO, Olajumke; FALOLA, Toyin. (eds) **The Palgrave Handbook of African Women's Studies**. Cham, Suíça: Palgrave Macmillan, 2020. https://doi.org/10.1007/978-3-319-77030-7_19-1.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo. 1 ed. 2021.

COSTA, Najara Lima. Colorismo. **Revista Raça**. 29 ago. 2018. Redação. Disponível em: <<https://revistaraca.com.br/colorismo/>>. Acesso em: 20 set. 2022.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: uma introdução. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

DAVIS, Angela. **Mulher, classe e raça**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo/SP: Boitempo, 2016

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. Feminismos plurais. 1 ed. São Paulo, Jandaíra: Sueli Carneiro, 2021.

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO. Prefeitura amplia vocação de Maringá como cidade plural e acolhedora. **Prefeitura de Maringá**, 2021, Disponível em: <<http://www.maringa.pr.gov.br/site/noticias/2021/06/25/prefeitura-amplia-vocacao-de-maringa-como-cidade-plural-e-acolhedora/37874>> Acesso em: 02 fev. 2023.

EMICIDA. Emicida. **Principia** (part. Pastor Henrique Vieira, Fabiana Cozza, Pastoras do Rosário). YouTube, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kjggvv0xM8Q&t=3s>> Acesso em: 10 nov. 2022.

FELDMAN, Alba Krishna Topan; SILVESTRE, Nelci Alves Coelho. Estratégias de resistência, sobrevivência e continuidade no discurso de grupos étnicos colonizados: reflexões teóricas. In: FELDMAN, Alba Krishna Topan; MUNHOZ, Ruan Fellipe (Org.). **Perspectivas multiculturais e pós-coloniais**: irrompendo a literatura convencional. Maringá: Editora Trema, 2019.

GEARY, Devin M. **Transnationalism and Identity**: The Concept of Community in Ghanaian Literature and Contemporary Ghanaian Culture. Honors Theses – Comparative Humanities, Bucknell University, Lewisburg, Pennsylvania, 2012. Disponível em: <https://digitalcommons.bucknell.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1100&context=honors_theses>. Acesso em: 30 ago. 2022.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. Modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo, Rio de Janeiro, Editora 34/ Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOCKING, Roger. **History of Ghana**. Greenwood Press, Connecticut, 2005.

GREGORY, James. **The southern diaspora**: How the migrations of black and white southerners transformed America. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2005.

GYASI, Yaa. **O caminho de casa**. Tradução de Waldéa Barcellos. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

GYASI, Yaa. **Powell's Interview**: Yaa Gyasi of Homegoing. [Entrevista concedida a Jill Owens]. Mai, 2016. Disponível em:

<<https://www.powells.com/post/interviews/powells-interview-yaa-gyasi-of-homegoing->>. Acesso em: 10 mai. 2022.

GYASI, Yaa. **The Rumpus Interview With Yaa Gyasi**. [Entrevista concedida a The Rumpus]. Jun, 2016. Disponível em:<<https://therumpus.net/2016/07/29/the-rumpus-interview-with-yaa-gyasi/>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

HAENSELL, Dominique. A Painful Notion of Time – Conveying Black Temporality in Yaa Gyasi's Homegoing". In: _____. **Making Black History: Diasporic Fiction in the Moment of Afropolitanism**. Berlin, Boston: De Gruyter, 2021, pp. 150-203. <https://doi.org/10.1515/9783110722093-005>.

HAENSELL, Dominique. **TOO MUCH FUTURE? TIME'S ONLY NOW: Temporality, Haunting and Resurrection in Yaa Gyasi's Homegoing** (2016). John F. Kennedy Institute, FU Berlin. Berlin, s.d.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultural Studies 1983: a theoretical history**. Durham: Duke University Press, 2016.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HEINZ, Sarah. Beyond Sedentarism and Nomadology: Yaa Gyasi's Homegoing and the Ambivalent Desire for Home. **Kulturwissenschaftliche Zeitschrift**, vol. 5, n. 1, 2020, pp.119-132. <https://doi.org/10.2478/kwg-2020-0030>.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Bhuvli Libanio. 15. Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2021.

HOOKS, Bell. Preface about black men: don't believe the hype. In: _____. **We real cool: Black men and masculinity**. New York: Routledge, 2004.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAMESON, Fredric. Pós-modernidade e sociedade de consumo. Tradução de Vinicius Dantas. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 12, jun. 1985, pp.16-26

JULIEN, Eileen. African Literature. In: MARTIN, Phyllis M.; O'MEARA, Patrick. **Africa**, 3 ed. Bloomington: Indiana University Press, 1995, pp. 295-312.

KAKUTANI, Michiko. Review: In 'Homegoing', 'What Slavery Costs One Family. **The New York Times**, 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/06/14/books/review-homegoing-by-yaa-gyasi.html>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

KRISHNAN, Madhu. **Contemporary African Literature in English: Global Locations, Postcolonial Identifications**. London: Palgrave Macmillan, 2014.

KUMAH-ABIWU, Felix; OCHWA-ECHEL, James R. Rethinking the Ideas of Pan-Africanism and African Unity: A Theoretical Perspective of Kwame Nkrumah's Leadership Traits and Decision Making. **Faculty Research and Creative Activity**, 2013. Disponível em: <https://thekeep.eiu.edu/afriamer_fac/1>. Acesso em: 19 mai. 2022.

KUUMBA, M. Bahati. Introduction: African Feminisms in Exile: Diasporan, Transnational and Transgressive. **Agenda Feminist Media: Empowering Women for Gender Equity**, n. 58, African Feminisms Three, 2003, pp. 3-11.

LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. **Africa: Revista do Centro de Estudos Africanos**. USP, São Paulo, v. 18-19, n. 1: pp. 103-118, 1995/1996

LEVY, Patricia; WONG, Winnie. **Ghana**. 2 ed. New York: Marshall Cavendish Benchmark, 2010.

LILLY, Weckea. Fire. In: ASANTE, Molefi Kete; MAZAMA, Ama (eds.). **Encyclopedia of African religion**. Los Angeles: SAGE Publications Ltd., 2009.

MARTIN, Denise. Rocks and stones. In: ASANTE, Molefi Kete; MAZAMA, Ama (eds.). **Encyclopedia of African religion**. Los Angeles: SAGE Publications Ltd., 2009.

MAZAMA, Ama. Ogun. In: ASANTE, Molefi Kete; MAZAMA, Ama (eds.). **Encyclopedia of African religion**. Los Angeles: SAGE Publications Ltd., 2009.

MILLER, Frederic P.; VANDOME, Agnes F.; MCBREWSTER, John. (Eds). **History of Ghana**. United States of America; United Kingdom; Germany: Alphascript Publishing, 2009.

MOTAHANE, Nonki; NYAMBI, Oliver; MAKOMBE, Rodwell. Rooting routes to trans-Atlantic African identities: the metaphor of female descendancy in Yaa Gyasi's Homegoing, **African Identities**, v. 19, n. 1, 2021. pp. 17-30. <https://doi.org/10.1080/14725843.2020.1788505>.

MURPHY, Laura T. **Metaphor and the Slave Trade in West African Literature**. Athens, Ohio: Ohio University Press, 2012.

NEHUSI, Kimani S. K. Water. In: ASANTE, Molefi Kete; MAZAMA, Ama (eds.). **Encyclopedia of African religion**. Los Angeles: SAGE Publications Ltd., 2009.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. 353f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2005.

OPOKU-AGYEMANG, Kwadwo. Cape Coast Castle: The Edifice and the Metaphor. In: ANYIDOHO, Kofi; GIBBS, James. (Eds.). **FonTomFrom: Contemporary Ghanaian Literature, Theatre and Film**. Amsterdam & Atalanta: Editions Rodopi, 2000.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: Relatos de viagem e transculturação**. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierrez. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

REIS, Michele. Theorizing diaspora: perspectives on “classical” and “contemporary” diaspora. **International Migration**, v. 42, n. 2, 2004. Oxford: Blackwell, 2004. pp. 42-54. <https://doi.org/10.1111/j.0020-7985.2004.00280.x>.

SACKEYFIO, Rose A. Memory, identity, and return in Yaa Gyasi’s *Homegoing*. In: _____. **African Women Writing Diaspora: Transnational Perspectives in the Twenty-first century**. Lanham, Maryland: Lexington Books, 2021.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação & Sociedade**. Ano XXI, n. 71, jul, 2000. p.166-193. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200008>.

SONUGA, Titilope. Titilope Sonuga. **Intro**. YouTube, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3MNib4WiuuY>>. Acesso em: 30 nov. 2022

SUSSMAN, Robert. W. **The myth of race: the troubling persistence of an unscientific idea**. Harvard College Press: 2014.

THOMAS, Angie. **O Ódio que Você Semeia**. Tradução de Regiane Winarski - 14a. ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2020.

TITAN JUNIOR, Samuel. Que é uma nação?, de Ernest Renan. **Plural**, [S. l.], v. 4, n. 1, 1997. p. 154-175. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.1997.75901>.

UMEBINYUO, Ijeoma. **Questions for Ada**. Ed. Createspace Independent Publishing Platform, 2015.

VAN DIJK, Teun A. Introdução. IN: In: _____ (org.). **Racismo e discurso na América Latina**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

VANALI, Ana Crhistina; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Ações afirmativas na pós-graduação *stricto sensu*: análise da Universidade Federal do Paraná. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, V. 49, n. 171, p. 86-108, jan./mar. 2019. <https://doi.org/10.1590/198053145911>

VICENTE, Emerson. Brasil já conta com 32 universidades com vagas específicas para refugiados. **Folha de São Paulo**, 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/brasil-ja-conta-com-32-universidades-com-vagas-especificas-para-refugiados.shtml>>. Acesso em: 02 fev. 2023.

WELNHOFER, Nathaniel. The Shadow of Slavery: A Look into How Homegoing Depicts the Structural Oppression Apparent in American and Ghanaian Society. **First Class: A Journal of First-Year Composition**, 2017. Disponível em: <<https://dsc.duq.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1002&context=first-class>>. Acesso em: 30 ago. 2022.

WILKERSON, Isabel. The Long-Lasting Legacy of the Great Migration, **Smithsonian Magazine**, set. 2016. Disponível em: <<https://www.smithsonianmag.com/history/long-lasting-legacy-greatmigration-180960118>>. Acesso em: 11 ago. 2022.

WILSON, Khonsura A. Oral text. In: ASANTE, Molefi Kete; MAZAMA, Ama (eds.). **Encyclopedia of African religion**. Los Angeles: SAGE Publications Ltd., 2009.

WINATA, Siulienda. **Pan-Africanism as a principle to overcome double consciousness in African Diaspora subjects: a post-colonial Reading of Gyasi's Homegoing**. TCC – Graduação em English Letters, Departamento de English Letters, Sanata Dharma University, 2020. Disponível em: <<http://repository.usd.ac.id/37777/>>. Acesso em: 30 ago. 2022.